The background of the entire page is a collage of four images. Each image shows a globe of the Earth being held by multiple hands of different skin tones. The images are arranged in a 2x2 grid. The top-left and bottom-left images show a globe held by several hands against a dark background. The top-right and bottom-right images show a globe held by several hands against a light purple background.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**PRÁTICAS SÓCIO-AMBIENTAIS NO ESPAÇO ESCOLAR:
uma reflexão sobre a percepção dos usuários de
duas escolas do ensino fundamental em João Pessoa, Paraíba**

FLAVIA GIANGIULIO TAVEIRA

Orientadora:
Prof. Dra. GLEICE ELALI

Natal
Março 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às bravas mulheres da minha vida:
Nilda, minha mãe (in memorian);
Rosa, minha mãe do coração;
minhas avós Hilda e Ofélia (ambas in memorian);
Camila, irmã e companheira;
minhas filhas Natália, Bruna e Milena (anjos);
Claudiana, amiga e irmã.
A todas pela força, incentivo e principalmente exemplo,
este é o meu jeito de dizer que as amo.*

AGRADECIMENTOS

Ao completar mais este passo da caminhada na minha vida, sinto-me no dever de compartilhar a felicidade com aqueles que me incentivaram no percorrer deste trajeto, a quem agora, em poucas palavras, agradeço.

À amiga, educadora e orientadora Profa. Dra. Gleice Elali (UFRN), pelos ensinamentos, estímulo, paciência, apoio e acima de tudo pela confiança.

A amiga especial, mestra Claudiana Leal, por compartilhar comigo as alegrias das conquistas e os azedumes do voltar a estudar e dedicar-se a um sonho.

Pela grande ajuda, carinho e competência dos amigos e companheiros de profissão, mestres Paulo Peregrino (irmão) e Janine Holmes, na elaboração dos desenhos deste trabalho.

Ao meu pai, Célio Taveira Filho, pela confiança e auxílio nas horas de difícil permanência no exercício do bem e ética, chorando e sorrindo comigo.

A todos aqueles que contribuíram com palavras positivas, abraços carinhosos e sorrisos gratificantes e que não estão registrados neste papel, mas sim no meu coração e pensamento, para que saibam das suas importantes presenças neste trabalho.

A Espiritualidade maior a quem sempre pedi equilíbrio e discernimento na hora da escolha dos caminhos a serem seguidos e, acima de tudo, a Deus, por me ter presenteado com uma família compreensiva e amigos verdadeiros.

TAVEIRA, Flavia Giangiulio. *Práticas sócio-ambientais no espaço escolar: uma reflexão sobre a percepção dos usuários de duas escolas do ensino fundamental em João Pessoa, Paraíba*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN). Natal-RN, março/2008.

RESUMO

No momento sócio-histórico que vivemos é cada vez mais evidente a necessidade das pessoas aprenderem a lidar com o meio ambiente de modo consciente, cuidando de si próprias através dele. Nesse sentido, considerando a escola como um local onde crianças, jovens e adolescentes passam grande parte do seu tempo, esta dissertação teve como objetivo discutir a percepção do ambiente escolar por estudantes, professores e funcionários de duas escolas de João Pessoa - o Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Emílio Garrastazu Médici. Partindo-se do pressuposto que os ambientes nos quais e com os quais as pessoas convivem refletem suas práticas cotidianas, o trabalho de campo buscou identificar as práticas sócio-ambientais que caracterizam a relação desses usuários com a escola e, a partir dessa compreensão, inferir algumas de suas preocupações com relação ao meio ambiente como um todo. Para analisar a utilização do espaço físico disponível nas duas instituições optou-se pela Avaliação Pós-Ocupação, uma das abordagens que retro alimentam o processo de produção de edifícios ou conjunto edificado, resgatando aspectos ligados ao seu uso, operação e manutenção. Além de se analisar diversos ambientes escolares (como sala de aula, circulações/ acessos, biblioteca, espaços pedagógicos e esportivos) quanto ao conforto ambiental e as percepções dos principais usuários das escolas (alunos, professores e funcionários), a dissertação procurou averiguar o cuidado (educação ambiental) desses usuários com o espaço escolar. De modo geral verificou-se que as duas escolas têm avaliações e percepções bem diferentes por quatro motivos: (i) gestão das escolas; (ii) percepção dos usuários; (iii) localização das escolas e (iv) sentimento de lugar, territorialidade e apropriação.

Palavras-chave: espaço escolar; educação ambiental; avaliação pós-ocupação; cuidado com a escola

TAVEIRA, Flavia Giangiulio. *Social-environmental practices at school: a reflexion about the users' perception of two schools in João Pessoa, Paraíba, Brasil.* Master's thesis. Post graduation Progra in Architecture and Urbanisme of the Federal University of Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN). Natal-RN, march/2008.

ABSTRACT

In the social-historical moment we live in, it is each time more evident the necessity of the people to learn to deal with the environment in conscientious way, taking care of themselves properly through it. In this direction, considering the school as a place where children, young and adolescents spend great part of their time, this work had as objective to examine the perception of school environment for students, professors and employees of two schools in João Pessoa city - *Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário* and *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Emílio Garrastazu Médici* (Experimental State Center of Learning-teaching Sesquicentenário and Basic and High State School Education Emilio Garrastazu Médici President). From the presupposed that the environments in which and with which people live reflect their daily practices, the field work searched to identify the social-environmental practices that characterize the relation of these users with the school and, from this understanding, to infer some of their concerns regarding the environment as a whole. To analyze the use of the available physical space in the two institutions it was opted the use of the After-Occupation Evaluation, one of the approaches that feed the process of building production or built set, rescuing aspects related to its use, operation and maintenance. Besides analyzing diverse school environments (such as classroom, circulations/accesses, library, pedagogical and sportive spaces) in relation to the environmental comfort and the perceptions of the main users of the schools (pupils, professors and employees), the dissertation tried to inquire the care (ambient education) of these users with the school space. In general, it was verified that the two schools have evaluations and perceptions really different for four reasons: (i) management of the schools; (ii) the users perception; (III) localization of schools and (IV) feeling of place, territoriality and appropriation.

Word-key: school space; ambient education; after-occupation evaluation; school care.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE – Associação Brasileira de Educação

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

APAN – Associação Paraibana dos Amigos da Natureza

APO – Avaliação Pós-Ocupação

ASA – Atividades Sócio Ambientais

CEEEA – Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário

EA – Educação Ambiental

EEEFMPM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Emílio Garrastazu Médici.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MÉDICI - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Emílio Garrastazu Médici.

MMA – Ministério do Meio Ambiente

ONG'S – Organizações Não Governamentais

PB - Paraíba

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEA – Programa Escola Aberta

PNE – Plano Nacional de Educação

PNUD-MA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

PPGAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PPP – Plano Político Pedagógico

PRONEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

RN – Rio Grande do Norte

SEMA – Secretaria Especial do Meio Ambiente

SESQUI - Escola Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário

UICN – União Internacional para a Conservação da Natureza

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

WWF – Fundo Mundial para a Natureza

RELAÇÃO DE FIGURAS

	Pg.	
Figura 4.1	Localização da escola Sesqui	42
Figura 4.2	Planta baixa da escola Sesqui	43
Figura 5.1	Localização da escola Médici	72
Figura 5.2	Planta baixa da escola Médici	73

RELAÇÃO DE FOTOS

	Pg.	
Foto 4.1	Sesqui - Entrada da escola	47
Foto 4.2	Sesqui - Entrada da escola	47
Foto 4.3	Sesqui – Circulação do acesso à escola	47
Foto 4.4	Sesqui – Wc feminino	47
Foto 4.5	Sesqui - Bloco da 8 série	48
Foto 4.6	Sesqui - Ausência de arborização e pavimentação	48
Foto 4.7	Sesqui - Ausência de cobertas entre os blocos	48
Foto 4.8	Sesqui - Acesso ao wc	48
Foto 4.9	Sesqui - Acesso aos sanitários	48
Foto 4.10	Sesqui – Iluminação wc	48
Foto 4.11	Sesqui – Vestígio comportamental	49
Foto 4.12	Sesqui – Vestígio comportamental	49
Foto 5.1	Médici - Entrada da escola	74
Foto 5.2	Médici - Área de estacionamento	74
Foto 5.3	Médici – Circulação de acesso à escola	74
Foto 5.4	Médici - Acesso à biblioteca	74
Foto 5.5	Médici - Espera do consultório odontológico	74
Foto 5.6	Médici - Consultório odontológico	74
Foto 5.7	Médici - Médici – Biblioteca	75
Foto 5.8	Médici - Ausência de arborização	75
Foto 5.9	Médici – Auditório	75
Foto 5.10	Médici – Refeitório	75
Foto 5.11	Médici - Alunos à espera das aulas	75
Foto 5.12	Médici - Acesso ao ginásio	75
Foto 5.13	Médici - Acesso aos wc's	75
Foto 5.14	Médici - Iluminação wc	75
Foto 5.15	Médici - Acesso aos sanitários	76
Foto 5.16	Médici - Quadras externas	76
Foto 5.17	Médici – Almojarifado	88
Foto 5.18	Médici - Detalhe fechamento da “abertura” almojarifado	88

Foto 5.19	Médici – Secretaria	88
Foto 5.20	Médici - Detalhe da grade da janela do depósito	88
Foto 6.1	Sesqui – Grupo focal	109
Foto 6.2	Sesqui – Grupo focal	109
Foto 6.3	Sesqui – Grupo focal	109
Foto 6.4	Sesqui – Grupo focal	109
Foto 6.5	Médici – Grupo focal	111
Foto 6.6	Médici – Grupo focal	111
Foto 6.7	Médici – Grupo focal	111
Foto 6.8	Médici – Grupo focal	111

RELAÇÃO DE GRÁFICOS

	Pg.
Gráfico 4.1 Sesqui - Aluno: Escolha da escola	51
Gráfico 4.2 Sesqui - Aluno: Avaliação geral	51
Gráfico 4.3 Sesqui - Aluno: Avaliação dos ambientes	52
Gráfico 4.4 Sesqui - Aluno: Avaliação do conforto ambiental	53
Gráfico 4.5 Sesqui - Professor: Escolha da escola	57
Gráfico 4.6 Sesqui - Professor: Avaliação geral	58
Gráfico 4.7 Sesqui - Professor: Avaliação dos ambientes	59
Gráfico 4.8 Sesqui - Professor: Avaliação do conforto ambiental	59
Gráfico 4.9 Sesqui - Funcionário: Escolha da escola	63
Gráfico 4.10 Sesqui - Funcionário: Avaliação geral	64
Gráfico 4.11 Sesqui - Funcionário: Avaliação dos ambientes	64
Gráfico 4.12 Sesqui - Funcionário: Avaliação do conforto ambiental	65
Gráfico 5.1 Médici – Aluno: Escolha da escola	77
Gráfico 5.2 Médici – Aluno: Avaliação geral	78
Gráfico 5.3 Médici – Aluno: Avaliação dos ambientes	79
Gráfico 5.4 Médici – Aluno: Avaliação do conforto ambiental	80
Gráfico 5.5 Médici – Professor: Escolha da escola	86
Gráfico 5.6 Médici – Professor: Avaliação geral	86
Gráfico 5.7 Médici – Professor: Avaliação dos ambientes	87
Gráfico 5.8 Médici – Professor: Avaliação do conforto ambiental	89
Gráfico 5.9 Médici – Funcionário: Escolha da escola	92
Gráfico 5.10 Médici – Funcionário: Avaliação geral	93
Gráfico 5.11 Médici – Funcionário: Avaliação dos ambientes	94
Gráfico 5.12 Médici – Funcionário: Avaliação do conforto ambiental	95

RELAÇÃO DE QUADROS

	Pg.	
Quadro 6.1	Comparação entre as escolas Sesqui e Médici	99
Quadro 6.2	Percepção de alguns ambientes na escola Sesqui	100
Quadro 6.3	Percepção de alguns ambientes na escola Médici	101
Quadro 6.4	Comparação entre as respostas dos alunos das escolas Sesqui e Médici – dados gerais	103
Quadro 6.5	Comparação entre as respostas dos alunos das escolas Sesqui e Médici – quanto às ASA	103
Quadro 6.6	Comparação entre os professores das escolas Sesqui e Médici – dados gerais	104
Quadro 6.7	Comparação entre os professores das escolas Sesqui e Médici – quanto às ASA	105
Quadro 6.8	Comparação entre os funcionários das escolas Sesqui e Médici – dados gerais	106
Quadro 6.9	Comparação entre os funcionários das escolas Sesqui e Médici – quanto às ASA	107

SUMÁRIO

	Pg.
Dedicatória	02
Agradecimentos	03
Resumo	04
Abstract	05
Lista de abreviaturas e siglas	06
Relação de Figuras	07
Relação de Fotos	08
Relação de Gráficos	10
Relação de Quadros	11
1. INTRODUÇÃO	14
2. FALANDO EM ESCOLA	19
2.1. RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE NO ÂMBITO ESCOLAR	22
2.2. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A ESCOLA	28
3. AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO: UM MODO DE ABORDAGEM DA QUESTÃO	33
3.1. DEFININDO ESTRATÉGIAS	35
4. ESCOLA ESTADUAL EXPERIMENTAL DE ENSINO-APRENDIZAGEM (SESQUI) - RESULTADOS	40
4.1. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA	40
4.2. A OPINIÃO DOS USUÁRIOS	49
4.2.1. Com a palavra os estudantes	49
4.2.2. O que dizem os professores	56
4.2.3. A vez dos funcionários	62
5. ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PRESIDENTE MÉDICI (EEEMédici)- RESULTADOS	67
5.1. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA	67
5.2. A OPINIÃO DOS USUÁRIOS	76
5.2.1. Com a palavra os estudantes	76
5.2.2. O que dizem os professores	85

5.2.3. A vez dos funcionários	92
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	98
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Em sua evolução, o ser humano procura continuamente o seu bem estar, seja físico, psicológico ou espiritual, através de uma busca que não é necessariamente completa, pois varia conforme a cultura e a organização sócio-político-econômica do contexto em que a pessoa se encontra.

Visando esse bem estar, atualmente o meio ambiente é uma das grandes preocupações da sociedade, envolvendo desde pesquisadores e ambientalistas até pessoas leigas, como donas-de-casa, operários e estudantes, enfim, todos que, de uma maneira ou de outra, se inquietam com a qualidade de vida.

Nesse contexto, a compreensão de como o ser humano apreende o espaço em que vive e como este ambiente influencia no seu comportamento são fundamentais para o surgimento de uma arquitetura e um urbanismo mais condizente com os desejos dos seus usuários, fornecendo uma estrutura espaço-temporal adequada à ação humana (AZEVEDO, RHEINGANTZ e LEOPOLDO, 2004).

Inseridas nessa discussão (atual e urgente) estão questões que envolvem o futuro não só da sociedade, mas do próprio planeta, tais como a implantação de programas de sustentabilidade, acessibilidade, reciclagem de resíduos, garantia de biodiversidade, entre outros. Além disso, ao induzir as pessoas a (re) pensarem criticamente suas relações com o planeta no presente e no futuro, o respeito/cuidado com o meio ambiente passa a ligar-se intimamente ao pleno exercício da cidadania e à disseminação da ética social. (SANTOS, 2003)

Nesse sentido, a arquitetura escolar e os cuidados com o ambiente da escola podem (e devem) ser entendidos como programas educadores, ou seja, elementos educativos menos visíveis ou silenciosos. Ou seja, se admiti que o espaço não seja neutro (FRAGO e ESCOLANO, 1998), alça-se ao arquiteto o papel de educador, que transmite seus ensinamentos através das formas que concebeu. Resulta daí o interesse de inúmeros autores (e inclusive dessa dissertação) pela análise conjunta desses aspectos – espaço escolar e educação – e suas implicações recíprocas.

Além disso, estabelecer uma ética social sobre o meio ambiente não é somente uma questão a mais no currículo escolar, tornou-se uma necessidade associada ao sentido da construção dos sentidos humanos (TRISTÃO, 2002), uma vez que, como diz Carlota Boto (2003), definir a identidade da escola como instituição é indagar dela o seu projeto, entender

suas relações com o meio social e compreender o que seus diferentes atores e seus contemporâneos esperam dela.

No âmbito escolar, tais ações remetem à educação ambiental, matéria transdisciplinar presente em quase a totalidade dos planos políticos pedagógicos das escolas brasileiras de nível fundamental. Mas o que ocorre, de fato, entre os ideais teóricos que são continuamente divulgados e sua inclusão prática nas ações cotidianas, como seria o simples cuidado com o local em que se vive?

Apesar dos apelos e do conteúdo disseminados pelo fomento a esse tipo de atuação, os índices de violência e de vandalismo com o prédio escolar têm aumentado, sobretudo nas escolas públicas, como é fácil constatar-se simplesmente ao ler um jornal. Uma matéria veiculada na Revista Nova Escola de março de 2007, por exemplo, discute a percepção de alguns alunos com relação ao prédio escolar, sendo assustador constatar-se que eles se referem aos setores de aula como “o pavilhão”, comparando-os às alas de uma prisão (BENCINI; BORDAS, 2007).

Por outro lado, em algumas localidades esse quadro parece estar sendo revertidos, a partir da participação da comunidade e da atuação de Organizações Não Governamentais (ONG's) e/ou programas ligados à sociedade civil, como acontece, por exemplo, o programa “Amigos da Escola”.

De fato, depois da vivência familiar, a escola é o próximo ambiente que permite ao ser humano se envolver em uma experiência coletiva, correspondendo a um dos principais agentes socializadores que atuam junto à infância e à juventude.

Na minha vivência, lembro-me, das cores, dos sabores, dos odores, dos sons, dos móveis da minha infância, na qual o grupo escolar foi uma experiência única, realmente a continuação da minha casa, pois tanto eu quanto meus pais fazíamos parte dessa realidade. Conhecia todos os recantos, dos habituais (sala de aula e pátios) aos mais “tenebrosos” (como a sala do diretor, o “Seu Mário”), passando pelo lugar onde ficava o funcionário responsável pela manutenção das carteiras (o “Seu Severino”). Além de estudar, fazia educação física, participava de campanhas e mutirões para organizar, pintar, arrumar a própria escola, saía à cata de jornais e mantimentos. Reunia-me na biblioteca para preparar jogral ou uma peça teatral. Recordo-me, ainda, de uma aula de ciências em que fizemos a dissecação de um sapo, animal raro numa capital metropolitana onde predomina o asfalto, ou tomando vacina na campanha estadual contra meningite.

Esse tipo de experiência pessoal me faz pensar naquele ambiente escolar como um dos mais importantes construtores da pessoa que hoje sou, de modo que me causa enorme

estranhamento notar que as novas gerações podem ter uma percepção totalmente diferente. Assim, me senti interessada por entender o que os jovens de hoje pensam sobre a sua escola, como percebem os ambientes escolares no qual vivem e, frente à questão ambiental hoje emergente, como traduzem em sua vivência cotidiana temas como participação social e sustentabilidade, não tratados anos atrás (no meu tempo de escola).

Além disso, como mãe, e também nos papéis de educadora e arquiteta, tem crescido minha inquietação com as mudanças rápidas e sistemáticas que experienciamos na área educacional, não apenas pela pluralidade dos multimeios fornecidos pela tecnologia e pela ciência de ponta, mas também em relação à responsabilidade com o ambiente vivenciado socialmente.

Sob esse ponto de vista, considerando as possíveis influências culturais, pedagógicas e sociais da arquitetura, penso que é fundamental conceber um ambiente escolar mais condizente com os desejos dos seus usuários e com as exigências contemporâneas, ou seja, que permita a construção do cidadão, proporcionando aos estudantes as vivências sociais e ambientais essenciais à vida cotidiana. Práticas como inclusão social, educação ambiental, educação na cidadania e ética social, são possíveis de serem planejadas e realizadas com e na “comunidade escolar” formada pelo conjunto de seus múltiplos atores: alunos, professores, funcionários, pais, vizinhança.

Para efeito de nomenclatura, nesta dissertação essas experiências foram chamadas “práticas sócio-ambientais”, estando entre tais atividades a participação efetiva em movimentos sociais e ecológicos e atividades de cuidado com a própria instituição e seus atores/usuários. Além disso, é preciso explicitar antecipadamente a noção de “cuidado” utilizada, que corresponde a toda ação protetora relacionada ao ambiente físico e social da escola, tendo reflexo ou não na dinâmica de ocupação e uso do espaço edificado.

Com base neste quadro geral, as perguntas de partida do estudo realizado foram: *Como os espaços escolares estimulam e/ou inibem as práticas sócio-ambientais de seus usuários? Esses usuários percebem os espaços escolares como local privilegiado para práticas sócio-ambientais? Como as escolas promovem essas práticas? Como a comunidade escolar cuida do ambiente escolar (se é que cuida)?*

Ao recortar essa temática, essa dissertação estudou duas escolas na cidade de João Pessoa, Paraíba, a fim de, numa visão ampla, discutir a inclusão de práticas sócio-ambientais e de cuidado com o ambiente construído na atividade de seus professores, alunos e funcionários. Portanto, o trabalho tem como **objetivo geral** analisar como esses usuários percebem o espaço físico da escola (seu ambiente construído imediato - arquitetura) e agem

sobre ele, investigando as práticas sócio-ambientais que lá acontecem e o cuidado com a instituição.

Como complementos foram definidos três **objetivos específicos**: **(1)** analisar o projeto arquitetônico das escolas em termos de seus espaços pedagógicos, administrativos, para esportes, para serviços, de apoio, de lazer; **(2)** conhecer o pensamento dos usuários (professores, funcionários e alunos da 8ª série do ensino fundamental) sobre o espaço escolar e as práticas sócio-ambientais; **(3)** identificar os espaços das escolas mais utilizados e as práticas sócio-ambientais que neles ocorrem.

Para trabalhar essas questões, optou-se por recorrer à análise das relações pessoa-ambiente em duas escolas do ensino fundamental — o Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Emílio Garrastazu Médici, a primeira tendo gestão mista (pública e cooperativista) e a segunda gerida pelo governo do Estado — através da ótica da Avaliação Pós-Ocupação (APO). Tais escolas foram escolhidas por estarem ligadas ao sistema público de ensino, embora uma delas tenha gestão mista o CEEEA – Sesquicentenário. As duas escolas estão implantadas em terrenos com área de mais de 10 mil metros quadrados, localizados em bairros dotados de diferentes sistemas de transporte público (uma tem fácil acesso a muitos bairros e a outra é acessível apenas a bairros específicos), o que interfere diretamente na capacidade de absorção quantidade de alunos matriculados. Além disso, as escolas se diferenciam por: quantidade de alunos matriculados, professores e funcionários atuantes; reconhecimento pela comunidade e participação junto ao MEC da Paraíba através de jogos estudantis, eventos científicos e outros (a “popularidade” do Sesqui é maior que a da escola Médici, sendo reconhecida como uma escola eficiente e de bom ensino).

Na realização do trabalho de campo este trabalho recorreu à Avaliação Pós-ocupação (APO), abordagem que resgata subsídios para análise do objeto em estudo, priorizando aspectos ligados ao seu uso, operação e manutenção, e tendo como metas básicas: definir as ações corretivas necessárias ao empreendimento e que proporcionem melhoria da qualidade de vida dos usuários; propor diretrizes para empreendimentos semelhantes; produzir informações que gerem conhecimento sistematizado a respeito do ambiente e de suas relações com o comportamento humano.

Partindo desse quadro geral, três tópicos básicos embasaram o desenvolvimento da dissertação, como seja, espaço escolar, educação ambiental e avaliação pós-ocupação, os quais estão intrinsecamente interligados, o que confirma a possibilidade de distintos enfoques

da temática trabalhada, e a dificuldade de trata-los isoladamente. Apesar desse entendimento e refletindo a importância de tais pressupostos, para apresentar os pontos em discussão o texto foi subdividido em capítulos relacionados a: (i) uma visão ampla do ambiente escolar, (ii) a APO como modo de abordar a questão; (iii) resultados obtidos no contato com a comunidade escolar, subdivididos em função dos dois estabelecimentos visitados; (iv) discussão conjunta dos resultados.

O capítulo “Falando em escola” abordou considerações gerais sobre as relações pessoa-ambiente no âmbito escolar, referindo-se à educação ambiental nesse contexto. No capítulo seguinte foi realizada uma rápida apreciação sobre a avaliação pós-ocupação (APO) como estratégia de abordagem das questões em discussão, de modo a explicitar-se o olhar com que foi realizada a pesquisa. Nos capítulos quatro e cinco foram apresentados os resultados do trabalho de campo realizado nas escolas, os quais, para facilitar a compreensão e comparação pelo leitor, obedeceram à mesma seqüência de informações: localização, projeto arquitetônico, gráficos, fotos e a opinião dos usuários. Enfim, no capítulo de discussão dos resultados foi realizada uma análise comparativa dos dois casos em estudo, ao qual se seguiram as considerações finais.

Finalmente, é preciso esclarecer que esta dissertação está inserida na área ‘Projeto e Conforto do Ambiente Construído’, e especificamente na linha de pesquisa ‘Percepção e Uso do Ambiente’, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFRN.

2. FALANDO EM ESCOLA

A educação, palavra de origem latina significa extrair, fazer brotar, processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social, com essa qualificação através dos pais e/ou avós, de modo que o processo educacional atravessa geração após geração, dialeticamente (TEIXEIRA, 1995). Além disso, ela pode ser interpretada como uma forma de libertação do indivíduo, através da conscientização e diálogo (FREIRE, 1987), uma vez que não existe homem no vazio (FREIRE, 1978).

Nesse sentido, com o despertar do novo milênio, gradativamente tem surgido a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos, que discutam, avaliem, emitam opiniões e tomem decisões diante dos desafios contemporâneos. Para tanto, a “Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI” da UNESCO (DELORS, 1999) propôs que o atual sistema educacional se pautasse em quatro pilares: (i) o ser (competência pessoal), (ii) o conviver (competência social), (iii) o fazer (competência produtiva) e (iv) o conhecer (competência cognitiva).

Complementando tal abordagem, Morin (2001) explicita que, mais do que acumular uma carga cada vez mais pesada de conhecimentos, é importante tornar o educando apto a aprofundar e enriquecer conhecimentos num mundo em constante e acelerada mudança. O autor indica que a construção da educação para os novos tempos passa através de sete princípios: (1) encarar as cegueiras do conhecimento (erro e ilusão), (2) absorver conhecimento pertinente, (3) entender a condição humana, (4) entender a identidade terrena, (5) enfrentar as incertezas, (6) compreender o gênero humano e (7) valorizar a ética.

Também tendo por base esse tipo de entendimento, a atualmente chamada “educação holística” tem como ponto de partida a concepção de ser humano integral, entendido como aquele que transforma a si mesmo através do autodescobrimento, e à sociedade com seu exemplo/ação. Tal compreensão tem alterado os rumos de vários campos do conhecimento (FRANCO, 2001), enfatizando também a necessidade de proporcionarem-se espaços — tanto sociais quanto físicos — nos quais o pensamento possa tornar-se concreto a partir (e através) de atitudes individuais e grupais.

Por sua vez, Loureiro (1998) comenta que a atividade educativa se expressa tanto na prática pedagógica quanto na dimensão espacial do prédio escolar, os quais podem ser considerados elementos formadores do estudante em termos pessoais e sociais. Além disso,

comentando a historicidade da construção da escola enquanto instituição, Bencostta (2005) e Sales (2000) indicam que, sendo o prédio escolar um lugar representativo da atividade educacional que nele ocorre, seu planejamento não deve deter-se a preocupações de caráter apenas funcional, necessitando voltar-se intencionalmente para questões ligadas à simbologia própria dessa edificação, às representações e expressões de um sistema de intenções, e aos valores e discursos inerentes à construção cultural.

De fato, ao longo do tempo o espaço da escola tem sido um tópico direta ou indiretamente presente nos manuais e normas na área, sendo discutido em função da sua importância e adequação (ou não) às peculiaridades das disciplinas e indicações psicopedagógicas do currículo, as quais implicam mudanças (tanto interna quanto externamente) ligadas à postura docente, modo de avaliação, atividades predominantes, qualidade e dimensionamento dos ambientes, tipo e localização do mobiliário necessário, etc.

Apesar dessa compreensão geral, Rohden (1998) comenta que “*atualmente as nossas escolas quase nunca tratam seriamente da educação, mas limitam-se à instrução*” (p. 42). Por sua vez, segundo David Orr (2006) tem-se assistido a uma “explosão do conhecimento” que, no entanto, em sua maior parte representa apenas a repetição (consciente ou não) das descobertas de outras pessoas. Frente a tal constatação, para realizarem projetos educativos que possam vir a obter sucesso, os docentes devem procurar envolver os estudantes em atividades concretas que valorizem o respeito e o cuidado consigo, com os outros e com o ambiente, o que pode vir a gerar sentimentos de comunidade e de apropriação do espaço (LESLIE COMNES, 2006). Além disso, a autora indica que, intencionalmente ou não, há a possibilidade de tais atividades serem ampliadas até atingir a família e a vizinhança, o que aumenta sua potencialidade de ação da prática educativa.

Por si, a palavra escola trás à memória imagens de sua organização enquanto instituição e como estrutura espacial, ou seja, uma arquitetura dirigida ao controle interior, articulado e detalhado de forma a tornar visíveis os que nela se encontram. De acordo com Araújo (1996), a memória desse tipo de ambiente geralmente remete a sentimentos complexos (alegria, bem-estar, conforto, medo, disciplina, entre outros) relacionados a professores, colegas e lugares, correspondendo a uma rede de significados, valores e experiências afetivas. Ou seja, mais do que relações geométricas e propriedades físicas, o espaço arquitetônico da escola incorpora as necessidades, expectativas e desejos de seus usuários, tornando-se palco do espetáculo do cotidiano, o espaço vivido.

Nesse sentido, Frago e Escolano (1998) defendem que o espaço escolar precisa ser analisado como um construto cultural cuja materialidade pode vir a estimular e/ou inibir determinados discursos, pois traduz em si o sistema de valores vigentes. Sob esse ponto de vista, a arquitetura escolar também deve ser encarada como um programa educativo, já que envolve símbolos culturais, ideológicos, pedagógicos e estéticos, os quais encontram ressonância em aspectos como ordem, disciplina, vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora, entre outros.

É incrível não imaginar o significado do discurso formador que faz uma escola respeitada em seu espaço, na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam o ambiente (FREIRE, 2005, p. 44 e 45).

Assim, é relativamente simples inferir-se que, no ambiente escolar, a transmissão de valores ligados à ética social e ambiental não devem ser limitados apenas a conteúdos intelectuais, transmitidos através da docência, e sim repassados, experienciados na vivência cotidiana (COSTA, 2005).

Mudar de lugar objetos e os usuários de uma sala de aula é apenas uma mudança na sala de aula ou nos coloca diante de outra sala de aula? Mudar a disposição dos espaços num edifício ou recinto escolar é uma mudança no edifício ou recintos diferentes? Em tal caso, o que é uma sala de aula, o que é uma escola, o que é o espaço escolar? O continente ou o conteúdo, os limites físicos ou o lugar construído? (PAUL-LÉVY e SEGAUD, 1983 apud FRAGO e ESCOLANO, 1998, p.136).

Nesses termos, enquanto elemento representativo da concepção de mundo de uma época, as formas, funções, tecnologias construtivas e escolhas estéticas da arquitetura são reflexos das inquietações sociais e espirituais, econômicas e políticas que se comunicam de diversas maneiras e que são percebidas de modos diferentes (FRANÇA, 1994).

Certamente a produção e uso adequados dos ambientes escolares não podem ser considerados requisitos únicos para a melhoria do ensino público. Entretanto, inúmeros estudos internacionais comprovam que as características destes são fatores de influência na capacidade de aprendizado dos alunos, devendo, assim, receber atenção especial dos órgãos públicos, arquitetos, engenheiros e usuários em geral envolvidos. (ORNSTEIN e NETO, 1995, p.41).

Embora não seja objetivo desse trabalho aprofundar a discussão de temas desse porte, inerentes às áreas como Psicologia e da Pedagogia, no próximo item serão brevemente apresentados dois tópicos essenciais ao desenvolvimento da dissertação.

Com base em conhecimentos da área das relações Pessoa-Ambiente a partir do ponto de vista da Psicologia Ambiental — um dos que mais se aproxima da Arquitetura e Urbanismo — o primeiro item desse capítulo parte do reconhecimento da vivência escolar como fundamental aos seus usuários (alunos, professores e funcionários), demonstrando ser essencial analisar suas práticas sócio-ambientais naquele lugar.

Complementando tal abordagem, e reconhecendo a importância da ação pedagógica como poderoso mediador das práticas vigentes no ambiente escolar, no segundo item do capítulo são discutidos alguns dos aspectos relacionados à educação ambiental enquanto disciplina diretamente ligada ao comportamento escolar, com ênfase para o contexto brasileiro.

2.1. Relações pessoa-ambiente no âmbito escolar

Os estudos desenvolvidos na área da Psicologia Ambiental enfatizam a importância da compreensão do comportamento humano e suas inter-relações com o meio ambiente, enquanto condição básica para a sobrevivência dos indivíduos e grupos, pois apenas ao experimentar o espaço e apropriar-se dele o homem consegue dar sentido e ordem ao local onde vive.

De acordo com Ittelson, et al. (1974) — texto posteriormente revisto e reforçado por Rivlin (2003) —, as primeiras pesquisas em Psicologia Ambiental foram desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial, em função do crescente interesse social pelos temas ambientais e da iniciativa de alguns grupos de pesquisadores, que saíram de seus laboratórios e passaram a estudar a vida cotidiana.

A Psicologia Ambiental vem preencher uma lacuna existente entre arquitetura e psicologia tradicional, criando uma área comum e necessária para a produção de ambientes mais humanizados e ecologicamente coerentes. Desempenha, assim, o papel de “ponte” entre conhecimentos psicológicos e arquitetônicos possibilitando trocas e somas de conceitos, experiências e métodos de trabalho. (ELALI, 1997)

Complementando esse entendimento e aprofundando o conhecimento da área, Pinheiro e Elali (1998) esclarecem que, de modo amplo, os trabalhos em Psicologia Ambiental caracterizam-se por: (i) estudar os seres humanos em seus contextos diários; (ii) ressaltar o intercâmbio dinâmico entre pessoa e ambiente (visão ecológica que reforça o papel do organismo em criar seu próprio ambiente, demonstrando que a pessoa modifica o ambiente ao mesmo tempo em que é modificada por ele); (iii) valorizar o caráter multidisciplinar de temáticas em estudo, a partir da investigação de aspectos relevantes das várias disciplinas, e da adoção de estratégias de pesquisa multimétodos; (iv) estudar processos psicológicos básicos como percepção, cognição e comportamento ambiental, enquanto partes do processo de comunicação inter-pessoal e mediadores da interação pessoa-ambiente.

A literatura na área ainda indica que parte significativa do desenvolvimento se deve a arquitetos e planejadores/urbanistas preocupados com a influência dos espaços construídos sobre o comportamento das pessoas. Assim, apesar do reconhecimento dos muitos limites da sua efetiva atuação em tais processos (ALVES, 1996, p.214), a curiosidade e o incentivo desses profissionais tem sido responsável por muitas pesquisas na área de avaliação social da edificação, sobretudo no que se refere a possibilidade de usar tais conhecimentos como *feedback* ao processo projetual.

No processo de avaliação ambiental, um dos principais aspectos a investigar tem sido a percepção dos usuários, a qual influencia as relações entre as pessoas (indivíduos que vivenciam o local) e o ambiente (cômodos, casas, cidades, etc.), em função do *background* (experiência social, educacional, psicológica, biológica, cultural) de cada um. Assim sendo, não é difícil inferir-se que há vários modos de conhecer e perceber um mesmo local (TUAN, 1983): do conhecimento íntimo e pessoal (como no caso do antigo morador de um bairro ou rua), até uma visão superficial (ex.: turista “conhecendo a cidade”), um contato intermitente (ex.: taxista que passa naquela rua muitas vezes), ou mesmo uma perspectiva teórico-conceitual (ex.: urbanista que analisa a área em seu trabalho). Cabe, ainda, indicar que uma mesma pessoa pode ter diversas visões de um espaço, modificando seu tipo de percepção em função da situação vivenciada ou do tempo.

No que se refere ao ambiente escolar, o fato de, durante nove anos ou mais, as pessoas permanecerem no local por no mínimo quatro horas diárias, torna ainda mais evidente a necessidade de se analisar seriamente as relações pessoa-ambiente naquele contexto. Corroborando tal afirmativa, autores como Frago e Escolano (1998) e Bencostta (2005) ressaltam o papel e a influência da escola na vida de seus usuários, os quais se tornam ainda maiores no caso dos alunos, uma vez que no período da infância e adolescência estão em

formação, entre outros, as suas estruturas mentais básicas, os seus esquemas corporais e a modelagem/internalização de regras e normas sociais.

Dentre os principais temas inerentes à área da Psicologia Ambiental importantes para a compreensão das relações pessoa-ambiente no âmbito escolar, foram considerados essenciais ao desenvolvimento desta dissertação aqueles ligados ao comportamento sócio-espacial humano.

O comportamento sócio-espacial humano tem sido estudado em dois sentidos complementares: como parte do processo de comunicação interpessoal e como um dos mediadores da inter-ação pessoa-ambiente. Para tanto, foram desenvolvidos conceitos específicos para tais fins: espaço pessoal, proxêmica, territorialidade, aglomeração e privacidade, de que tratamos nas linhas a seguir (PINHEIRO e ELALI, 1998, p.03).

Dentre os muitos conceitos inerentes à área, essa dissertação pretende se deter, mais especificamente, nos de territorialidade, lugar, apropriação, aglomeração e adaptação, sinteticamente descritos a seguir, aos quais acrescenta-se a noção de cuidado ambiental, artifício encontrado para ligar o comportamento sócio-espacial humano ao próximo item desse texto, a educação ambiental.

Territorialidade:

Referência à delimitação, marcação e defesa de um local pelo indivíduo ou grupo, geralmente envolvendo a existência de artefatos (cercas, muros, pintura, etc.) para seu reconhecimento social, e também estando associada a aspectos como tempo de ocupação do local, sentimento associado a ele, propriedade (em termos jurídicos) e exclusividade no uso (SOMMER e SOMMER, 1997).

“Uma vez demarcado um território, o indivíduo não precisa permanecer continuamente no local, podendo utilizar marcadores para garantir seu direito de posse” (ELALI, 2002, p. 30). Assim, por exemplo, um estudante que sai momentaneamente da sala de aula, costuma deixar seu caderno e livros sobre a carteira onde se encontra, marcando-a como “sua” frente aos demais, de modo que tais objetos garantem que possa voltar ao mesmo local e continuar normalmente a atividade anteriormente iniciada.

A territorialidade pode se manifestar tanto em escala individual (como ilustrado no parágrafo anterior) quanto em escala grupal. Nesse último caso, pequenos ou grandes grupos

definem estratégias para dominação de certos espaços, como ocorre, por exemplo, com o local do pátio onde certos estudantes costumam lanchar.

De acordo com Sommer (1973), em uma escola a defesa territorial pode tornar-se motivo para rixas entre grupos, e ser demonstrada a partir de comportamentos agressivos entre indivíduos (as muito conhecidas rixas e brigas) ou com relação ao ambiente, como o vandalismo (quebra de mobiliário, por exemplo) ou a prática de pixações.

Lugar:

De acordo com Tuan (1983): “o espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor” (p. 3). “Se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (p. 6).

Portanto, a experienciação (pelo indivíduo ou grupo) é fundamental para a compreensão do conceito de lugar, de modo que as relações entre espaço (projeto, pensamento) e lugar (construção, concretização) não são neutras, pois um influencia o outro ao longo do tempo, o que permite o surgimento de várias fases e nuances do intercâmbio dinâmico entre a pessoa e seu meio ambiente (SOMMER, 1979).

Nesse sentido, tanto quanto em outros ambientes, urbanos ou não, a vivência da escola permite sua transformação em lugar por seus usuários (alunos, professores, funcionários, pais), a partir de uma experiência repleta de informações (táteis, térmicas, auditivas, afetivas, simbólicas e similares), a qual tem impacto direto sobre esses usuários, modificando-os a partir do momento que facilita e/ou inibe seus comportamentos (ELALI, 2003).

Segundo Orr (2006) o vínculo com um lugar se desenvolve silenciosamente, num processo que não envolve planejamento ou concentração, mas sim através do tempo e da exploração das fronteiras entre as pessoas e o ambiente. Todos vivemos em meio a expressões arquitetônicas (centros comerciais, prédios de apartamentos, vias expressas), em deslocamento entre esses objetos. Entretanto a simples existência desses locais não significa o fortalecimento de sentimentos de lugar, de conectividade e responsabilidade. Apenas a experienciação propicia a formação de laços que pressupõe a identificação de lugares, processo que, obviamente, é diferente para cada pessoa envolvida.

Além disso, na realidade contemporânea repleta de atitudes de indiferença e descaso com relação ao ambiente, a atividade educativa assume um importante papel para na revalorização do lugar, pois: (i) combina intelecto e experiência, possibilitando oportunidades para aplicação prática de conhecimentos adquiridos; (ii) promove a autoconfiança, a

aprendizagem interdisciplinar e a competência física; (iii) permite a reeducação das pessoas na arte de viver bem no local que estão (ORR, 2006).

Apropriação:

Diz respeito ao indivíduo identificar-se com o ambiente e apegar-se a ele, sentindo-se à vontade para interferir no local, e deixar nele a sua “marca pessoal”.

Segundo Pol (1992) a apropriação abrange um componente simbólico (identificar-se com o local) e um componente de ação-transformação (possibilidade de personalizar os ambientes), e o modo como um indivíduo ou grupo se apropria de um local reflete as ligações afetivas pessoa-ambiente e as relações de poder consolidadas no local. Nesse sentido, caso tais aspectos caracterizem-se como positivos (agradáveis), a apropriação reflete-se em atitudes de respeito para com o ambiente; por outro lado, se tais relações são negativas (pouco prazerosas, significando, por exemplo, alienação e segregação), a apropriação ocorre de modo agressivo (grafitagem, invasões, e similares) ou corresponde ao descuido com o local.

Na escola, o processo de apropriação do ambiente pelos estudantes apresenta objetivos tanto psicológicos quanto pedagógicos, embora ainda seja bastante regulado institucionalmente, algumas vezes sendo dificultado em nome da limpeza ou da organização interna. (ELALI, 2002, p. 31)

Aglomeración:

Definida por Stokols (1977) como um “estado experiencial em que os aspectos restritivos de limitação espacial são percebidos como exagerados pelos indivíduos a eles expostos” (p.50) a aglomeração corresponde a situações nas quais as pessoas percebem a quantidade de espaço disponível como inferior à necessária pelo indivíduo, necessariamente envolvendo a sensação de “sentir-se observado” (quer isso seja real ou não).

De modo geral, os termos aglomeração e densidade física não são sinônimos (PINHEIRO e ELALI, 1998), pois a primeira é uma sensação subjetiva, enquanto a segunda é uma condição física mensurável (número de indivíduos/área ou vice-versa). Sob esse ponto de vista, uma pessoa pode estar numa multidão e não se sentir aglomerada e estar em um local com poucas pessoas e sentir-se incomodada, pois considera a quantidade de indivíduos ali presentes como excessiva.

Na escola, o sentimento de aglomeração poder se responsável por comportamentos agressivos entre os estudantes (MUSSEN, et al.,1995) e exarcebado por uma alta densidade, tanto em salas de aula quanto em pátios (SOUZA, 2005).

Adaptação:

Condição básica para a vida humana no planeta, para manter uma condição de equilíbrio (físico e psíquico) com relação às situações sócio-ambientais em que se encontra, o indivíduo tende a modificar a si próprio ou fazer alterações no meio. O primeiro caso é chamado adaptação, o segundo, ajustamento.

Em termos perceptivos, a adaptação pode significar que as pessoas deixem de perceber algumas características, quer positivas quer negativas, do meio. Isso ocorre quando o morador de uma cidade litorânea não parece dar muita importância para a paisagem da orla marítima, as pessoas que trabalham em um aeroporto não aparentam “ouvir” o barulho dos motores a sua volta, ou o gari demonstra não sentir o odor do lixo.

Na pesquisa em ambiente escolar, a adaptação a circunstâncias adversas (temperatura, mobiliário, acústica, aparência) pode fazer com que os envolvidos não percebam tais situações, interferindo em sua análise crítica do local.

Cuidado Ambiental:

Com base na linguagem popular e na definição veiculada em dicionários (FERREIRA, 1995; FERNANDES, LUFT e GUIMARÃES, 2003), entende-se por cuidado toda ação protetora, relacionada a: (i) manutenção, (ii) atenção ou zelo, (iii) impedimento de atividades degradadoras e práticas inadequadas e/ou (iv) fomentação do uso adequado do local.

No caso desta dissertação, fala-se, especificamente, no cuidado com relação ao ambiente da escola, lembrando que tal tipo de atividade é essencial para a vivência escolar dos usuários, influenciando na dinâmica de ocupação do espaço edificado (objeto arquitetônico) e nas suas condições de uso.

Em estudo específico com estudantes, Pinheiro e Pinheiro (2007) investigaram a compreensão popular do termo cuidado e suas possíveis relações com indicadores de predisposição pró-ambiental. Os autores advertem que, embora esse termo seja facilmente compreendido pelos leigos e seu uso seja freqüente em manuais de educação ambiental, ele é pouco encontrado cientificamente na área das relações pessoa-ambiente. Além disso, mostram que, de modo geral o “cuidar do ambiente” é mencionado pela população no sentido

afirmativo (comportamentos considerados positivos), sendo relacionado a ações concretas (visíveis e mensuráveis) e iniciativas individuais.

2.2. Educação Ambiental na Escola

Frente à proposta de uma educação holística, e à crescente preocupação social com o comportamento das pessoas no ambiente escolar e com relação a ele, uma importante contribuição pode ser propiciada pela incorporação da educação ambiental nas escolas, como modo de fomentar uma maior conscientização das relações pessoa-ambiente tanto naquele contexto específico quanto em outras situações.

A educação ambiental é fundamentada em dois princípios básicos: (1) uma nova ética orientadora de valores e comportamentos para objetivos de sustentabilidade ecológica e igualdade de direitos para a sociedade; e (2) uma nova concepção do mundo relacionada ao reconhecimento de sistemas complexos, à reconstituição do conhecimento e ao diálogo entre os saberes (LEFF, 1999, p. 113).

Nesse mesmo sentido, TRISTÃO (2002, p.11) indica que, em linhas gerais, ao incentivar “uma prática transformadora comprometida com a formação de cidadãos críticos e co-responsáveis por um desenvolvimento comum”, um grande desafio para a educação ambiental tem sido o respeito e a valorização das diferenças dos indivíduos e grupos. Com base nessa compreensão é possível inferir-se que para viabilizar as novas práticas é essencial: (i) a construção de novos saberes, técnicas e conhecimentos e sua interdisciplinaridade no processo de formação dos alunos; (ii) investimento na auto-formação quanto na formação coletiva da equipe de professores; (iii) definição de novas estruturas curriculares, compromisso do Estado e da cidadania para elaborar projetos nacionais, regionais e locais a fim de que as comunidades possam se apropriar de seus ambientes como fonte de riqueza econômica, estética e cultural viabilizando processos auto-sustentáveis e de harmonia com a natureza da qual todos fazem parte.

Segundo Kulesza (2000), no Brasil, a tentativa de se criar um quadro transformador teve seus primórdios em 1924 com a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) passando pela criação de um Ministério de Educação e Saúde em 1930 e a Constituição de 1946 (que definiu a obrigatoriedade e gratuidade ao ensino primário oficial), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a Constituição Brasileira de 1988. Em 1996 a discussão da

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) voltou, sendo definido que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Lei nº 9.394/96 - art. 22, 1996).

Assim, em 1998 foi definido o Plano Nacional de Educação (PNE) (lei nº. 4.173 de 1998), cujos principais objetivos são em síntese: elevação global do nível de escolaridade da população; melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência; democratização da gestão do ensino público, inclusive possibilitando a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; participação das comunidades escolar e local em consultas escolares e similares. No mesmo ano foram definidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN`s), os quais enfatizam a necessidade de construir referências nacionais para a área, respeitando nossas diversidades regionais, culturais e políticas. Com base nessa concepção, a ação educativa passa a ser considerada uma ação político-social inserida em um processo que transforma práticas pedagógicas em práticas sociais (MACEDO, et al. 2003).

Além disso, a proposta mais recente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o ensino fundamental (divulgado em outubro de 2004), o Programa Escola Aberta (PEA), incentiva a utilização dos espaços das escolas públicas durante os finais de semana, visando a realização de atividades alternativas voltadas para a comunidade, como esportes e lazer. Tal iniciativa tem como finalidade ampliar as atividades da escola e promover melhoria na qualidade da educação no país e, em especial, gerar maior diálogo e cooperação entre alunos, pais, comunidade vizinha e equipes de profissionais que atuam na escola, a fim de diminuir a violência e a vulnerabilidade sócio-econômica naqueles locais (FNDE, 2004).

Para tanto, um importante passo foi a inserção da Educação Ambiental (EA) no currículo das escolas. Em nossa realidade, Carvalho (2004, p. 52-53) indica que em termos legais a EA apareceu em 1973, como atribuição da primeira Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA). No entanto, foi somente nas décadas de 80 e 90, que ela se tornou mais conhecida, estando entre as principais políticas públicas na área:

- 1984 – criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA).
- 1988 – inclusão da EA como direito de todos e dever do estado, no capítulo de meio ambiente da Constituição.

- 1992 – criação dos Núcleos de EA pelo IBAMA e Centros de Educação Ambiental do Ministério da Educação
- 1994 – criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) pelo MEC e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA)
- 1997 – elaboração dos Parâmetros Curriculares definidos pela Secretaria de ensino Fundamental do MEC, em que meio ambiente é incluído como um dos temas transversais.
- 1999 – aprovação da Política Nacional de EA pela Lei 9795.
- 2001 – implementação do Programa Parâmetros em Ação: meio ambiente na escola, pelo MEC.
- 2002 – regulamentação da Política Nacional de EA (Lei 9795) pelo Decreto 4281.
- 2003 – criação do Órgão Gestão da Política Nacional de EA, reunindo MEC e MMA.

Nesse contexto ganhou ênfase a Política Nacional de Educação Ambiental (EA), aprovada em 1999 e regulamentada em 2002, na qual a EA foi considerada componente urgente e essencial da educação fundamental, e instituída como matéria obrigatória para todos os níveis de ensino. A partir de tal entendimento, o ensino fundamental tem sido objeto de políticas de capacitação do Ministério da Educação, visando a internalização da questão ambiental como um dos temas transversais destacados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Para tanto, o MEC tem disponibilizado material didático na área e investido na capacitação de professores.

Essa política nacional espelha-se na estratégia global “Cuidando do planeta Terra” fomentada conjuntamente pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), que estimula: (a.) Construir uma sociedade sustentável, (b.) Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos, (c.) Melhorar a qualidade da vida humana, (d.) Conservar a vitalidade da capacidade de suporte do planeta Terra, (e.) Permanecer nos limites da capacidade de suporte do planeta Terra, (f.) Modificar atitudes e práticas pessoais, (g.) Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio-ambiente, (h.) Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação e (i.) Construir uma aliança global.

Embora o enfrentamento desse tipo de proposição passe pela divulgação maciça de informação, a chamada “educação científica” (MEDEIROS E BENINI, 2001), as atividades educativas na área precisam que valorizar mais do que o simples acúmulo de conhecimentos ecossistêmicos e informações a respeito dos aspectos ecológicos, uma vez que o principal fundamento da educação ambiental é o “saber cuidar”.

Meio ambiente não é sinônimo de natureza, o problema sócio-ambiental não é sinônimo de desequilíbrio ecológico e ainda, por fim, a educação ambiental não é ensino de ecologia, muito menos neutra (LAYRARGUES, 1999, p 5).

Para cuidar do planeta é preciso passar por uma alfabetização ecológica e rever hábitos de consumo formando uma ética do cuidado (BOFF, 1999, pp. 33 e 135).

Nesse sentido, em muitas situações parece não existir comprometimento com uma educação que realmente atenda os princípios da ecologia e da vida, que se empenhe em reconhecê-los e aplicá-los, criando sistemas educativos a partir dos quais as gerações futuras planejem sociedades mais sustentáveis. Para entender essa dissociação entre discurso e atitude Capra (2006) indica que o princípio básico da ecologia é a teoria dos sistemas vivos – todo o organismo vivo da bactéria aos seres humanos, as partes dos sistemas e as comunidades de organismos (ecossistemas, sistemas sociais – família, escola e outros). Assim, todas as experiências vivenciadas pelas pessoas relacionam-se (direta ou indiretamente) ao local onde se encontram, e às escolhas de estratégias (políticas, pedagógicas, etc.) que definem diferentes modos de atuação nesse contexto.

Apesar do incremento das iniciativas de EA no contexto escolar, ela ainda vem sendo incorporada à educação formal, de modo a ser “internalizada apenas como a conservação da natureza e os princípios do ambientalismo”, tais como a contaminação dos recursos naturais e/ou maneiras de localização dos dejetos industriais (LEFF, 1999), devendo ser mais bem canalizada como uma importante contribuição em direção à educação para a cidadania.

A educação para a cidadania, assim como toda educação – diferentemente de um ensino, passa por experiências de vida e de relação com o saber que têm efeitos formativos. Assim como a língua, a cidadania se aprende na prática! (...) Se a escola favorece a aprendizagem da cidadania, a primeira coisa a fazer é tornar possível e provável, entre os alunos e os estudantes universitários, o exercício da cidadania, fundamento de uma postura ética e de competências práticas passíveis de serem transpostas ao conjunto da vida social. (Perrenoud, 2005, p. 34)

Sob esse ponto de vista, segundo Saito (2002) os quatro grandes desafios da EA brasileira são: (i) buscar uma sociedade democrática e socialmente justa; (ii) conhecer as condições de opressão social; (iii) procurar continuamente o conhecimento; e (iv) praticar uma ação transformadora intencional.

No livro *Alfabetização Ecológica* organizado por Stone e Balow (2006), Orr (2006) refere-se aos problemas no ambiente escolar, explicitando que: (1) não há conversas sérias sobre os propósitos e a natureza da educação e de adequação da educação formal com respeito ao papel como membros da comunidade da vida; (2) alguns dos problemas que costumamos identificar como mau comportamento ou baixa motivação entre os educandos e educadores, podem apenas refletir a falta de sintonia entre educação e algo interno tentando se libertar.

Nota-se ainda, por parte da comunidade escolar, a influência da chamada “camisa de força curricular” (Holt, 2006), através da qual os estudantes são pressionados a passar para um nível superior o mais rápido possível a fim de satisfazerem os pais que se preocupam com o rendimento do filho e o seu investimento nele, em detrimento da realização pessoal desses adolescentes. Por sua vez, os professores envolvem-se com a luta pela sobrevivência, a disputa por empregos e a capacitação para não sair do mercado de trabalho, e os funcionários querem se manter minimamente empregados, mas não alimentam expectativas de uma atuação mais relevante. Essa situação, por si, dificulta as interações ecológicas e a consolidação do sentimento de cidadania.

Com base nessas reflexões, e considerando os espaços escolares como diretamente interligados ao processo educativo ao qual, simultaneamente, se submetem e são submetidos (CATUNDA, 2003), contribuíram para a elaboração desta dissertação o reconhecimento: (i) dos ambientes de aprendizagem como elementos do currículo; (ii) do trabalho com o espaço escolar como fator ligado às competências pessoal, social, produtiva e a cognitiva, logo, voltado para a formação de cidadãos; (iii) da percepção desses espaços como reforço e incentivo ao currículo formal, sobretudo a partir das práticas sócio-ambientais ali vigentes, os quais modificam e são modificados pelos processos e conteúdos pedagógicos.

3. AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO: UM MODO DE ABORDAGEM DA QUESTÃO

Partindo do quadro geral delineado nos capítulos anteriores, a presente pesquisa **objetivou** responder à seguinte pergunta-chave: COMO OS USUÁRIOS DAS ESCOLAS ESTUDO-DE-CASO PERCEBEM O AMBIENTE ESCOLAR E AS PRÁTICAS SÓCIO-AMBIENTAIS QUE NELE OCORREM ?

Para enfrentar tal trabalho optou-se por recorrer à Avaliação Pós-Ocupação (APO), um modo de abordagem do ambiente construído e de seus componentes cujo ponto de partida é uma visão global e interdisciplinar centrada na percepção dos usuários e na análise de condicionantes sócio-econômicos e culturais inerentes à obra.

A avaliação das relações entre usuários e ambiente construído através da APO, permite que os pesquisadores envolvidos: (i) verifiquem até que ponto o espaço analisado atende aos anseios e expectativas do cliente, (ii) definam diretrizes e recomendações para intervenção no local analisado ou em projetos semelhantes, e (iii) façam inferências a respeito de possíveis conseqüências de alguma intervenção no local (MEIRA e SANTOS, 1998).

Configurando-se como *feedback* que complementa o ciclo de produção do objeto arquitetônico e/ou urbanístico, esse tipo de trabalho tem ganhado cada vez mais espaço entre os profissionais de Arquitetura e Urbanismo brasileiros, uma vez que a avaliação permanente e a difusão de informações são partes integrantes de qualquer processo democrático. Nesse sentido, as atuais pesquisas nessa área em nosso país têm se voltado para temas como: acessibilidade a portadores de deficiência física, crianças e idosos; sinalização e comunicação visual; segurança contra fogo, roubo e acidentes pessoais; fluxos de circulação em ambientes complexos de grande porte (hospitais, aeroportos, rodoviárias, etc.); aspectos comportamentais específicos como privacidade, territorialidade, vandalismo, criminalidade, etc; diretrizes e recomendações para ambientes construídos de interesse social, tais como habitações, escolas e postos de saúde, dentre outros.

Em condições normais, os pesquisadores na área têm à sua disposição mais de 6000 variáveis que interagem no ambiente construído (fatores biológicos, sonoros, lumínicos, atmosféricos, térmicos e comportamentais), os quais são analisados a fim de gerar subsídios para intervenções a curto, médio e longos prazos (ORNSTEIN e ROMERO, 1992).

Frente a tantas exigências, Souza (1999) esclarece que a APO pode ser aplicada de diversas maneiras de acordo com as peculiaridades do(s) objeto(s) a ser (em) analisado(s), e as especificidades dos objetivos da pesquisa envolvendo desde a geração de conhecimento

sobre comportamentos, padrões de uso, graus de satisfação até a produção de bancos de dados e informações.

A literatura na área das relações pessoa-ambiente também indica a necessidade dos estudos buscarem estabelecer diversos “olhares” sobre o objeto analisado, ampliando a sua compreensão. Para tanto, além de abordar os mais diversos tipos de usuários, é recomendável que as pesquisas recorram a multimétodos ou triangulação metodológica (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2008, p. 5), ou seja, lancem mão de duas ou mais estratégias para coleta/análise de dados, de modo que a análise elaborada pelo pesquisador possa ser fruto de uma leitura integrada dos resultados obtidos.

Mesmo reconhecendo a quantidade adicional de trabalho que esse tipo de abordagem exige (o que pode desestimular sua adoção como fonte de dados a serem incorporados ao planejamento e à manutenção de áreas edificadas), muitos autores esclarecem que adotar várias modalidades de coleta de dados evita vieses metodológicos (problemas originados pela visão unilateral do objeto e/ou desvios de informação gerados pela coleta de dados), reduzindo dúvidas.

Corroborando tal argumentação, Ornstein e Romero (1992) mostram várias vantagens relacionadas à realização de APOs a partir de multimétodos, entre as quais destacam-se: compreender detalhadamente aspectos técnico-construtivos, funcionais e comportamentais relativos ao objeto de estudo; envolver projetistas, clientes e usuários no próprio processo de avaliação e de decisão (tanto de caráter físico quanto organizacional); conscientizar os principais agentes envolvidos no uso, operação e manutenção do ambiente objeto de avaliação, no sentido da conservação e otimização do desempenho do patrimônio imóvel (fator associado ao bem-estar e à produtividade dos ocupantes); controlar a qualidade do ambiente construído no decorrer de seu uso, minimizando os custos de manutenção e de intervenções físicas propostas; desenvolver manuais de manutenção e operação para ambientes construídos em uso; desenvolver plano diretor de “rearranjo”, flexibilização e/ou expansão dos espaços de ambientes construídos já em uso, para maior adequação destes às funções diferenciadas e a avanços tecnológicos, na área de comunicação e de informática; desenvolver manuais/diretrizes de projeto, critérios, padrões e normas para projetos futuros de ambientes construídos semelhantes.

Especificamente na área da arquitetura escolar alguns itens de avaliação têm grande influência na escolha da escola, como a edificação em si, mobiliário e fachadas. A relação de dependência entre algumas variáveis como o prédio escolar, o nível de aprendizado dos

alunos e o nível sócio-econômico reforça a tese de que o prédio escolar e sua arquitetura influenciam no julgamento sobre a qualidade de ensino delas (SALES, 2000).

Respalhada nesses pressupostos, esta pesquisa adotou uma estratégia multimétodos tendo como base a definição dos tipos de atividade em função do foco de atenção pretendido:

(i) centrado no ambiente – para reconhecimento das características do ambiente que influenciam as pessoas, os métodos utilizados foram: análise documental, vistoria técnica, *walk-through* e averiguação de vestígios de comportamento;

(ii) centrado nas pessoas – a fim de analisar os atributos das pessoas que influenciam o ambiente foram utilizados questionário, observação comportamental e realização em grupo focal;

(iii) centrado na transação entre pessoa e ambiente – a busca das relações entre os dois fatores citados ocorreu sobretudo na fase analítica, para a qual todos os métodos já mencionados foram fundamentais.

3.1. Definindo estratégias

No contexto da APO a dissertação “Práticas sócio-ambientais no espaço escolar: uma reflexão sobre a percepção dos usuários de duas escolas do ensino fundamental em João Pessoa – PB” assumiu duas posturas complementares: (a) exploratória, relacionada ao seu caráter investigativo e ao fato de buscar maior familiaridade com o tema a fim de obter as primeiras informações; e (b) descritiva-qualitativa, pois tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como elemento fundamental, além de preocupar-se com o significado que as pessoas envolvidas dão ao fenômeno, bem como a oportunidade de aprofundamento do conhecimento correlato (GIL, 2002).

De modo geral a dissertação foi fundamentada no método de estudo de caso, que partiu do pressuposto da obtenção da descrição e compreensão da relação - percepção do usuário (espaço escolar com uma ótica da educação ambiental) e do cuidado com o ambiente (tudo o que circunvizinha um indivíduo) tendo como base a intenção de estabelecer a avaliação comparativa dos resultados obtidos. Para tanto foi necessário elucidar alguns aspectos investigados, simultaneamente e efetuados nos diversos ambientes construídos que abrangeram as relações biunívocas entre o comportamento e o projeto, construção, uso e operação.

A APO, avaliação feita após a liberação do ambiente construído para uso, diagnóstica e recomenda, através de uma visão sistêmica e realimentadora, modificações e reformas no ambiente estudado. Ela reúne variáveis como estabilidade das construções, segurança contra fogo e roubo, conforto visual, acústico dentre outros aspectos técnicos da arquitetura e urbanismo, mas também variáveis menos relacionadas diretamente ao projeto e obra como o conforto psicológico, ligado a questões de privacidade e de domínio do território, controle de densidade, aspectos culturais e de comportamento individual do usuário.

As propostas arquitetônicas trazem dentro do seu contexto conceitos da época, de estruturação e ocupação do ambiente. A relação obtida da interação desse ambiente com o usuário e o contexto permite interligação entre as áreas de arquitetura e psicologia ambiental fazendo cada uma evoluir e trocar experiências. Entretanto é a através do comportamento do usuário, das suas reações, que se pode entender as mudanças ocorridas no tempo e/ou as que estão prestes a acontecer, compreendendo em que medida o desempenho do ambiente construído influencia o comportamento ou como este se molda ao ambiente construído numa visão holística e ecológica (ORNSTEIN e ROMERO, 1995).

Sendo assim, a escolha das escolas participantes foi alicerçada em: (i) facilidade de acesso (tanto facilidade de chegar ao local, quanto disponibilidade da administração para acatar a atividade pretendida); (ii) tratem-se de duas escolas públicas, uma com alguma diferença de gestão (uma delas ligada ao sistema cooperativado); (iii) verificação inicial da existência de alguma diferenciação quanto ao estado geral da edificação (uma delas aparentava estar em melhor estado de manutenção, e a outra mostrava-se mais depredada); (iv) contato anterior da pesquisadora com as duas escolas, embora em outro período da sua administração.

O contato com as escolas foi precedido por um momento inicial, no qual a pesquisadora se apresentou à atual administração, e quando aconteceu a sensibilização dos dirigentes e a autorização para a pesquisa.

A fim de captar uma visão geral sobre o modo como as pessoas entendem o ambiente construído, reforçando a importância da retroalimentação das informações como subsídio para a melhora contínua do meio e a importância do usuário nesse processo (MARTUCCI e BASSO, 2003), a pesquisa envolveu: (1) **análise documental**; (2) **vistoria técnica** das escolas, que ocorreu através de *walk-through* incluindo a avaliação de suas condições de manutenção; (3) **observação** informal do comportamento dos usuários nas áreas livres, inclusive com análise de vestígios de comportamento; (4) aplicação de **questionários** com as

diversas categorias de usuários; e (5) **grupo focal** com os usuários, a fim de complementar e aprofundar a discussão dos resultados.

A **análise documental** exigiu tanto a leitura de normas e leis emitidas pelo Ministério da Educação, quanto a análise dos projetos arquitetônicos das duas escolas em questão e também de documentos fornecidos pelas instituições envolvidas, nos casos em que isso foi possível (Anexo 1).

As **vistorias técnicas** foram realizadas no início do contato com os dois estabelecimentos de ensino, seguindo o princípio do *walk-through*, expressão que pode ser traduzida como “caminhada pelo local”, e que corresponde ao estabelecimento do contato inicial com o local a ser estudado, geralmente a partir de uma visita realizada na companhia de uma pessoa-chave, no caso desta pesquisa a Coordenadora Pedagógica das oitavas séries. Para tanto foi elaborado um roteiro informal de vistoria e identificação dos ambientes existentes através de conversas e registros fotográficos, contado, ainda, com a possibilidade de acréscimo de algum material disponível referente às escolas. Foram focados: localização, conforto ambiental, aspectos de manutenção das escolas e ambientes utilizados: entrada da escola, circulações, sala de aulas, biblioteca, wcs, laboratórios de informática, ginásio, acessos, pátio coberto, muro, lanchonete, sala de artes e de ciências, campo de futebol, quadras de vôlei e vestiários.

Em muitas ciências, a **observação** dos fenômenos de interesse do pesquisador é considerada essencial ao seu reconhecimento e ponto de partida para seu estudo. No trabalho que subsidiou essa dissertação, a observação do comportamento dos usuários nas áreas livres das escolas ocorreu de maneira informal durante todo o processo de pesquisa, tendo como objetivo coletar dados sobre o modo como professores, estudantes e funcionários se relacionam com o meio ambiente escolar, a fim de esclarecer o uso real do espaço, vendo, ouvindo e examinando os aspectos relacionados à ocupação do estabelecimento de ensino. Complementando a observação, foram analisados vestígios de comportamento encontrados no local, ou seja, sinais de alguma atividade dos usuários não presenciada diretamente pelo pesquisador, mas possível de ser inferida a partir dos resíduos que permaneceram no ambiente, como lixo e pichação/grafitagem. Presentes nas duas escolas, as informações geradas a partir da análise dos vestígios de comportamento complementaram os resultados obtidos através de outras técnicas, e elucidaram pontos obscuros relacionados aos mesmos.

A partir das atividades anteriores e seus resultados iniciais, definiu-se que o primeiro contato sistemático com os usuários ocorreria através de **questionários**, sendo elaborados três tipos de instrumentos: um para ser aplicado aos estudantes das 8ª séries, outro destinado aos

professores e outro aos funcionários. Optou-se por abordar os estudantes da 8ª. Série, pois os mesmos já são bastante críticos e conhecem bem a dinâmica escolar, no entanto ainda não estão voltados para o vestibular, tendo mais tempo para se envolverem com atividades alternativas (tanto no que se refere às práticas sócio-ambientais investigadas, quanto a participação na própria pesquisa proposta).

Na confecção dos instrumentos (Apêndices 1, 2 e 3) manteve-se o cuidado de limitar sua extensão a fim de evitar fadiga e desinteresse e resguardar um tempo máximo de aplicação em torno de 30 minutos, na própria sala de aula e no horário de aula cedido por um dos professores, no caso dos alunos, na sala dos professores e no horário do intervalo no caso dos professores (evitando perder tempo no deslocamento dos mesmos) e na sala da diretoria no caso dos funcionários.

Inicialmente pretendíamos aplicar questionários também com os pais, para o que teríamos duas opções: enviá-los através dos alunos, marcando data para o retorno ou aproveitar uma reunião agendada pela escola. No entanto, as diretoras das duas escolas desaconselharam tais formas de contato, pois: (i) o retorno de material enviado através dos alunos é mínimo, e (ii) geralmente o número de pais presentes nas reuniões era pouco representativo além do tempo exigido, que aumentaria o tempo de duração da reunião em si. Mesmo assim, tentamos realizar a aplicação do material no Sesqui, enviando-o pelos estudantes e pré-agendando uma data para buscá-los. Corroborando a indicação dos diretores, a devolução foi mínima, de modo que se optou por descartar a participação dessa categoria.

Os questionários foram compostos por doze ou treze perguntas (conforme a categoria analisada) organizadas de maneira a despertar a curiosidade e interesse do respondente, e levá-lo a refletir sobre seu espaço. As perguntas seguiram a seguinte seqüência:

- Conhecer o respondente;
- Indagar sobre sua percepção do ambiente escolar;
- Investigar sua percepção relativa às práticas sócio-ambientais no local;
- Coletar comentários e considerações adicionais importantes para o informante.

Durante a aplicação, a obtenção de uma relação de confiança entre as partes foi essencial, já que algumas das informações solicitadas podiam ser consideradas confidenciais. Também foi realizado um pré-teste para averiguação de dúvidas por parte dos usuários quanto a termos técnicos, conceitos e outros encontrados nos questionários. Como não foram verificadas dúvidas, os instrumentos foram adotados.

O tratamento dos dados coletados nos questionários empregou estratégias quantitativas (as respostas às perguntas fechadas foram analisadas a partir de estatística

descritiva) e qualitativas (com base na análise do conteúdo das respostas recebidas pelas perguntas abertas), escolhidas em função dos objetivos pretendidos (GODOY, 1995).

Seguindo as indicações dos autores na área (MARCONI e LAKATOS, 2003), para a análise qualitativa, a exploração dos dados seguiu a seqüência “seleção/codificação/tabulação”. A fim de evitar informações confusas, distorcidas ou incompletas que viessem a prejudicar o resultado final da pesquisa, a seleção teve como ponto de partida a verificação crítica das respostas; a codificação serviu para categorizar os dados em função de critérios como tipo de argumentação, palavras-chave e verbos utilizados; e a tabulação permitiu dispor esses dados em tabelas e figuras, facilitando a verificação das inter-relações.

Finalmente, a última fase da pesquisa foi a realização do **grupo focal**, técnica de avaliação qualitativa e não-diretiva (FLICK, 2004), que consiste na discussão de um tema por várias pessoas e sob a coordenação de um facilitador/moderador, que controla o andamento da atividade. Como a técnica valoriza a interação que se estabelece entre os participantes (KREUGER, 1994), cabe ao facilitador da discussão propiciar a participação de todos, evitando a dispersão do foco e a monopolização da fala por alguém, a fim de revelar experiências, sentimentos, necessidades, percepções e/ou preferências de todos. Nas duas escolas, todos os usuários que responderam aos questionários foram convidados para grupos focais, porém somente os estudantes compareceram. Nas duas escolas o grupo focal ocorreu em apenas um dia (dias diferentes em cada escola), pela manhã, envolveu cerca de 15 estudantes, foi iniciado pela apresentação dos resultados da pesquisa realizada no estabelecimento, e teve duração de aproximadamente 40 minutos.

4. ESCOLA ESTADUAL EXPERIMENTAL DE ENSINO-APRENDIZAGEM (SESQUI) - RESULTADOS

Neste capítulo foram reunidas as informações espaciais, as percepções da pesquisadora e os dados coletados com os usuários da Escola Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário, também conhecida como SESQUI. O capítulo foi desenvolvido com base em dois itens: a apresentação da escola e a opinião dos usuários coletada a partir da aplicação dos questionários e ainda os comentários sobre.

4.1. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Sesquicentenário foi construída na década de 1970, a partir da proposta nacional de ampliação da oferta de ensino politécnico, e assim funcionou por aproximadamente 10 anos. Na década de 80 transformou-se em escola de ensino fundamental e médio.

Em 1992 ela foi assumida pela Cooperativa de Ensino de João Pessoa Ltda., criada por alguns pais, professores universitários, profissionais liberais e funcionários de estatais preocupados com a situação do ensino público paraibano. A iniciativa teve como base o Pacto “Solidariedade por uma Educação de Qualidade” do Governo do Estado da Paraíba. (Anexo 1 - Folder cedido pela escola). Desde então a escola passou a chamar-se de Escola Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário, também conhecida como “Sesqui”, e que funciona a partir de um convênio firmado entre a cooperativa de Ensino de João Pessoa e a Secretaria de Educação e Cultura o qual estabelece que 40% das vagas oferecidas sejam ocupadas pela cooperativa e os 60% restantes se destinem ao ensino público.

Essas modificações de gestão trouxeram consigo mudanças em metodologias e diretrizes educacionais, bem como a definição de um programa de qualidade desenvolvido até os dias atuais.

Localização

A escola está situada à Rua Orestes Lisboa, s/n, bairro Pedro Gondim, área de fácil acesso do transporte público através da Avenida Epitácio Pessoa, via que serve de eixo de ligação entre o centro da cidade, praias e demais bairros e BR 230 (Figura 4.1).

Embora tenhamos definido uma área com diâmetro de 01 km o qual era idealmente destinado ao público alvo da escola, por permitir um acesso ótimo ao local em função da possibilidade de locomoção dos usuários da escola a pé e com conforto (Figura 4.1), na prática, a facilidade de acesso, aliada ao reconhecimento da qualidade do ensino oferecido, atrai grande número de alunos, provenientes tanto de escolas particulares como públicas, e dos mais diversos setores da cidade.

Assim, além de moradores das proximidades, o Sesqui recebe estudantes, professores e funcionários vindos dos bairros: Altiplano, Bairro das Indústrias, Bairro dos Ipês, Bancários, Bessa, Brisamar, Castelo Branco, Mangabeira, Expedicionários, Jardim Luna, Jardim 13 de Maio, José Américo, Manaíra, Mandacaru, Miramar, Pedro Gondim, Rangel, São José, Tambaú, Tambauzinho, Torre, Cabo Branco, Valentina e Grotão, além de municípios conurbados com a cidade de João Pessoa, como Santa Rita e Cabedelo (Figura 4.1).

Proposta projetual

A escola SESQUI localiza-se em terreno com 13.223,80 m², com desnível aproximado de 03 (três) metros entre suas testadas e área construída total de 4.854,08 m². No sentido sudoeste–noroeste os desníveis são vencidos unicamente através de escada, não existindo rampas que facilitem o acesso de portadores de necessidades especiais.

Em termos arquitetônicos, trata-se de uma edificação institucional construída com base em projetos tipicamente elaborados pelas secretarias estatais, ou seja, projetada a partir de uma organização espacial modulada e de forte setorização dos ambientes (para melhor visualização identificados na Figura 4.2 através de manchas), os quais são dispostos ao longo de eixos de circulações cobertas, sendo evidente a preocupação projetual com: (i) a função em detrimento da forma e (ii) o máximo aproveitamento dos espaços, sobretudo no que se refere ao aumento da área construída, visando atender à crescente demanda por matrículas.

A escola em si corresponde a 03 grandes blocos interligados por uma circulação central. O primeiro bloco abriga a administração e culmina com o pátio coberto interno; desse bloco tem-se acesso aos 02 outros, um de cada lado, onde fica a área das salas de aula. Na área posterior do lote encontram-se o ginásio e o campo de futebol, cujo acesso ocorre pela área externa.

Todas as edificações são térreas, com exceção do pequeno bloco das 8as. séries, que contém algumas salas de aula no primeiro andar.

Os materiais e técnicas construtivas utilizados são simples, envolvendo: estrutura marcada a partir de vigas e pilares em concreto, muitos elementos vazados e pintura simples.

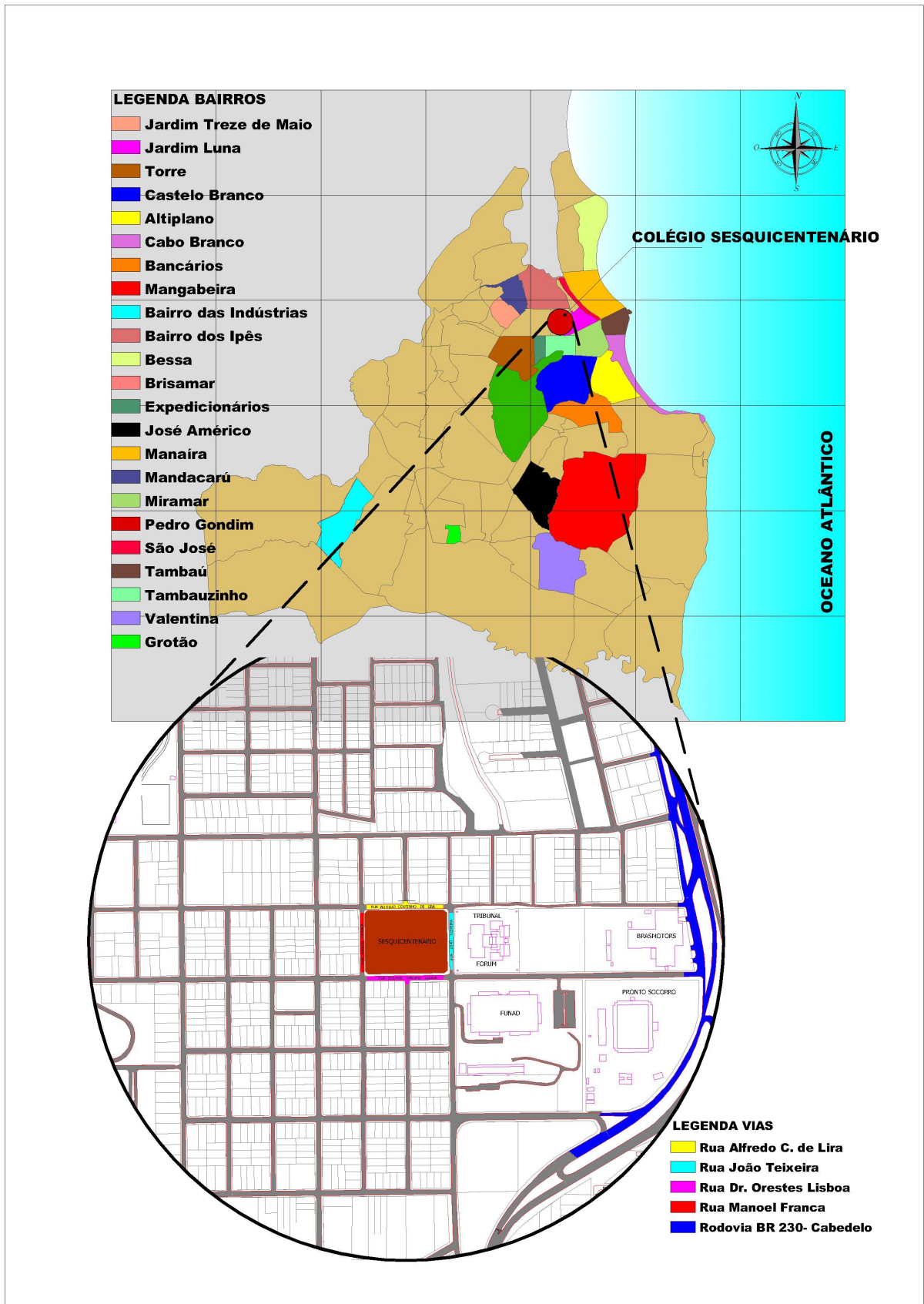


Figura 4.1 – Localização da escola Sesqui



Figura 4.2 – Planta baixa da escola Sesqui

Dimensionamento dos Cômodos

Quanto ao dimensionamento, o bloco da administração (com diretoria, secretaria e wc para os funcionários), especialmente a circulação, tem dimensões insuficientes para a quantidade e o fluxo de pessoas no local, pois todos que entram na instituição obrigatoriamente utilizam esse espaço. Tal situação é desconfortável para alguns que lá trabalham e/ou estudam, sobretudo no que se refere aos alunos que chegam atrasados, os quais precisam permanecer nesse acesso principal enquanto esperam a autorização para entrar em classe, geralmente ficando sentados em alguns bancos de concreto ou no chão ou mesmo mantendo-se em pé (Foto 4.1 e 4.3).

Tendo área média construída de aproximadamente 4854.08 m², em geral as salas de aula estão dimensionadas para receber turmas com cerca de 40 estudantes, de modo que, enquanto esse número for respeitado elas estarão adequadas, no entanto, essa situação poderá modificar-se caso a ansiedade administrativa por atender à crescente demanda de matrículas venha a trazer um número maior de alunos nas turmas.

Nos banheiros e vestiários, as dimensões e a quantidade de sanitários e lavatórios estão abaixo das quantidades mínimas estabelecidas pelas normas da ABNT como essenciais para o funcionamento de escolas com conforto e segurança.

Condições de Conforto

Em termos de ventilação e insolação verifica-se que: a entrada da escola, os blocos da administração e os 02 blocos maiores de salas de aula têm sua menor fachada voltada para oeste; o bloco das 8^a séries e o ginásio coberto estão orientados para leste; e o campo de futebol e as quadras de vôlei de areia estão orientados no sentido leste-oeste, que não é o mais adequado.

Como os wc's ficam localizados na circulação paralela à rua da entrada da escola, sua iluminação natural é feita através de um *domus* e elementos vazados, tornando-se precária e insuficiente (Fotos 4.4, 4.8 e 4.9), de modo que se verifica a necessidade de utilização das lâmpadas fluorescentes no local, mesmo no período diurno (Foto 4.10).

A iluminação natural das salas de aula ocorre através de esquadrias em algumas situações de alumínio e vidro e em outras de madeira e vidro, além de recorrer a painéis de elemento vazado, posicionados de modo a ocasionar um fluxo de ventilação cruzada em termos de entrada e saída de ar.

As circulações entre os blocos das salas de aula, administração e pátio coberto são largas, ventiladas, iluminadas e cobertas, porém sem acessibilidade no que se refere aos portadores de deficiência (Foto 4.7).

Pavimentação

De modo geral o piso utilizado na escola é “granilite” ou concreto, ambos de fácil manutenção e acessibilidade. No entanto, em alguns ambientes que não possuem cobertura esses materiais estão danificados pela ação da intempérie, como é o caso da quadra externa.

O piso do acesso ao bloco das 8ª séries é de areia solta (Foto 4.6), apenas com um pequeno desnível do embasamento e uma rampa estreita que supostamente serviria de acesso aos portadores de deficiências especiais. Desse mesmo bloco, o acesso ao ginásio coberto, às quadras de vôlei e ao campo de futebol não têm piso adequado e coberto, como pode ser visto na foto 4.5.

Arborização e sombreamento

Como a quantidade de área construída é cerca de 37% do lote, praticamente não existe espaço para arborização dentro da escola. Nos poucos espaços livres não há tratamento paisagístico, de modo que a vegetação na área está restrita a alguns coqueiros, poucos arbustos e jardineiras. A maior parte da área livre tem areia solta como piso e são para a prática de esportes (Figura 4.2 – Planta Baixa pág. 43). Tal situação causa a sensação de desconforto ambiental e transtornos em dias de chuvas quando se trata do deslocamento dos usuários

Comunicação Visual

A comunicação visual na área interna e externa da escola é inadequada e insuficiente.

Na entrada, o nome da instituição se restringe a uma placa na fachada e, nos corredores, as indicações de uso e direção dos cômodos são poucas, pequenas e de difícil visualização, o que, a princípio, gera confusão às pessoas que não convivem diariamente com a escola, como representantes de livros, e a própria pesquisadora, entre outros.

Manutenção

De modo geral as condições de manutenção dos ambientes podem ser consideradas boas, pois os pisos e paredes são mantidos relativamente limpos e íntegros, sendo maior na área interna das edificações do que em sua área externa (fachadas e espaços livres).

Comportamento observado

Verifica-se uma maior quantidade de vestígios de comportamento nas áreas externas de difícil acesso, como atrás do ginásio coberto, e nos setores molhados como wc's e vestiários (Fotos 4.9, 4.11 e 4.12). Nesses locais, é comum serem encontradas garrafas descartáveis, restos de lanches, restos de mobiliário e lixo de um modo geral.

Os alunos que chegam atrasados agrupam-se na entrada da escola e na circulação próxima à secretaria/diretoria/sala dos professores até o início da segunda aula, onde ficam conversando, provocando certo tumulto, pois a visita dos pais, movimentação dos professores e funcionários administrativos também se dá por essa entrada.

Outra observação relevante foi com relação ao deslocamento entre o bloco das 8ª séries e o setor administrativo. Como não existe uma circulação pavimentada e nem coberta, nota-se que esse deslocamento é desagradável para professores e funcionários, por causa do dia a dia das aulas e serviços que se fazem necessários, apesar de os estudantes também terem essa percepção quanto ao acesso aos banheiros. Essa percepção dos usuários foi observada nas conversas e nas respostas dos questionários, pois tanto nos dias de sol (calor excessivo) quanto nos de chuva (lama e poças de água) o desconforto é visível.

De modo geral, durante o período antes das aulas e o recreio, verifica-se que os estudantes se reúnem mais no pátio coberto do que nesses outros ambientes (incluindo o ginásio), mas expressaram que gostariam que as quadras descobertas e o campo de futebol estivessem em condições de uso para poderem aproveitá-los. Percebeu-se que os vestígios comportamentais aparecem frequentemente nas salas de aula (chicletes grudados, papéis no chão, pontas de lápis) que só são limpos entre os turnos, segundo os funcionários da limpeza. Outro ambiente onde aparecem vestígios é o pátio coberto, o que não é novidade, pois lá fica a maior concentração dos estudantes na hora do recreio.

Os estudantes que chegam à escola de bicicleta as deixam encostadas nas paredes das salas de aula em dias de sol e nos dias de chuva no pátio coberto, ou seja, não existe um bicicletário. Os funcionários e professores podem colocar seus veículos ao norte, no recuo frontal da escola ou na própria rua.

Ainda em termos comportamentais, durante a aplicação do questionário, os estudantes revelaram que, já foram alvo de outras pesquisas, mas nunca de alguma que estivesse interessada nas suas percepções quanto ao seu dia a dia, suas necessidades e aspirações e indicaram ter gostado da experiência. Como é natural da idade se agrupar para discutir as respostas, mas foi tentado, ao máximo, evitar esse comportamento. A maioria respondeu sem problemas, e apenas dois responderam com desdém. Saliente-se que a aplicação do

questionário suscitou uma discussão posterior em torno dos espaços da escola e dos comportamentos que neles acontecem, sobretudo após o término da aplicação.

Os professores foram os mais resistentes a aplicação do questionário, que, para comodidade dos mesmos foi realizada na sala dos docentes no horário do recreio. Quatro deles se recusaram a responder alegando falta de tempo, 03 responderam com nítida má vontade e os outros 20 responderam e até discutiram os itens da percepção dos ambientes quanto à avaliação geral e conforto ambiental. De modo geral quanto mais velhos os professores mais resistentes eram. Um deles comentou que era “inútil esse tipo de pesquisa e que não levava a lugar nenhum, pois no Brasil esse trabalho não era valorizado”, ou seja, lhes parecia perda de tempo. Apenas uma professora jovem, recém contratada, entusiasmou-se com o trabalho e disse que seria bom discutir as necessidades de todos.

Já os funcionários, não se opuseram e até indicaram a necessidade desse tipo de pesquisa na escola, relatando que existe a prática de liberar seu espaço para a realização de trabalhos em diversas áreas de pesquisa.



Foto 4.1 – Sesqui - Entrada da Escola



Foto 4.2 – Sesqui – Entrada da Escola



Foto 4.3 – Sesqui - Circulação do acesso à escola



Foto 4.4 – Sesqui – Wc feminino



Foto 4.5 – Sesqui - Bloco da 8 série



Foto 4.6 – Sesqui - Ausência de arborização e pavimentação



Foto 4.7 – Sesqui - Ausência de cobertas entre os blocos



Foto 4.8 – Sesqui - Acesso ao wc



Foto 4.9 – Sesqui - Acesso aos sanitários



Foto 4.10 – Sesqui - Iluminação wc



Foto 4.11 – Sesqui – Vestígio comportamental



Foto 4.12 – Sesqui – Vestígio comportamental

4.2. A OPINIÃO DOS USUÁRIOS

Os alunos foram os primeiros a participarem da pesquisa, seguidos pelos professores e os funcionários, seqüência mantida nesse texto, cuja ordem não atendeu quaisquer critérios de prioridade, grau de importância ou prejuízo nas informações. Ressalve-se ainda que, embora no início desse trabalho houvesse a intenção de comparar as respostas obtidas em função desses três tipos de usuários, a diferente participação dessas categorias na pesquisa (em função da totalidade de cada universo em particular: boa participação dos estudantes, apenas razoável dos professores e mínima dos funcionários) impediu a análise conjunta pretendida.

Além disso, para facilitar a leitura, a maior parte dos gráficos, relativos aos dados citados no texto estão no Apêndice 04, com exceção dos que representam a escolha de “estudar na escola”, avaliação geral, avaliação dos ambientes e avaliação do conforto ambiental, que são apresentados ao longo da argumentação.

4.2.1. Com a palavra os estudantes

Os questionários foram respondidos por 110 alunos dos 140 matriculados no período da tarde nas 04 turmas de 8ª série do ensino fundamental, os quais foram receptivos e interessados, só se manifestando quando tinham dúvida quanto a algum termo disponibilizado no instrumento (como, por exemplo, wc ou circulações). Determinadas questões criaram discussões de opiniões e até de manifestação da falta de conhecimento do ambiente citado como no caso da sala de ciências.

Participaram da pesquisa 54 estudantes do gênero feminino e 51 do gênero masculino, correspondendo a um equilíbrio numérico, sendo que 05 não responderam. Sua idade variou entre 13 e 18 anos, sendo que cerca da metade dos alunos declarou ter 14 anos, o que demonstra adequação às indicações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) da relação idade com o grau de escolaridade, neste caso 8ª série do ensino fundamental.

A renda familiar declarada por eles dividiu-se quase equitativamente entre 03 das classificações apresentadas, embora a maioria dos respondentes tenha se concentrado na faixa central de 03 a 05 salários mínimos com 30%, e 18,18% não tenha sabido responder, provavelmente em função da própria idade. Apesar dessa ressalva, verifica-se que 60% das famílias têm renda inferior a 05 salários mínimos, enquanto 22,73% estão acima desse patamar, constatações que indicam o sistema misto de gestão adotado pela escola, mesclando administração pública e cooperativista, de modo que entre os estudantes há filhos de famílias mais carentes e de classe média.

No que se refere aos motivos¹ pelos quais os alunos acreditam que o Sesqui foi escolhido como local de estudos se destacaram duas respostas: acreditar no ensino oferecido pela escola; 89% indicaram a opção “bom ensino”, e 57% “decisão dos pais”, o que reforçou qualidade do ensino. Além disso, a opção “outros” aglutinou vários tipos de argumento tais como:

“Porque eu conheço muita gente.”

“Por conta do handball.”

“Porque minha mãe é professora da escola.”

“Fui praticamente obrigado.”

¹ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

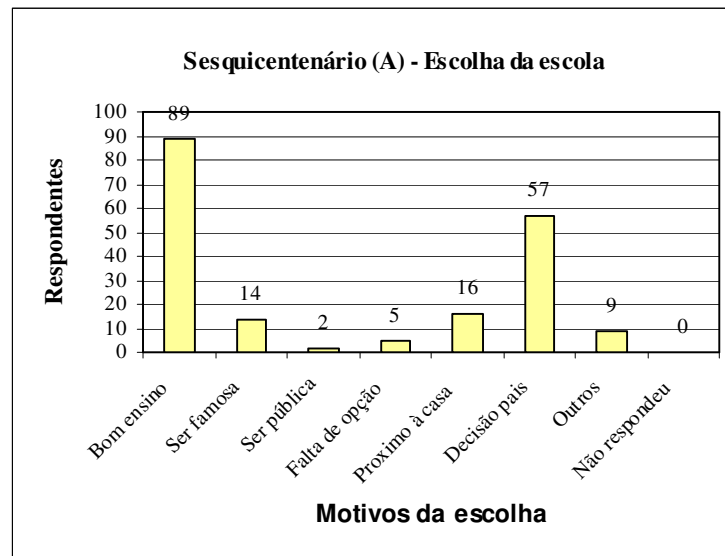


Gráfico 4.1 – Sesqui – Aluno: Escolha da escola

De modo geral, ao serem solicitados a avaliar a escola (Gráfico 4.2), 75,45% dos estudantes escolheu a opção “boa”, o que corresponde dizer que os mesmos aparentam reconhecer o bom ensino apesar da distância da moradia, informações que ratificam os dados anteriores relacionados à renda familiar e ao motivo da escolha da escola.

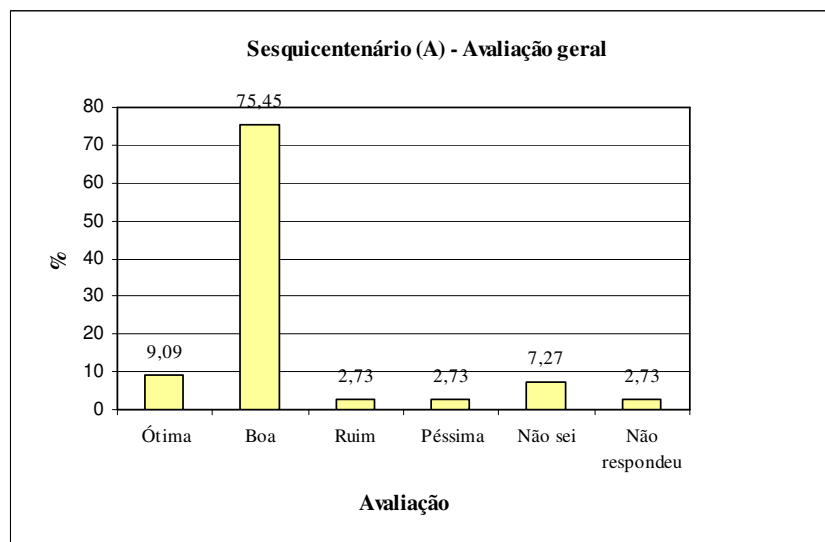


Gráfico 4.2 – Sesqui – Aluno: Avaliação geral

Dentre os espaços propostos para avaliação (Gráfico 4.3), quais sejam, entrada da escola, circulações, sala de aula, biblioteca, wc's, laboratório de informática, ginásio, acesos, pátio coberto, muro, lanchonete, campo de futebol, quadras de vôlei, vestiários, sala de artes e sala de ciências, a biblioteca foi o ambiente com maior média (score 8,98 em base dez). Tal

resultado provavelmente se deve ao fato de ser um ambiente amplo, com ar condicionado, bem iluminado e organizado, mas também porque a permanência dos estudantes no local é eventual, tornando a percepção dos possíveis defeitos menos evidentes.

O pátio coberto, ginásio e lanchonete tiveram médias entre 7,50 e 7,70, o que pode ser associado ao fato de tais ambientes acomodarem minimamente as atividades e eventos que neles acontecem (práticas sócio ambiental vigente), e não necessariamente por serem adequados ou bem organizados. A lanchonete, as circulações e as salas de aulas obtiveram média entre 7,00 e 7,29, apesar dos problemas já relatados com relação ao dimensionamento da circulação na área de entrada e do fato do espaço físico da lanchonete existir, mas não funcionar como tal. Finalmente, os banheiros foram os ambientes com menor média (3,84), a qual certamente reflete a realidade de não serem bem iluminados e não terem acessibilidade.

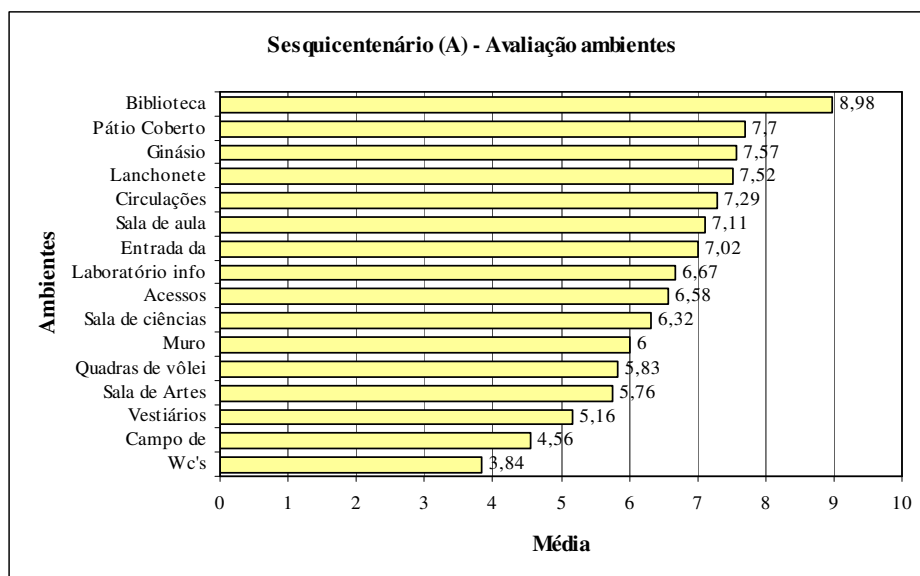


Gráfico 4.3 – Sesqui – Aluno: Avaliação dos ambientes

No que se refere, especificamente, a qualidade ambiental da escola, foram avaliados os itens limpeza e conservação, manutenção do sombreamento natural, matérias dos pisos, aparência estética, equipamentos (bancos, brinquedos), mobiliário (carteiras, armários, etc.), acessibilidade, temperatura, controle do ruído e iluminação nos cômodos, seguranças física e pessoal (Gráfico 4.4).

A iluminação recebeu a média mais alta, 7,52, indicando que, de uma maneira geral, os vários ambientes da escola são adequadamente iluminados de modo natural, exceto os wc's (rever Gráfico 4.3).

Os itens materiais dos pisos, sombreamento, limpeza, segurança pessoal, aparência estética e segurança física foram avaliados com médias entre 6,00 e 6,80, equipamentos, mobiliário, temperatura, ruído e acessibilidade receberam médias inferiores a 6,00.

Para os alunos a acessibilidade é o item com menor desempenho com média 5,00, condizente com a realidade. A escola está construída em um terreno com grande desnível sendo necessária a construção de degraus, e em muitos casos nem os degraus existem somente o declive natural já que não têm revestimento no piso, dificultando os acessos, portanto menos qualificado.

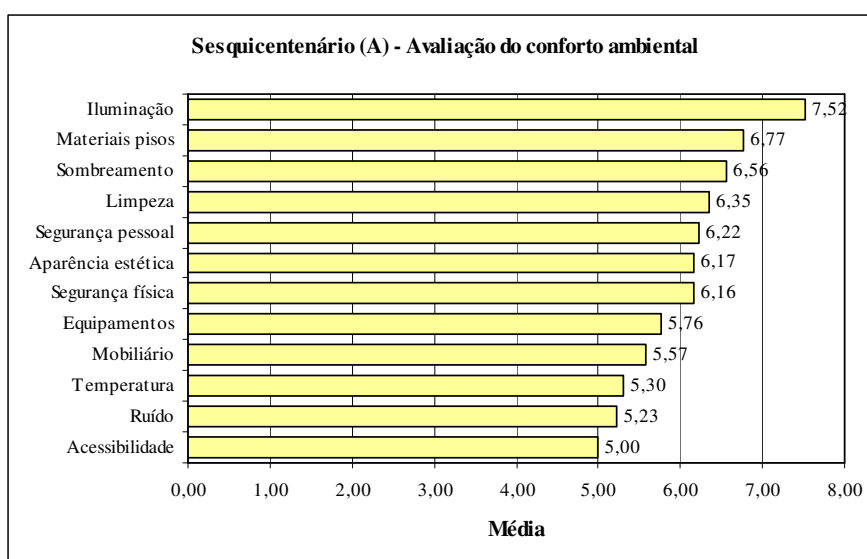


Gráfico 4.4 – Sesqui – Aluno: Avaliação do conforto ambiental

Quanto a mudanças nos espaços da escola, 50% dos alunos percebem tal necessidade, mesmo tendo avaliado os ambientes com médias acima de 6,00. Por outro lado, somando-se os que responderam “não” e “não sei” foram 46,36%, notou-se que muitos alunos não haviam refletido nessa necessidade e, por outro, que eles desconhecem outras escolas para poderem comparar.

Quando os alunos acreditam que sejam necessárias mudanças, as principais indicações foram: reformas nas quadras, ginásio e em algumas salas de aula, aumentar banheiros e colocar ventiladores.

Visando averiguar que tipos de ações ligadas ao cuidado com o ambiente da escola e da cidade são conscientemente realizados pelos estudantes, foi apresentada uma questão específica. As principais opções indicadas pelos alunos foram: educação na cidadania (apontada por 46, dos 110 alunos que responderam ao questionário), educação ambiental e

inclusão social (35 e 36, respectivamente). Verifica-se, no entanto, que a opção “não sei” foi indicada por 45 dos 110 participantes, que demonstraram não perceber a ocorrência de atividades desse tipo na escola.

No tocante ao cuidado com o ambiente, ficou evidente que os alunos associaram as opções “educação ambiental” com “coleta seletiva de lixo” e “limpeza da escola” (manutenção) e “educação na cidadania” com respeito ao próximo, gincana para obtenção de materiais de higiene pessoal a fim de repassarem como doação em asilos e hospitais.

Das atividades ligadas ao cuidado com o ambiente que foi identificada pelos alunos como realizadas na escola, destacam-se:

“Coleta de lixo seletiva: apanhando os papeis do chão”

“No dia da família colaborando com o que eles pedem”

“Participo de palestras”

“Inclusão social participando dos eventos que acontecem na escola”

“Inclusão social – ajudando os colegas; educação ambiental – ajudando na conservação do colégio e educação na cidadania – exercendo os nossos direitos e deveres possíveis”

Por outro lado, entre os alunos que responderam negativamente à questão, os comentários se relacionaram a não perceberem a existência desse tipo de atividade, como comentou um dos respondentes: “Nenhuma. Porque aqui não tem. Se tivesse seria um incentivo, mas educação ambiental que é importante, que eu saiba não tem. A escola não dá, só é conversa fiada.”

Complementando essas respostas, com relação à existência de espaços adequados às atividades², os alunos se referiram a 16 locais, dentre os quais se destacaram aqueles ambientes com caráter coletivo, quais sejam: biblioteca, pátio coberto, ginásio e sala de aula (indicadas, respectivamente, por 39, 37, 34, e 33 pessoas).

Sendo a escola, por excelência, um dos ambientes com os quais essas pessoas convivem por mais tempo, investigou-se, também, seu sentimento de responsabilidade pela manutenção da escola. O resultado obtido não surpreendeu, pois indicou a “percepção cultural” que o “cuidar é função do governo”, representada pela responsabilização dos que oferecem o serviço (neste caso Prefeitura e/ou Estado), funcionários contratados para executar

² Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 3, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

o serviço e administração escolar que disponibiliza o serviço, respectivamente indicada por 70, 71 e por 40 respondentes. É interessante e preocupante perceber que os alunos não se reconheceram como participantes ativos do processo da manutenção da escola, pois apenas vinte e três respondentes, cerca de 20% do total assumiram esse papel³.

Embora não se sintam responsáveis diretos pelas ações de manutenção e cuidado com o ambiente escolar e demonstrem não compreender no que realmente consistem essas atividades no âmbito escolar, a maioria dos alunos, 57,27%, admitiu a importância das mesmas em sua formação, argumentando nesse sentido:

“Porque o que eu aprender a fazer aqui, vou fazer também em casa, e na cidade; e isso vai ser bom pra todos.”

“Porque vai me ensinar a aprender conviver com pessoas ao meu nível social e pessoal”

“Porque ajuda na educação e ajuda como viver melhor na sociedade”

“Porque, com condições favoráveis (...) o aluno se sente mais preparado para aprender e usar este conhecimento no seu futuro”

“Porque leva ao desenvolvimento da cidadania”

“Porque forma o caráter do aluno”

Além disso, 46,36% dos alunos não conseguiram associar o comportamento individual e/ou coletivo com as atividades desenvolvidas na escola, outra resposta também esperada em função da não vivência desse tipo de ação como um hábito a ser cultivado no dia a dia. No entanto, ao mesmo tempo os respondentes entram em contradição em relação ao que disseram quando questionados sobre a importância desse tipo de atividades na formação do aluno-cidadão, quando mais da metade destes se manifestaram positivamente.

Nesse mesmo sentido, ao serem questionados sobre em que seu comportamento pode ajudar nas ações de coleta de lixo seletiva, educação ambiental, cidadania, inclusão e ética social, os alunos aparentaram entender a questão, e até se auto criticaram ao indicar:

“é preciso ter educação e respeito pela escola e pessoas que atuam nela” “Eu preciso ajudar os professores e meus pais”

“(...) muitos alunos destroem varias coisas do colégio como o banheiro, e isso não é legal”

³ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

“Posso ajudar não jogando lixo no chão, preservando os materiais, etc”

“Ajudando as pessoas tendo um bom comportamento sendo educado, conservando a escola, etc”.

“Porque tudo que é feito com vontade fica perfeito”

“Aceitar as pessoas como elas são”

Questionados sobre já terem participado de campanha ecológica, a maioria dos participantes, 69,09 % respondeu negativamente, confirmando assim as respostas anteriores quanto a pouca ou nenhuma vivência da prática ecológica na escola, e até mesmo desinformação e/ou desinteresse. Entre os que indicaram participar, 19%, mencionaram atividades ligadas ao bairro, à coleta de coisas para reciclar e conscientização das pessoas sobre a água, limpar as praias, reflorestamento e questões similares.

Finalmente, no espaço destinado para comentários ou considerações importantes, foi possível verificar o quanto uma parte dos alunos anseia por uma atividade mais específica nesse sentido, até como um modo de se sentir assumindo um papel mais valorizado e ativo no ambiente escolar, como indicam alguns dos textos coletados.

“Que neste questionário todos vejam a importância do aluno na escola e na sociedade, que você possa ver e agir para a escola mude pra melhor”

“Quanto à limpeza, deveriam conscientizar os alunos a não sujarem a escola, deveria ter mais lixeiras, deveria ter mais organização, tomar as decisões mais rápido”

4.2.2. O que dizem os professores

Participaram da pesquisa 23 professores dos 88 que lecionam nas quatro turmas de 8ª série do ensino fundamental. Os mesmos não foram tão receptivos quanto os alunos, dentre eles, somente 03 ficaram interessados pelos resultados desta pesquisa. Dos que não participaram, alguns alegaram não ter tempo, e outros que o questionário era muito extenso (portanto tomando muito do seu tempo do intervalo). Os professores mais jovens foram mais solícitos em responder, um deles inclusive dizendo que pretendia desenvolver algum tipo de pesquisa semelhante. Por outro lado, um dos professores mais experientes (com mais tempo de sala de aula) reconheceu o esforço da pesquisadora, mas afirmou não acreditar que

realmente poderia surtir efeitos frente à urgência de questões consideradas maiores, como a valorização salarial e o reconhecimento da importância da profissão.

Ressalte-se, ainda, que, entre os que responderam vários afirmaram não reconhecerem alguns dos ambientes citados como, por exemplo, sala de artes ou vestiários, e que, quando mais de uma pessoa estava respondendo, surgiram outras questões o que suscitou breves discussões em função da verbalização (não solicitada) de opiniões divergentes.

Dos professores respondentes 69,57% foram do gênero feminino e 30,43% do gênero masculino, e a idade variou entre 25 e 56 anos, sendo que a maior variação foi na faixa dos 26 aos 50 anos.

A renda familiar declarada por eles apresentou-se equilibrada nos itens entre 01 e 03 salários mínimos com 34,78% e mais de 05 salários mínimos com 39,13%, seguidos de 21,74% do item entre 03 e 05 salários mínimos e a menor porcentagem com 4,35% com menos de 01 salário mínimo.

O motivo⁴ pelo qual a maioria dos professores escolheu ensinar na escola foi o bom ensino com 18 seleções (Gráfico 4.5). Com uma diferença três vezes menor a proximidade foi a outra opção mais bem assinalada com 06 seleções. Para os professores “ser famosa”, “remanejamento”, “falta de opção” foram pouco assinalados e na opção “outros” os mesmos colocaram que já haviam sido aluno e que foram convidados para fazer parte da equipe.

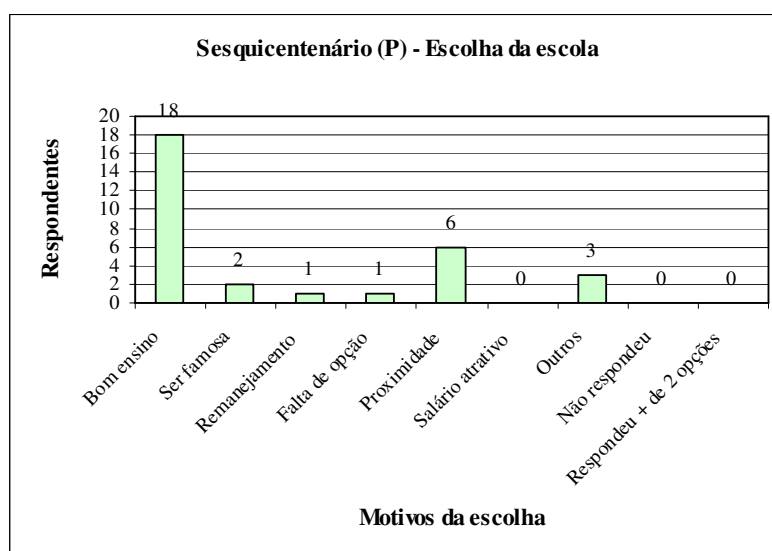


Gráfico 4.5 – Sesqui – Professor: Escolha da escola

⁴ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

De modo geral, os professores avaliaram a escola como “boa” e “ótima” (56,52% e 39,13%, respectivamente como mostra a Gráfico 4.6), sendo que, se somarmos as duas médias, obteremos quase uma unanimidade positiva na percepção desses respondentes. Tal avaliação, neste caso é de grande importância, pois muitos deles ensinam em outros estabelecimentos de ensino público, podendo haver uma comparação e por consequência um melhor posicionamento diante da escola aqui avaliada.

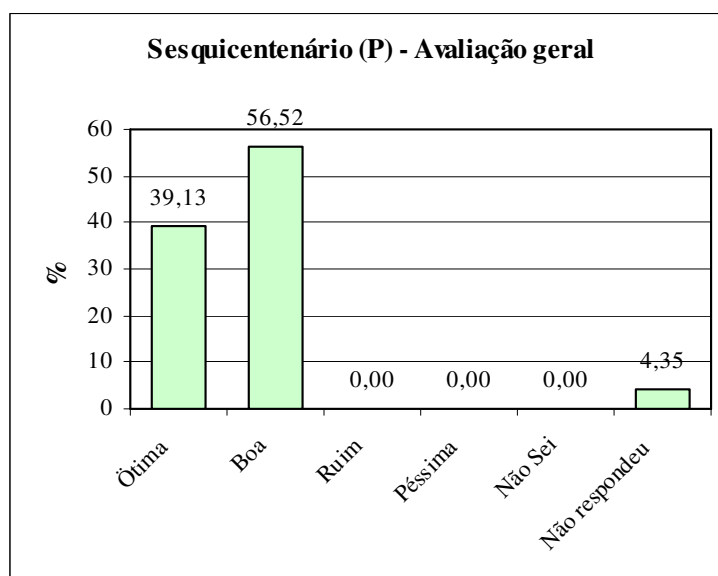


Gráfico 4.6 – Sesqui – Professor: Avaliação geral

A biblioteca recebeu por parte dos respondes a maior média (9,43), resultado quase idêntico ao dos alunos (média de 8,98), confirmando que a percepção dos respondentes coincide com a realidade do espaço físico.

Os demais ambientes, lanchonete, laboratório de informática, pátio coberto, entrada do muro, ginásio, circulações, acessos, sala de aula, wc's, sala de artes, quadras de vôlei, sala de ciências, vestiários e campo de futebol obtiveram médias todas acima de seis (Gráfico 4.7), confirmando sua percepção positiva do ambiente escolar.

Dentre os 05 ambientes com melhores médias, 03 foram indicados tanto pelos professores como pelos alunos, quais sejam: biblioteca, lanchonete e pátio coberto

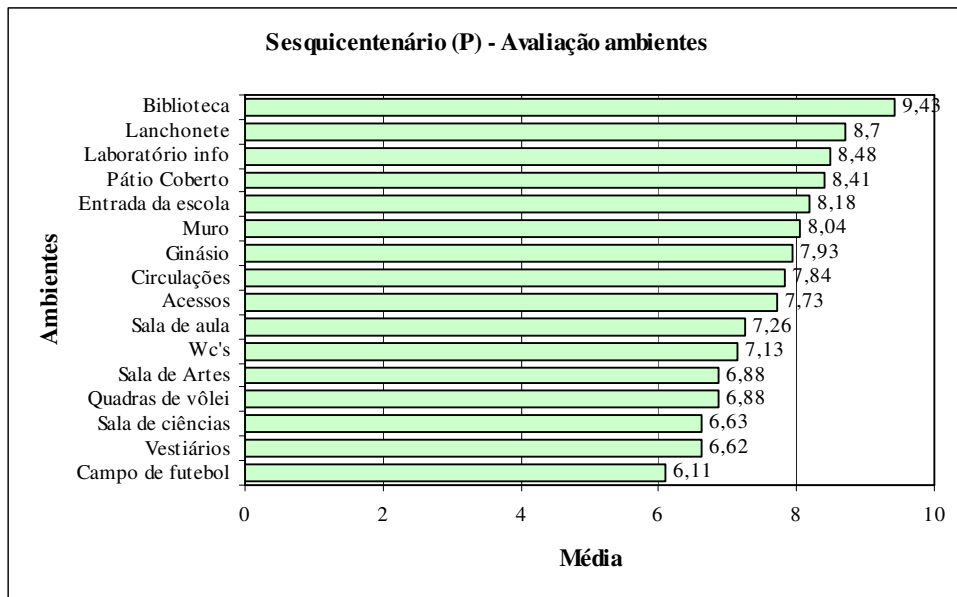


Gráfico 4.7 – Sesqui – Professor: Avaliação dos ambientes

No que se refere à avaliação dos itens mais gerais (Gráfico 4.8), a maior média correspondeu à limpeza (8,15); a segurança física e a pessoal tiveram praticamente a mesma média (7,84 e 7,95 respectivamente), o que representa uma boa satisfação na percepção do item segurança, o que se repetiu nos itens iluminação, mobiliário e materiais dos pisos (os dois primeiros com 7,07 e o último com 7,05). As 03 médias mais baixas foram obtidas pelos aspectos acessibilidade, ruído e temperatura, cuja avaliação coincidiu com a percepção dos alunos, com pequena variação apenas nas porcentagens (os scores dos professores foram respectivamente 5,12, 5,22 e 6,41 enquanto os estudantes aferiram 5,00, 5,23 e 5,30).

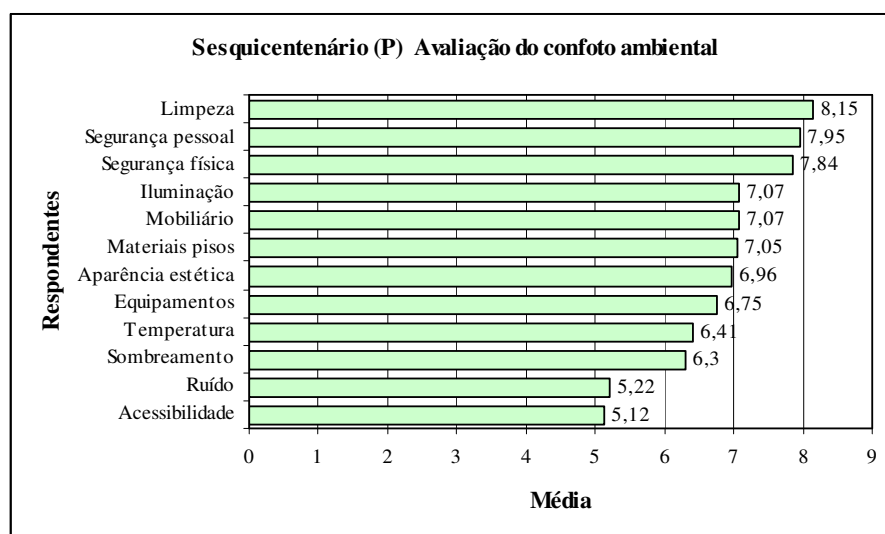


Gráfico 4.8 – Sesqui – Professor: Avaliação do conforto ambiental

A grande maioria dos professores, 60,87% percebeu a necessidade de mudanças na escola alegando:

“Sinto falta de ambientes de estudo para professores, ambientes de lazer arborizados para uma convivência tranqüila, para atividades com os alunos; acho também que com a qualidade acústica das salas. É torturante a atividade com os alunos. Tudo que promova bem estar promoverá relações mais humanizadas, saudáveis e fica melhor para a atividade do professor”

“Procurar mobilizar professores, pais e alunos para tal atitude”

“Adaptação para inclusão social”

“Adaptação para portadores de necessidades especiais, cadeirante e outros”.

“Na estrutura da escola (rampa para deficiente físico)”

Por outro lado, 21,74% dos docentes afirmam não acreditar que a instituição precise de mudanças para as que atividades possam acontecer.

Entre as atividades sócio-ambientais praticadas na instituição, os professores destacaram a inclusão social (indicada por 20 docentes), educação na cidadania (18) e educação ambiental (17). A coleta seletiva de lixo e o trabalho com crianças com necessidades especiais também foram assinaladas, embora por poucos, corroborando a indicação dos alunos. Segundo os próprios professores, a participação destes nas ações que acontecem na escola geralmente acontece no âmbito de suas respectivas disciplinas e/ou em atividades interdisciplinares em sala de aula.

De modo geral os professores indicam a sala de aula como ambiente que melhor acomoda⁵ tais atividades (mencionada por 18 dos respondentes), provavelmente por ser este o ambiente em que exercem maior domínio e no qual se sentem mais confiantes, onde, até por razões históricas, presumidamente ocorrem as transferências de conhecimento e o maior contato professor-aluno.

A biblioteca foi o segundo ambiente mais citado (07 indicações), espaço percebido como adequado para os mais diversos tipos de ações; as circulações ficaram logo em seguida (com 05 respondentes), sendo que o pátio coberto, sala de ciências e ginásio e laboratório de informática tiveram quase os mesmos valores (cerca de 03 indicações).

⁵ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 3, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

Para os professores, a responsabilidade pela manutenção⁶ da escola foi distribuída entre a administração, funcionários e estudantes. Eles se perceberam até mesmo depois da comunidade. Interessante notar que nessa mesma questão os alunos perceberam os professores como responsáveis antes deles.

Por outro lado, quase a totalidade dos professores (91,30%) percebe a importância da sua profissão nas atividades desenvolvidas na escola e explicam:

“Porque o ensino é uma atividade de questionamento, reflexão e criação de possibilidades de mudança”

“Sim, através de informações e atitudes”

“Sem dúvida. Somos promotores de uma mudança coletiva, provocadores e articuladores de bem-estar”

“Devido o contato direto com a massa estudantil a qual é o futuro da humanidade”

“Pois é o professor que atua diretamente com o aluno e com sua formação como cidadão”

“Pode ajudar sim, porque como professora, temos o dom da palavra e experiências de vida para passar aos alunos”

“Na abordagem dos tópicos e principalmente agindo com coerência ao que é falado”

Nesse sentido, para 56,52 % dos professores o Plano Político Pedagógico (PPP) deveria refletir-se nos ambientes físicos, o que demonstra uma percepção positiva da questão, conforme indicam os comentários a seguir:

“O PPP está envolvido em tudo o que aqui acontece, inclusive no uso do ambiente da escola”

“O PPP foi elaborado para ser executado usando todos os ambientes físicos da escola”

“Toda a equipe tem o compromisso de discutir e opinar procurando soluções para os problemas existentes e tem o apoio da comunidade”

“A escola é baseada no construtivismo e na formação do cidadão, o que influi diretamente no ambiente físico”

É preocupante, no entanto, que somando os que responderam que “não” e os que “não sabem” obtém-se 43,45 %, um valor alto, e que pode ser indicativo da existência de uma

⁶ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

parcela significativa desses respondentes que ainda não conhece e/ou utiliza plenamente a potencialidade dos espaços disponíveis na escola, ou os subutilizam.

A participação em campanhas ecológicas ou programas sociais não é uma vivência comum para 65,22% dos professores, os quais admitiram não tomar parte desse tipo de atividade nem no ambiente de trabalho nem em outro local. Apesar de identificarem várias dessas atividades na escola (como inclusão social, coleta seletiva de lixo, educação na cidadania e educação ambiental) e de afirmarem querer conscientizar os alunos, incentivando tais práticas em suas disciplinas, esses docentes não se consideram ativos na área, não se percebem integrados a tal práxis, nem como possíveis exemplos para os alunos.

Dentre a minoria, 30,43%, que admite participar de práticas sócio-ambientais as principais ações mencionadas são: atividades do APAN (Associação Paraibana dos amigos da Natureza), uma pesquisa na cidade de Pitimbu, a limpeza a beira-mar (em gincanas), caminhadas ecológicas e a apresentação de trabalhos referentes aos conteúdos de ciências (como ecossistemas e similares).

4.2.3. A vez dos funcionários

Trabalham na escola 67 funcionários distribuídos nos setores de administração, limpeza e pedagógico, sendo que 08 mantidos pela cooperativa, 59 pelo Estado dos quais 04 são diretamente do setor administrativo. Os questionários foram respondidos apenas por 07 funcionários que trabalham no período da tarde. Ou seja, das 03 categorias pesquisadas, estes foram os menos receptivos, alegando por não quererem responder, estarem em serviço e terem receio de serem repreendidos, apesar de sua participação ter sido liberada pela administração e de termos alegado que eles são importantes integrantes do sistema educacional.

Por outro lado, é preciso ressaltar que aqueles que participaram demonstraram grande interesse e conhecimento nos assuntos abordados, talvez por realmente trabalharem diretamente ligados aos espaços, percebendo-os com mais clareza e sentindo-se envolvidos com sua manutenção.

Dos funcionários respondentes 04 foram do gênero feminino, 01 do gênero masculino e 02 não assinalaram. A idade dos respondentes variou entre 38 e 59 anos.

Diferentemente da renda familiar declarada pelos alunos e professores, 03 dos funcionários declararam ter renda até 01 salário mínimo e todas as outras opções foram indicadas por apenas 01 respondente cada.

Os itens “bom ensino” e “proximidade com a residência” foram os itens que mais se aproximaram, entre si (04 e 03 respondentes respectivamente) (Gráfico 4.9) ⁷. Os itens “ser famosa”, “remanejamento” e “salário atrativo” tiveram o mesmo número de respondentes (01). Também é interessante notar que nas três categorias pesquisadas, alunos, professores e funcionários um dos itens mais votados foram o da escola ter um bom ensino e coincidir as duas opções com a dos professores que além da citada acima, a outra opção foi a proximidade com a residência.

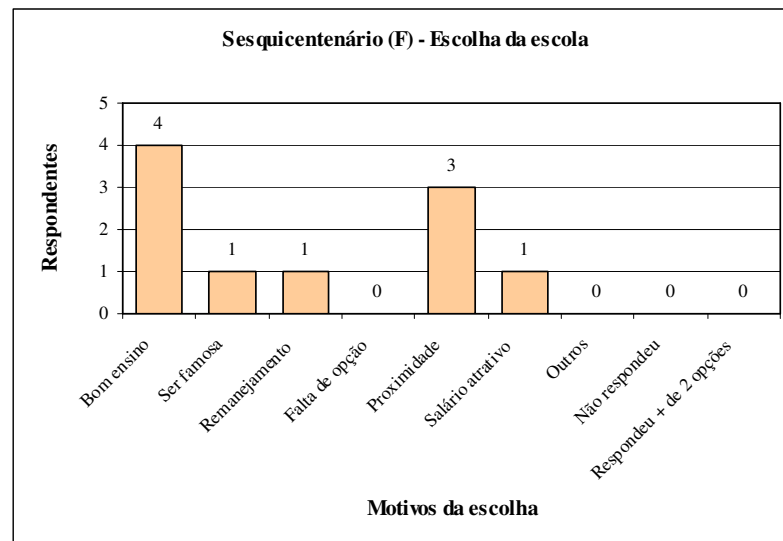


Gráfico 4.9 – Sesqui – Funcionário: Escolha da escola

Em sua grande maioria a avaliação geral (Gráfico 4.10) foi boa (02 menções) e ótima (05 menções) o que corresponde dizer que os funcionários têm uma avaliação geral da escola muito positiva.

⁷ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

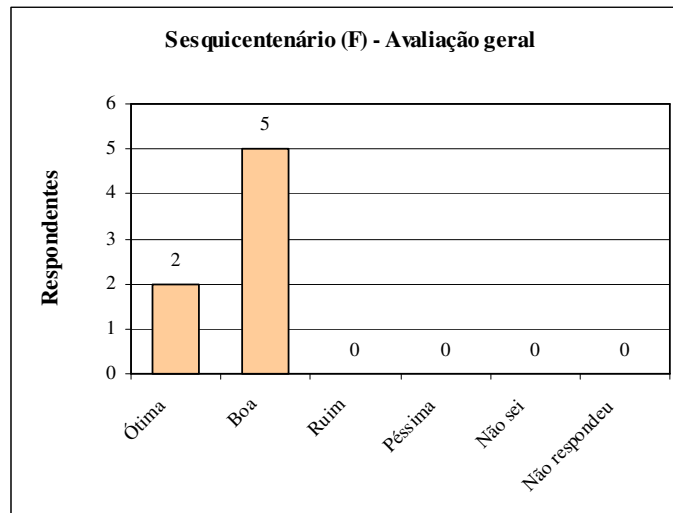


Gráfico 4.10 – Sesqui – Funcionário: Avaliação geral

A biblioteca obteve a maior média na avaliação por ambientes, 9,64, seguida pela lanchonete, 9,29, e o pátio coberto, 8,21. Notou-se que pelo gráfico 4.11 eles percebem os ambientes avaliados sempre acima da média 6,00, o que ratifica a resposta da avaliação geral.

Dos respondentes da escola Sesquicentenário, alunos, professores e funcionários, nesta avaliação, pelo menos um ambiente coincidiu entre eles: biblioteca e a lanchonete por funcionários e professores e o pátio coberto por funcionários e alunos.

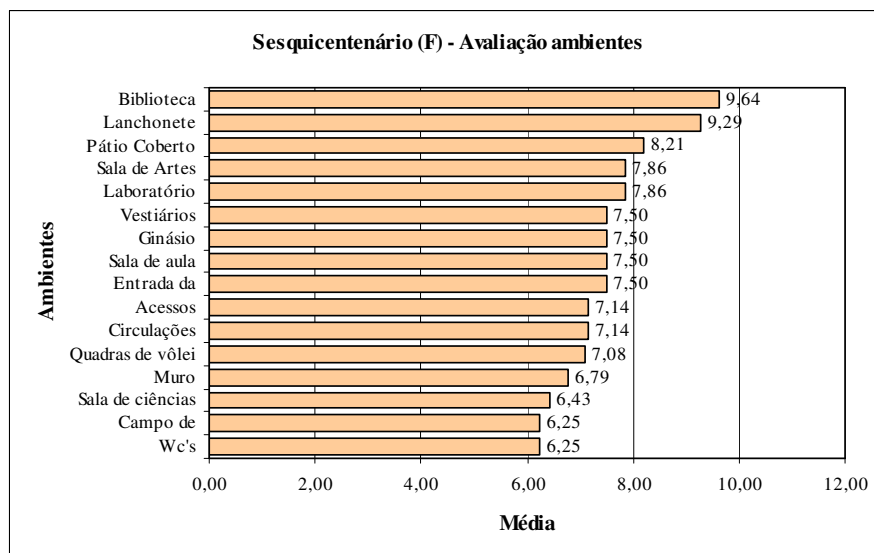


Gráfico 4.11 – Sesqui – Funcionário: Avaliação dos ambientes

Na avaliação do conforto ambiental percebe-se pelo gráfico 4.12 que alguns itens tiveram a mesma média. Os itens mobiliário, materiais dos pisos e limpeza com uma média de

7,5; segurança pessoal e física, temperatura e sombreamento, com 6,79; equipamentos e aparência estética com 6,43.

Notou-se que todos os itens citados acima obtiveram médias acima de 5,00 e somente “ruído” e “acessibilidade” abaixo dessa média. Estes também foram as piores médias para alunos e professores.

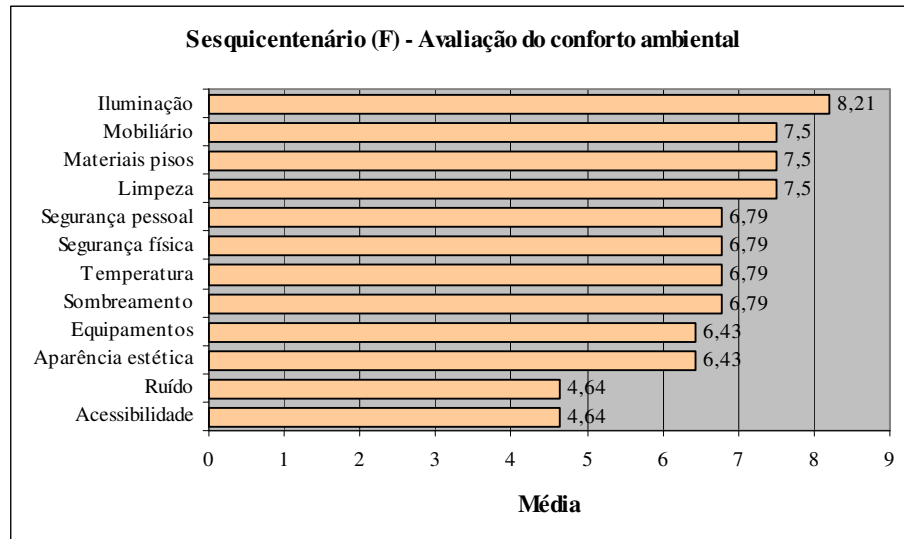


Gráfico 4.12 – Sesqui – Funcionário: Avaliação do conforto ambiental

Podemos dizer que os funcionários ficaram divididos quanto à opinião da necessidade de mudanças nos espaços da escola, 03 respondentes disseram que sim e 03 que não. Já nas respostas em aberto só se manifestaram os que consideram necessárias mudanças nos espaços da escola como:

“Acesso a cadeirante, banheiro e bebedouro para o bloco de primeiro andar”.

“Sim, acesos aos blocos, melhorar o laboratório de informática, o ginásio e os wc’s”.

Três atividades obtiveram a mesma pontuação, 06, educação ambiental, educação na cidadania e inclusão social. Estas também foram as atividades percebidas como desenvolvidas na escola pelos professores, bem como pelos alunos, entretanto estes últimos tiveram o maior número de respondentes para a opção “não sei”.

Das atividades ligadas ao cuidado com o ambiente que foram identificadas pelos funcionários como realizadas na escola, destacam-se ações simples como “tratando bem a todos” e “colaborar colocando o lixo no cesto.”

A sala de aula foi o ambiente que os funcionários mais perceberam como o que acomoda as atividades desenvolvidas na escola, assim como os professores, depois a biblioteca e, empatados com a mesma pontuação, circulações, laboratório de informática, lanchonete, ginásio e pátio coberto.

Quanto à responsabilidade pela manutenção da escola os funcionários perceberam que a administração tem maior importância, seguidos dos funcionários e estudantes.

O item administração aparece nas 03 categorias pesquisadas, sendo que a dos funcionários foi a única que se incluiu na responsabilidade, tanto alunos quanto professores se excluíram. Esta percepção pode ser pela profissão de serventes ou faxineiros (as).

Ao analisarmos se a profissão ajuda nas atividades desenvolvidas na escola, notamos que três funcionários perceberam que sim, ao dizer que “No meu trabalho todas as tarefas ajudam em todas as ações”.

Entretanto somando-se os percentuais das opções “não” e “não respondeu” percebeu-se que a desvalorização da profissão por parte dos alunos e até de alguns professores e muitas vezes a baixa auto-estima do próprio trabalhador levam a esse pensamento. Assim, os funcionários perceberam seu trabalho como obrigação, o que pode ser verificado a partir de afirmações como: “Minha profissão não pode ajudar em nada”.

Os funcionários foram das três categorias pesquisadas a que menos participou em campanhas ecológicas. E, no espaço reservado para comentários ou considerações importantes, eles ratificaram que a escola é boa de um modo geral, grande e tem áreas para reformas, mas chamaram a atenção para as mudanças necessárias como, por exemplo, prioritariamente a acessibilidade.

5. ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PRESIDENTE EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (EEMédici)- RESULTADOS

Como ocorreu no capítulo anterior, o presente capítulo reúne as informações coletadas e percepções da pesquisadora, bem como, as dos estudantes, professores e funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Médici, que passaremos a denominar Médici, como dizem seus usuários. O capítulo se desenvolve com base em dois itens: a apresentação da escola e a opinião dos usuários coletada a partir da aplicação dos questionários e ainda os comentários sobre.

5.1. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

A escola Médici também surgiu na década de 1970, a partir da proposta nacional de disseminação da educação politécnica, embora atualmente não atue nesse segmento, sendo gerida pela Secretaria Estadual de Educação. Situada à Rua Cônego Francisco Lima, s/n, bairro Castelo Branco (Figura 5.1), ela tem a Cidade Universitária e a BR 230 como delimitadores marcantes do seu entorno.

Localização

A escola está situada à Rua Cônego Francisco Lima, s/n, bairro Castelo Branco, cidade João Pessoa/PB. As avenidas Dom Pedro II e do Contorno da Cidade Universitária (Figura 5.1) margeiam a escola, dando o suporte para os usuários. Nessa área, o acesso ao transporte público é razoável e o acesso por deslocamento a pé desconfortável.

A área contempla poucos bairros, o que, segundo o diretor, não justifica o baixo índice de matrículas, mas utilizando o círculo com diâmetro de 01 km para a delimitação da área de deslocamento casa-escola com conforto (procedimento também adotado para a outra escola) (Figura 5.1), percebe-se que a maioria dos estudantes, 79% moram no bairro adjacente e os demais vem de outros bairros, como Cabo Branco, Torre e Mangabeira. Os professores residem em quatro bairros distantes (Jardim Luna, Jardim 13 de Maio, Bancários e Mangabeira) e os funcionários deslocam-se a partir de bairros distantes (Altiplano, Bancários, Castelo Branco e Jardim 13 de Maio).

Proposta projetual

A escola MÉDICI ocupa um terreno plano com 22.461,60 m² (Figura 5.2), e tem 2.583,56 m² de área construída. Praticamente não há desnível entre suas testadas. Como na primeira escola, esta também não tem um estilo arquitetônico definido, tendo sido projetada a partir de uma forte preocupação com a função, que se reflete em uma organização espacial modulada e setorizada ao longo de eixos de circulação coberta perpendiculares entre si (ver organização espacial na figura 5.2, que utiliza manchas para melhor visualização). Assim, no “eixo longitudinal” localizam-se as salas de aula e no “eixo transversal” ficam localizados o setor administrativo, os banheiros e a biblioteca (Figura 5.2), arrematados pelo pátio coberto.

As técnicas construtivas são simples de concreto, estruturas marcadas (vigas e pilares a mostra), elementos vazados e pintura simples.

De modo geral, verifica-se a existência de grande área livre, passível de ser ocupada, mas que permanece sem uso e em estado de descaso, e chama a atenção o pouco uso e o aspecto mal cuidado dos espaços construídos, atualmente existindo muitas salas fechadas e setores desativados como o de odontologia que serve para depósito. (Fotos 5.5 e 5.6)

Dimensionamento dos Cômodos

Quanto ao dimensionamento, o bloco da administração (com diretoria, secretaria, sala dos professores e wc para os funcionários), e a circulação, tem dimensões suficientes para a quantidade e o fluxo de pessoas no local, mas apesar dessas dimensões os alunos não tem onde permanecer a espera do início das aulas e ficam espalhados pelas circulações, em pé. Tal situação também é desconfortável para os funcionários da limpeza que não tem um local específico para eles.

As salas de aulas estão de acordo com as normas do MEC, aproximadamente para 40 alunos, apesar de terem poucas carteiras. Possuem iluminação e ventilação natural através de esquadrias de madeira e vidro.

A biblioteca tem pouco acervo e além da pesquisa, funciona como local de encontro e bate papos. (Foto 5.7)

A escola toda é bem dimensionada, porém subutilizada. Não existe arborização entre os blocos e nem no restante do terreno (Foto 5.8). O auditório é utilizado muito raramente (Foto 5.9) e o espaço destinado a área de recreação coberta, como consta no projeto arquitetônico original e funcionava como refeitório, também está desativado. (Foto 5.10)

Os espaços externos que são destinados a atividades esportivas estão deteriorados e no acesso até o ginásio não existe pavimentação ou cobertura (Fotos 5.12 e 5.16).

Os wc's não têm acessibilidade, mas estão em bom estado de conservação, com revestimentos adequados inclusive nas paredes (Foto 5.13, 5.14 e 5.15), as dimensões e a quantidade de sanitários e lavatórios não estão em conformidade com as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Condições de Conforto

A entrada da escola, com orientação norte, (Fotos 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4) não tem identificação adequada e, muito menos convidativa, é feita diretamente através de uma circulação que passa pela diretoria, secretaria, sala dos professores, biblioteca, consultório dentário, desativado, até chegar às circulações para as salas de aula. Ao chegarem, os poucos alunos, distribuem-se ao longo das circulações em pequenos grupos (Fotos 5.3 e 5.11). Não existe guarita, o “controle” da entrada dos alunos e pessoas de um modo geral é realizado através de um funcionário sentado em uma cadeira (Foto 5.4).

Em termos de ventilação e insolação verifica-se que: a entrada da escola e as de salas de aula tem orientação norte/sul e o ginásio coberto está orientado para leste/oeste na menor fachada e não está orientado adequadamente.

Como os wc's ficam localizados na circulação perpendicular à rua da entrada da escola, e sua iluminação natural é feita através de esquadrias de madeira e vidro (Fotos 5.13 e 5.14), bem como para a circulação interna, como para leste (aberturas externas), evitando a utilização de iluminação artificial durante o período diurno.

A iluminação natural das salas de aula ocorre através de esquadrias em madeira e vidro, em paredes opostas, de modo a ocasionar um fluxo de ventilação cruzada em termos de entrada e saída de ar.

As circulações entre os blocos das salas de aula, administração e pátio coberto são largas, ventiladas, iluminadas e cobertas, com acessibilidade no que se refere aos portadores de deficiência (Foto 5.3 e 5.11).

Pavimentação

De modo geral o piso utilizado na escola é “granilite” ou concreto, ambos de fácil manutenção e acessibilidade. As circulações de acesso têm cobertura, mas sem fechamento lateral, em estado de conservação bom, facilitando a acessibilidade, entretanto no caso do

deslocamento para o ginásio não existe qualquer tipo de piso, apenas um caminho na terra (Foto 5.12 e 5.16).

Arborização e sombreamento

A área construída ocupa cerca de 11% do lote, com área suficiente para ampliação, caso necessário, além de espaço para arborização da escola. Nos espaços livres não há tratamento paisagístico, de modo que a vegetação na área está restrita a algumas árvores de grande porte, poucos arbustos e muito mato. A maior parte da área livre tem areia solta como piso (Foto 5.11). Tal situação causa a sensação de desconforto ambiental e transtornos em dias de chuvas quando se trata do deslocamento dos usuários.

Comunicação Visual

A comunicação visual na área interna e externa da escola é inadequada e insuficiente.

Na entrada, o nome da instituição se restringe a uma pintura a mão na fachada e, nas circulações, as indicações do uso e direção dos cômodos são poucas, pequenas e de difícil visualização, o que, a princípio, gera confusão às pessoas que não convivem diariamente com a escola, como representantes de livros, e a própria pesquisadora, entre outros.

Manutenção

De modo geral as condições de manutenção dos ambientes podem ser consideradas boas, pois os pisos e paredes são mantidos relativamente limpos e íntegros, sendo que na área interna das edificações melhor percebida do que em sua área externa (fachadas e espaços livres). As áreas livres estão abandonadas e desertificadas (Foto 5.8)

Comportamento observado

Verifica-se uma maior quantidade de vestígios de comportamento nas áreas externas, em torno do edifício. Nesses locais, é comum serem encontradas garrafas descartáveis, restos de lanches, restos de mobiliário e lixo de um modo geral, sobretudo nos setores molhados como wc's (Fotos 5.14). Alguns ambientes estão desativados e servem de depósitos para material didático não utilizado, móveis quebrados, papéis velhos, mal organizados e sujos (Fotos 5.5 e 5.6)

Os alunos quando chegam agrupam-se na entrada da escola e nas circulações próximas à administração e nas salas de aula, onde ficam conversando, provocando certo tumulto. Não

há muito controle quanto à entrada e saída da escola, de modo que eles saem e entram a vontade.

Outra observação relevante foi a falta de espaço adequado para a recreação dos alunos e a área para os funcionários da limpeza. Muitos estudantes ficam nas circulações e outros na biblioteca, quando não no ginásio (que fica a uma distância grande) e não é ligado ao bloco principal por passarela coberta, o que transforma o deslocamento até lá em um trajeto desagradável para os usuários, no dia a dia das aulas e serviços que se fazem necessário.

Os alunos não têm uniformes, faltam áreas para prática de esportes ao ar livre e materiais didáticos adequados para essas práticas.

Na aplicação do questionário, os estudantes indicaram nunca haver participado de outras pesquisas. Mas foram participativos e o trabalho suscitou alguma discussão em torno dos espaços e dos comportamentos.

Quanto aos professores, para surpresa da pesquisadora, ao contrário da outra escola, foram mais propensos a responder, discutindo entre eles os itens da percepção dos ambientes quanto à avaliação geral e conforto ambiental. Os funcionários também foram receptivos à pesquisa e não se opuseram e até indicaram que gostariam de saber o resultado, pois raramente acontece um trabalho que possa vir a ajudá-los. Eles se sentem desagregados e desamparados pela Secretaria de Educação do Estado.

Percebeu-se muito fortemente, em grande parte dos usuários, uma grande falta de estímulo para a realização de qualquer tipo de atividade: os professores disseram que os alunos não são interessados em estudar; os alunos comentaram que os professores são “fracos”, os funcionários da administração reclamaram da limpeza e da desordem e afirmaram que a causa de tudo isso é a violência, a idade dos alunos e a localização da escola.

Quanto à frequência notou-se uma quantidade baixa de alunos para a quantidade de salas de aula e o alto nível de repetência.

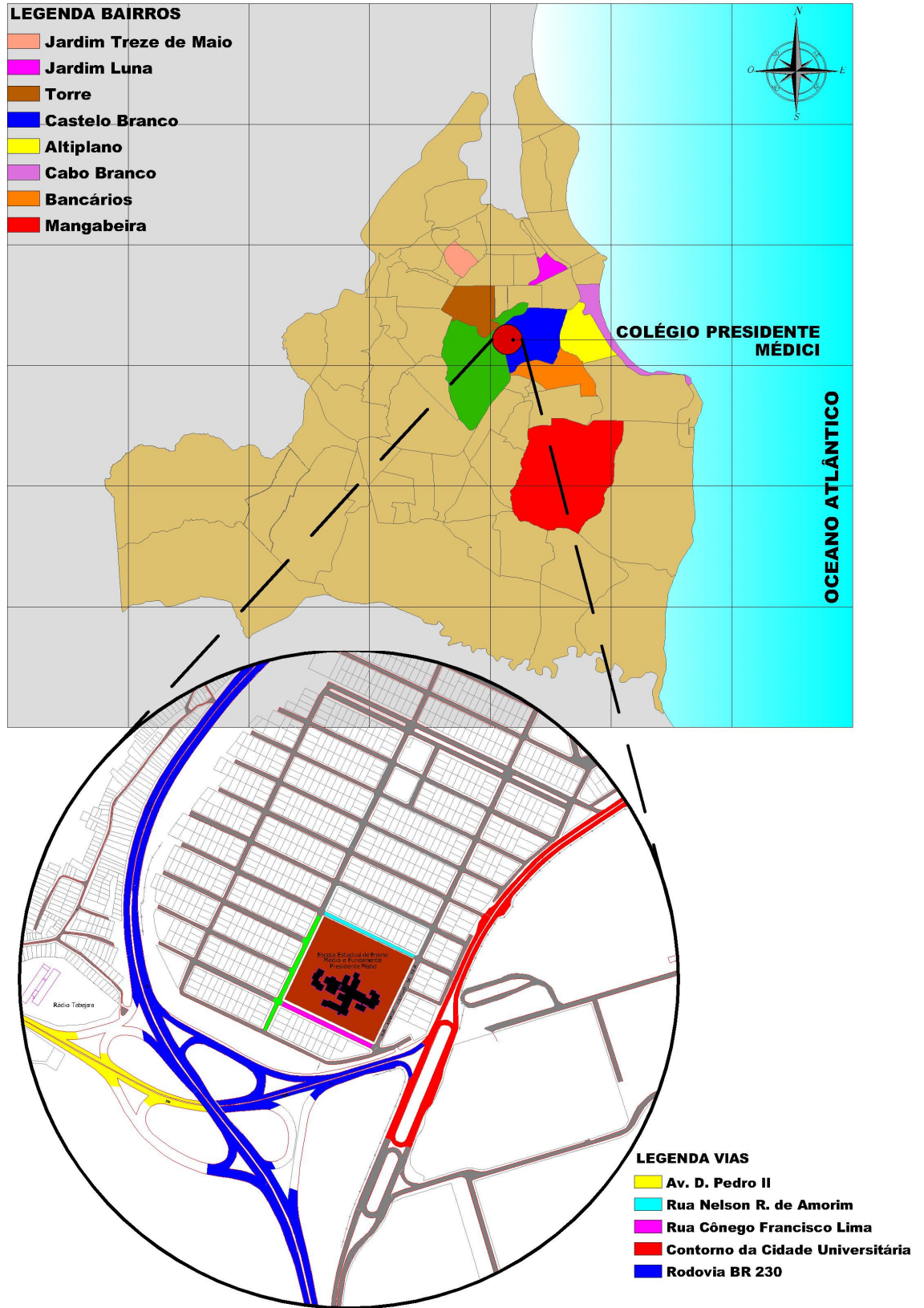


Figura 5.1 – Localização da escola Médici

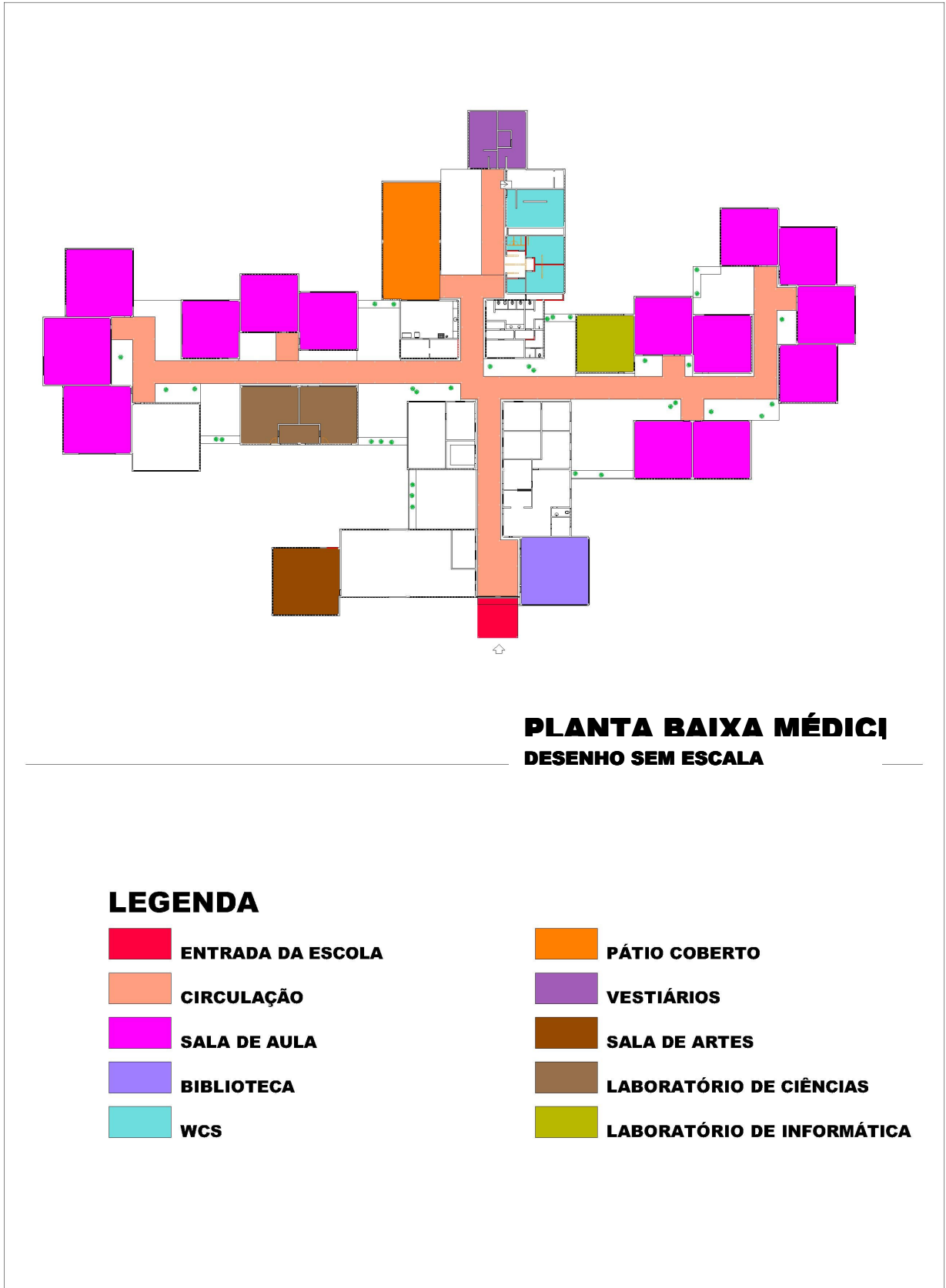


Figura 5.2 – Planta baixa da escola Médici



Foto 5.1 – Médici - Entrada da Escola



Foto 5.2 – Médici - Área de estacionamento



Foto 5.3 – Médici – Circulação do acesso à escola



Foto 5.4 – Médici - Acesso à Biblioteca



Foto 5.5 – Médici - Espera do consultório odontológico



Foto 5.6 – Médici - Consultório odontológico



Foto 5.7 – Médici - Biblioteca



Foto 5.8 – Médici - Ausência de arborização



Foto 5.9 - Médici - Auditório



Foto 5.10 – Médici – Refeitório



Foto 5.11 – Médici - Alunos à espera das aulas



Foto 5.12 – Médici - Acesso ao ginásio



Foto 5.13 – Médici - Acesso aos wc's



Foto 5.14 – Médici - Iluminação wc



Foto 5.15 – Médico - Acesso aos sanitários



Foto 5.16 – Médico - Quadras externas

5.2. A OPINIÃO DOS USUÁRIOS

Os alunos foram os primeiros a serem pesquisados, seguidos pelos os professores e, finalmente, os funcionários, seqüência obedecida na disposição do texto, sem que isso signifique referencia de prioridade, grau de importância ou prejuízo nas informações.

Também visando facilitar a leitura, a maior parte dos gráficos relativos aos dados citados no texto encontra-se no Apêndice 05, com exceção dos que representam a escolha de estudar na escola, avaliação geral, avaliação dos ambientes e avaliação do conforto ambiental, que são apresentados ao longo da argumentação.

5.2.1. Com a palavra os estudantes

Os questionários foram respondidos por 39 alunos dos 47 matriculados no período da tarde nas 02 turmas de 8ª série do ensino fundamental. Os mesmos mostraram-se dispersos e desconfiados, em sua grande maioria mantiveram-se calados e alguns se recusaram a responder o questionário. A maioria só se manifestou para fazer comentários irrelevantes (pilheria) ou (raramente) para entender algum termo constante no instrumento como, por exemplo, wc ou circulações.

Participaram da pesquisa 51,28% estudantes do gênero feminino e 48,72% do gênero masculino, correspondendo a um equilíbrio numérico. A idade dos respondentes variou entre

13 e 19 anos. Sendo que a maior porcentagem estava concentrada nos 16 anos com 25,64%, 14 e 17 anos com a mesma porcentagem de 20,51%, 15 e 18 anos com 10,26% e 13 e 19 anos com 5,13%. Somando as idades entre 16 e 19 anos a porcentagem é de 61,54% de alunos. Relação esta, entre idade e grau de escolaridade, que neste caso da 8ª série do ensino fundamental está fora da adequação indicadas pelo MEC. Índice preocupante de uma realidade que pode ser por repetências constantes, estrutura curricular, desinteresse de um modo geral e outros.

A renda familiar declarada pela maioria dos respondentes concentrou-se na faixa de 01 salário mínimo, 43,59%, o restante numa escala decrescente em porcentagem com 28,21% para renda entre 01 e 03 salários mínimos, 17,95% para renda entre 03 e 05 salários mínimos e 2,56% para renda de mais de 05 salários mínimos.

No que se refere aos motivos⁸ pelos quais os alunos acreditam que o Médici foi escolhido como local de estudo (Gráfico 5.1), se destaca 02 respostas: “proximidade com a escola”, 16% e “falta de opção”, 12%, seguidos de “meus pais decidiram” com 9%, “bom ensino” com 8% e “ser pública” com 5%. Tais escolhas podem ter respaldo por ser a única escola pública existente nas redondezas.

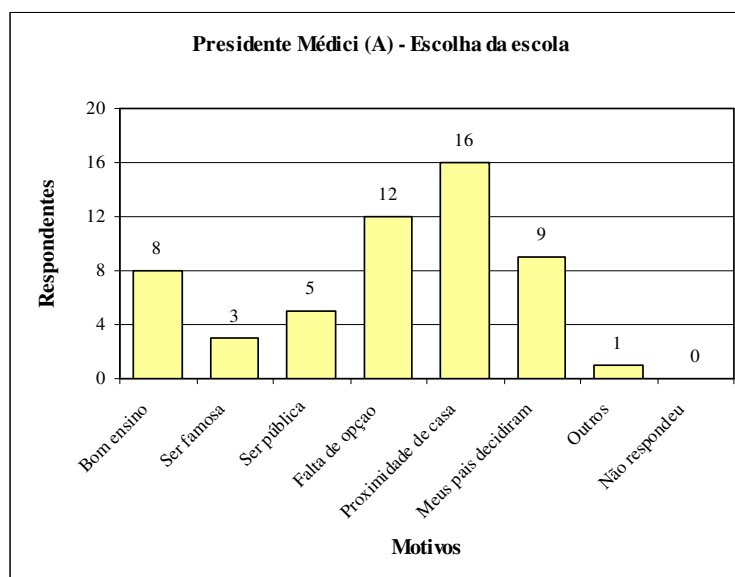


Gráfico 5.1 – Médici – Aluno: Escolha da escola

A avaliação geral (Gráfico 5.2) foi boa, com 51,28%, se for analisada do ponto de vista da estrutura física, espaços, dimensionamento, equipamentos, quantidade de ambientes e

⁸ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

etc. Notou-se que os alunos, 23,08% perceberam a escola como ruim e apenas 5,13% como péssima e ainda que 17,95% não souberam avaliar.

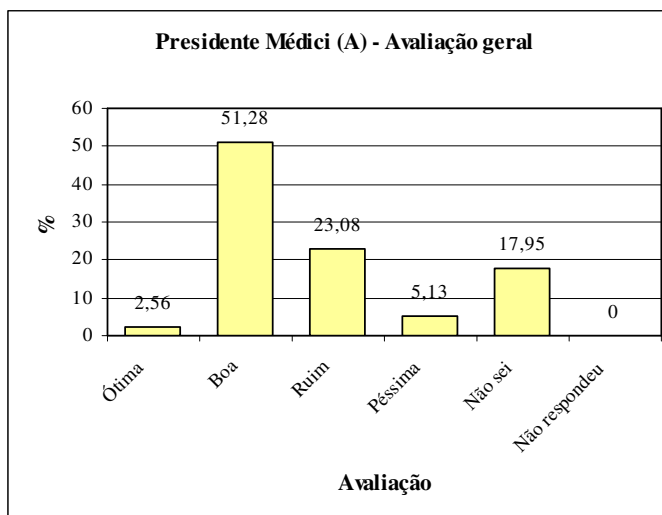


Gráfico 5.2 – Médici – Aluno: Avaliação geral

Dentre os espaços propostos para avaliação (Gráfico 5.3) quais sejam: entrada da escola, circulações, sala de aula, biblioteca, wc's, laboratório de informática, ginásio, acesos, pátio coberto, muro, lanchonete, campo de futebol, quadras de vôlei, vestiários, sala de artes e sala de ciências, percebeu-se que todas as médias ficaram abaixo de 6,50. Ressalta-se aqui que metade dos ambientes, ginásio, circulações, entrada da escola, biblioteca, acessos, pátio coberto, sala de aula e muro tiveram médias entre 5,28 e 6,38 (muro e ginásio, respectivamente), portanto uma avaliação “boa”.

A outra metade, campo de futebol, lanchonete, quadras de vôlei, laboratório de informática, wc's, sala de ciências, sala de artes e vestiários tiveram médias entre 3,27 e 4,38 (vestiários e campo de futebol, respectivamente), portanto uma avaliação negativa. Assim ratifica o gráfico 5.2 que tem metade da avaliação geral positiva e metade negativa.

Notou-se que na percepção dos alunos o melhor ambiente é o ginásio que para eles é o único local de divertimento, prática de esportes e convívio social, mesmo o acesso sendo ruim e relativamente isolado do prédio da escola, causando transtorno tanto em dias de sol como de chuva. As circulações entre os blocos ficaram com a média 6,32 logo abaixo do ginásio, pois também são utilizadas como espaços coletivos, de conversas e recreação.

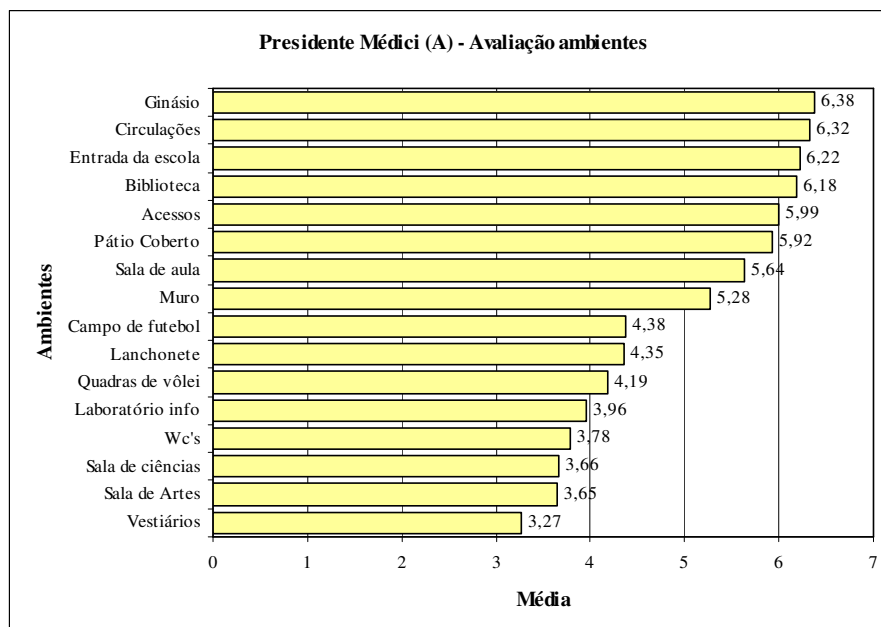


Gráfico 5.3 – Mé dici – Aluno: Avaliação dos ambientes

No que se referiu, especificamente, a qualidade ambiental da escola, foram avaliados os itens limpeza e conservação, manutenção do sombreamento natural, matérias dos pisos, aparência estética, equipamentos (bancos, brinquedos), mobiliário (carteiras, armários, etc.), acessibilidade, temperatura, controle do ruído e iluminação nos cômodos, seguranças física e pessoal (Gráfico 5.4).

Os itens materiais dos pisos, iluminação e sombreamento, tiveram as melhores médias e todas acima de 5,00, (6,35, 5,97 e 5,59, respectivamente).

Foi observado que a maioria dos itens ficou abaixo de 5,00 variando entre 4,66 e 4,34 o que demonstra uma percepção negativa a respeito da segurança física, mobiliário (carteiras, armários, etc.), controle do ruído nos cômodos, limpeza e conservação, temperatura nos cômodos, acesso de pessoa deficiente, aparência estética e segurança pessoal, em ordem decrescente quanto às médias. A média mais baixa foi a dos equipamentos (bancos, brinquedos, etc.) com 3,31.

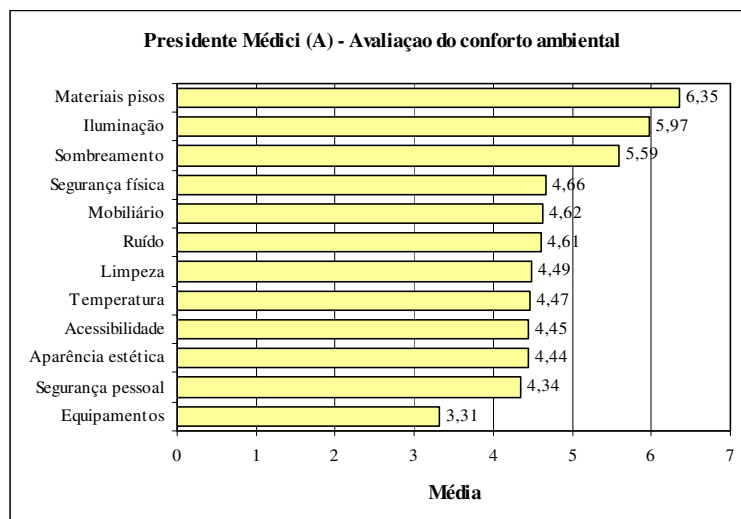


Gráfico 5.4 – Mé dici – Aluno: Avaliação do conforto ambiental

A grande maioria dos alunos (69,23%) percebeu a necessidade de mudança nos espaços da escola para ocorrerem algumas atividades. Observou-se como, em suas falas transpareceu suas insatisfações, mas não necessariamente com os espaços propriamente ditos, e sim com a subutilização com poucas carteiras, salas fechadas e ou ambientes ociosos, falta de manutenção dos mobiliários, estética segurança e administração:

“Fazer uma sala de computação, voltar a ter merenda no ensino médio e a biblioteca em ótimo estado de conservação”.

“Merenda, laboratório de informática, sala de ciências, em tudo, geral. Essa prefeitura é uma droga”.

“Limpar os matos e reformar o colégio por inteiro”

“Tudo, pois não é questão de espaço, mas sim de administração”.

“Sim, precisa ter mais organização porque sem ela podem acontecer vários danos. Como prejudicar a escola”.

“Tem bastante salas de aulas fechadas que poderiam ser utilizadas para ambientes”

Visando averiguar que tipos de ações ligadas ao cuidado com o ambiente da escola e da cidade são conscientemente realizados pelos estudantes, foi apresentada uma questão específica. As principais opções indicadas pelos alunos foram: “não sei” (apontada por 13 respondentes, “educação na cidadania” e “inclusão social”, apontada por 12 alunos, “educação ambiental”, 11, “ética social” com 04 respondentes e “coleta de lixo seletiva” com 02.

No tocante ao cuidado com o ambiente, ficou evidente a associação das opções “educação ambiental” com “coleta seletiva de lixo”, aliás, uma reprodução do modo de pensar da grande maioria das pessoas, as quais consideram que, para agir de modo adequado é suficiente não jogar o lixo no chão e afirmar que ama a natureza. Evidentemente tais pensamentos são válidos, mas não são o tudo; é preciso haver atitude, planejar ações, fomentar programas educativos que promovam a consciência de que somos parte integrante do meio ambiente.

Das atividades ligadas ao cuidado com o ambiente, que foram identificadas pelos alunos como realizadas na escola, destacam-se:

“Limpeza no chão das salas, nos quadros”.

“Eu participo mais na educação na cidadania porque é o que vemos cada dia”.

“Educação ambiental: fazendo hortas com plantas”

“Participo da educação da cidadania, dialogando com os jovens sobre os problemas da comunidade.”

“Educação ambiental porque eu amo a natureza e principalmente a escola que está a cada dia sendo tomada pelo mato”

“Eu participo mais na educação na cidadania porque é o que vemos cada dia”

“Educação na cidadania, as aulas de religião ensinam a melhorar o cidadão do futuro.”

“Não jogando lixo no chão e respeitando os colegas”

“Educação na cidadania – não joga papel na sala, procuro prestar atenção nas aulas e ajudo os outros alunos e respeito os professores.”

Por outro lado, os alunos que responderam negativamente à questão comentaram:

“Não temos, nenhuma atividade dessas nesse colégio.”

Os 02 ambientes mais assinalados pelos alunos como sendo os que melhor acomodam as atividades⁹ que são desenvolvidas na escola foram sala de aula e biblioteca, com 19 e 17 respondentes respectivamente, apesar dos ambientes não estarem com a capacidade de ocupação espacial completa. Além disso, note-se que os ambientes acima citados não foram aqueles que obtiveram as melhores avaliações enquanto ambientes (rever Gráfico 5.3).

⁹ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 3, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

Outro ponto percebido foi que alguns dos ambientes assinalados como sendo utilizados para o desenvolvimento das atividades não existem espacialmente, sendo eles pátio coberto, campo de futebol e quadras de vôlei, com 05, 03 e 02 respondentes respectivamente.

Sendo a escola, por excelência, um dos ambientes com os quais essas pessoas convivem por mais tempo, investigou-se, também, a responsabilidade pela manutenção da escola¹⁰. O resultado obtido surpreendeu, pois o “cuidar” ficou em primeiro lugar com a administração da escola, com 20 respondentes, em segundo com os alunos, 14 respondentes, que em geral se auto excluem da responsabilidade, em terceiro pela Prefeitura (leia-se Estado) com 10 respondentes e por último, nesse tema em que deveriam aparecer costumeiramente em primeiro lugar, os funcionários com 07 respondentes.

Ao somarmos as porcentagens das opções “não” e “não sei” obtivemos uma porcentagem de 38,46% de alunos que demonstraram não saber no que realmente consiste a importância dessas atividades na sua formação como aluno-cidadão, embora 61,54% admitam essa importância, argumentaram nesse sentido:

“Porque me ajuda em casa e no colégio”

“Porque estudando sobre isso saberei como agir na sociedade e ser um bom cidadão”

“Porque assim melhora as condições do colégio”

“Porque sou alérgico a poeira, maus-cheiros”.

“Porque devemos ter culturas e aprendermos a ser cidadão”

“Sim, porque a escola tem que ter o máximo de acessos para o melhor aprendizado”.

“Porque procuro ser alguém na vida”

“Porque toda escola tenha que ter isso principalmente coleta de lixo seletiva porque antes disso a limpeza vêm em primeiro lugar e depois as outras coisas”

Quando questionados em que seu comportamento poderia ajudar nas ações de coleta de lixo seletiva, educação ambiental e na cidadania, inclusão e ética social, 56,41% dos alunos responderam afirmativamente, enquanto 41,02% negativamente (ou “não sei”), sendo essa última porcentagem bastante preocupante, sobretudo quando consideramos as razões expressas em seus discursos:

¹⁰ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

“Porque não acho certo ficar respondendo os professores e funcionário, e sim respeitá-lo”.

“Divulgação nos conceitos de cidadania e educação ambiental”.

“A melhoria sim na convivência”.

“Serve de exemplo para os outros”.

“Se os alunos fossem mais educados a escola pode ser mudada para melhor”.

“Claro, porque é com o comportamento dos alunos que o colégio vai para frente.”

Questionados sobre já terem participado de campanha ecológica, a maioria dos participantes 76,92 % responderam negativamente, confirmando assim as respostas anteriores quanto a pouca ou nenhuma vivência da prática ecológica na escola, e até mesmo desinformação e/ou desinteresse, apesar de demonstrarem saber da importância dessas ou outras atividades na sua formação. Observamos que os alunos demonstram uma incoerência entre o ensino e a vivência. Entre os que indicaram participar, 20,51%, o trabalho desenvolvido relacionou-se a:

“A campanha de não sujar e nem contaminar a água”

“Eu já ajudei a limpar a biblioteca, limpar a sala, ajudar a arrumar os eventos do colégio, organizar os livros na biblioteca”.

“Combate à dengue”

“Plantações”

“Não lembro, mas foi muito bom”.

Finalmente, no espaço destinado para comentários ou considerações importantes, foi possível verificar o quanto os alunos estavam insatisfeitos, desvalorizados e desestimulados e ansiavam por mudanças urgentes na administração, manutenção e valorização do ambiente escolar, como indicaram alguns dos textos coletados:

“Esse colégio precisa de tudo novo: só os professores se salvam.”

“No futuro imagino esta escola em ótimo estado de conservação com bons alunos educados e com varias atividades para todos ter mais educação e lazer na escola”

“Para esse colégio ser melhor mudar alguns professores e escolher uma melhor direção”

“Essa escola não é tão ruim, pois o ensino é razoável, mas o problema é a reforma incompleta”.

“O governo da Paraíba podia construir nesses espaços mal conservados, cheios de matos, mosquitos e etc., e fazer salas, como de computação, sala de ciências, um pátio maior, quadras. Nesse podia ter aulas extras como: teatro, musica, dança (professores de dança e etc.)”.

“O governo poderia retirar os matos e caçar o colégio, colocar piscina e ate colocar mais coisas nos espaços onde tem matos, colocar computadores no colégio, abrir o laboratório e que o colégio tivesse mais aulas extras, passeios, festas, etc.”.

“Pra ser como eu gosto, precisa ser com bom ensino, ter mais limpeza, ter uma boa biblioteca e melhorar e mais a circulação, ter ensino de informática pra os alunos, ter salas de ciências e mais passeios, etc.”.

“Pra ela ser do meu gosto primeiro lugar tem que ter uma boa limpeza, a biblioteca precisa ser mais ampla e ter mais livros. A escola tem bastante “matos” e precisa ser mudado! E não acabou se for falar da um jornal!”.

“Não desperdiçar a água do colégio; não sujar o ambiente escolar; ter salas capacitadas (informática, sala de ciências, dentista e outros); ter quadras de vôlei e outras, pois tem espaço suficiente.”

“A professora “X” é uma velha que só sabe reclamar, teve um dia que ela entrou na sala das 8 série e disse que nunca viu uma palavra inteligente sair da boca dos alunos. Um dia ela chegou pra mim eu tava quieto e ela disse eu puxo a sua orelha, eu disse: eu puxo os seus cabelos se você puxar a minha orelha, porque ao meu redor tinha umas pessoas que estavam conversando, ai ela pensou que eu estava neste meio, a pior professora que existe neste colégio é a professora “Y”, ela fala muito ignorante com os alunos.”

“O colégio deveria ter mais vontade de ajudar os alunos a tentarem fazer o mundo e o colégio melhor”.

“Não é questão de depredação dos alunos, mas sim de administração, deveria ter pessoas mais dispostas a melhoria da escola, e mais evoluídos e simpáticas também, pois nós estamos num lugar de ensino.”

“O que eu sonho pra essa escola é um campo de futebol, pra ver se a galera esquece essa parada de droga e se interessa mais por esportes.”

“Sim que esse trabalho possa chegar aos órgãos competentes”.

“A escola tem que ter rigidez, tem que ser bem administrada para melhorar a qualidade de ensino. No começo do ano o diretor vem cheio de normas e projetos, no meio do ano tudo é esquecido nada é feito e assim continua. Cada vez mais a escola piora e ninguém faz nada

para melhorar. Os diretores muitas vezes querem exigir dos alunos, mas não tem como, pois eles não fazem a parte deles.”

“Esse colégio deveria ter mais gentes dispostas para a educação do colégio porque a diretoria não tem moral para os alunos. Os alunos na maioria das vezes têm mais moral do que os diretores”.

“A escola deve ser mais investida para que possa ser mais limpa, mais organizada, etc. eu gostaria de poder ter bastante computadores para fazer curso e trabalhos, para que no futuro todos os alunos possam ter um emprego de vergonha! O governo é ruim!”.

“Tem varias, resumindo! Tudo! Só que tem que sair do papel ou de palavras...”.

5.2.2. O que dizem os professores

Participaram da pesquisa 07 professores dos 25 que lecionam na escola. Os mesmos foram mais receptivos do que os alunos. Um dos motivos¹¹ foi o medo de retaliação por parte tanto da administração, quanto dos próprios alunos. Por outro lado, os professores foram os únicos a revelarem, oralmente, o problema de violência sofrida na escola, através de roubos, intimidações por parte de alguns alunos, e ladrões.

Dos professores respondentes 06 eram do gênero feminino e 01 do gênero masculino, e a idade variou entre 36 e 56 anos.

A renda familiar declarada por eles apresentou-se nos itens entre 03 e 05 e mais de 05 salários mínimos, 04 e 03 respectivamente.

A maioria dos professores (05 docentes) afirmou que não terem escolhido ensinar na escola, sendo enviados à mesma por “remanejamento”. Embora 03 professores tenham escolhido trabalhar na escola pelo “bom ensino” que ela promove, outros indicaram, “bom ensino” (Gráfico 5.5). A opção “proximidade com a casa” foi a menos indicada (apenas 01 professor), inversamente ao que ocorreu entre os alunos.

¹¹ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

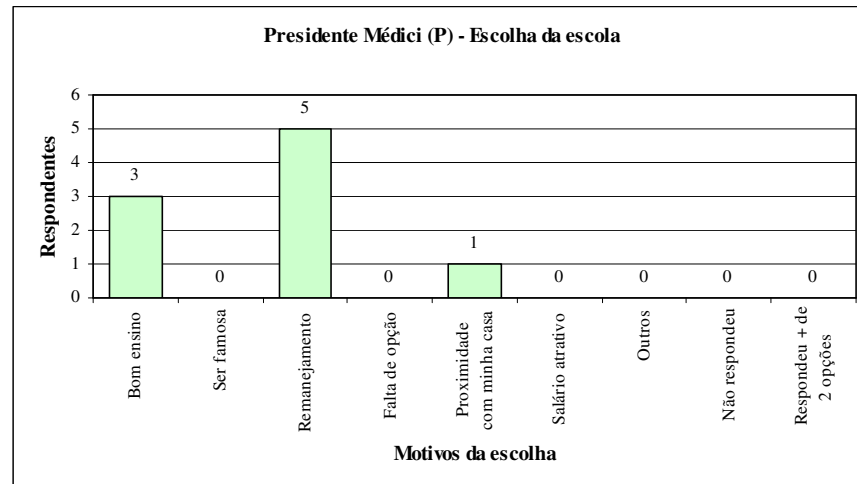


Gráfico 5.5 – Mé dici – Professor: Escolha da escola

Na avaliação geral da escola (Gráfico 5.6), os professores afirmaram que a escola é “boa” (06) e “ruim” (01 respondente). No entanto, apesar dessa avaliação positiva, verificaram-se algumas reclamações “veladas”, relacionadas à falta de segurança, ao desestímulo ao trabalho e ao desagrado com a administração (diretoria). Vários ainda se queixaram da falta de educação familiar e do descaso dos alunos.

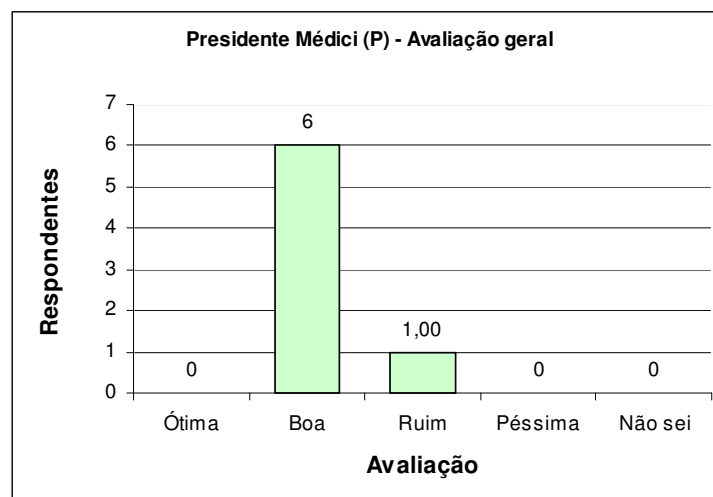


Gráfico 5.6 – Mé dici – Professor: Avaliação geral

Todos os 03 ambientes avaliados - biblioteca, lanchonete, laboratório de informática, pátio coberto, entrada da escola, muro, ginásio, circulações, acessos, sala de aula, wc's, sala de artes, quadras de vôlei, sala de ciências, vestiários e campo de futebol - obtiveram média superior a 06 (Gráfico 5.7). As circulações tiveram a maior média (8,21), em seguida, o muro, sala de aula e entrada da escola (empatados, com média 7,86). Sala de artes, quadras de vôlei,

campo de futebol, pátio coberto, acessos, ginásio e laboratório de informática ficaram com a mesma média, isto é, 7,50. Os ambientes com médias mais baixas foram wc's (6,79) e biblioteca (6,43).

Notou-se que tanto para os alunos quanto para os professores a sala de ciências e os vestiários são os piores ambientes. Outro ponto a ser notado é que alguns dos ambientes listados no questionário há algum tempo já deixaram de existir espacialmente (apesar de terem existido em momentos anteriores), mas mesmo assim foram avaliados.

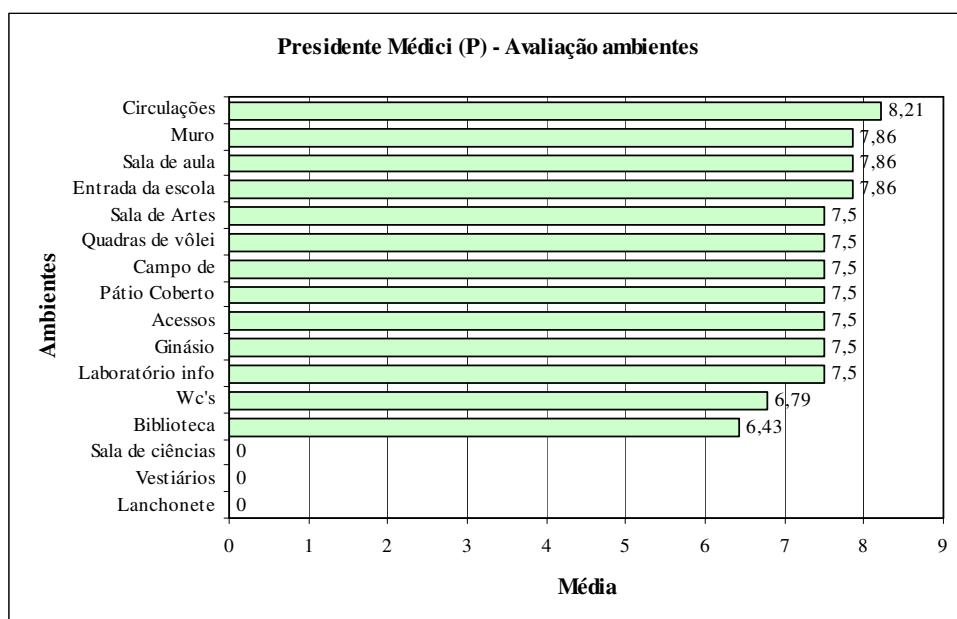


Gráfico 5.7 – Médici – Professor: Avaliação dos ambientes

Percebeu-se nesta avaliação perceptiva do conforto ambiental (Gráfico 5.8), que todas as médias estão acima de 5,00, o que justifica dizer que no geral a escola é boa (rever gráfico 5.6). Notou-se que os piores itens não foram os de segurança, apesar de terem sido as maiores reclamações. Alguns professores fizeram questão de mostrar e deixaram fotografar a situação de algumas salas onde existem cadeados e foram fechados com alvenarias e gradeadas em busca de proteção. (Fotos 5.17 a 5.20)



Foto 5.17 – Médici - Almoxarifado



Foto 5.18 – Médici - Detalhe fechamento da “abertura” almoxarifado



Foto 5.19 – Médici - Secretaria



Foto 5.20 – Médici - Detalhe da grade da janela do depósito

A acessibilidade foi bem avaliada (obtendo a maior média, 7,50), o que retratou a realidade espacial da escola, pois o terreno é plano, as circulações são amplas, ventiladas e iluminadas. A “temperatura dos cômodos” e os “materiais dos pisos” tiveram a mesma média de 7,14, e a “iluminação nos cômodos” obteve média bem, isto é, 7,05.

Os itens “mobiliário”, “aparência estética” e “manutenção do sombreamento natural” tiveram média 6,79, “segurança pessoal” e “física”, e ainda, “controle do ruído nos cômodos” ficaram com média 6,07.

Os 02 itens que ficaram com as médias mais baixas foram “equipamentos” (bancos, brinquedos) e “limpeza e conservação” com 5,83 e 5,71 respectivamente. Este primeiro item também foi avaliado como um dos piores pelos alunos.

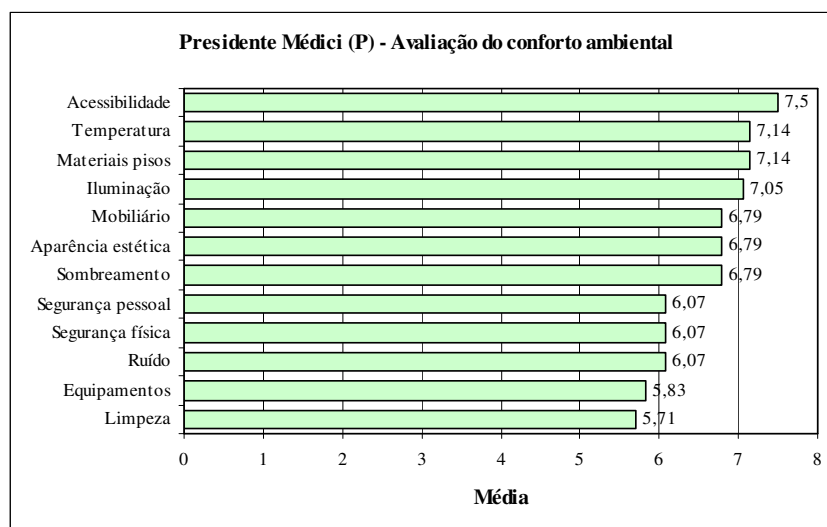


Gráfico 5.8 – Mé dici – Professor: Avaliação do conforto ambiental

Na questão da “necessidade de mudanças” na escola para a realização de atividades específicas os professores ficaram divididos os 04 disseram que “não” e 03 disseram que “sim”. Os que percebem a “necessidade de mudanças” manifestaram-se no sentido de ser necessário “toda a comunidade escolar se engajar no projeto para alcançar os objetivos.”

Os professores identificaram como atividades desenvolvidas na escola apenas, “educação ambiental”, “inclusão social” e “educação na cidadania” (todas com score 6,6 e 05 respondentes) Nesse sentido eles definem suas participações como:

“Educação na cidadania orientando alguns alunos no regimento escolar”.

“Educação ambiental através de projetos na escola, educação na cidadania através de palestrante na mesma”.

“Reuniões, passeios ecológicos, palestras etc”.

“Coordenando e contribuindo com os projetos realizados na escola: lixo, água, deveres e direitos do cidadão, amigos da escola, projeto mosaico, etc”.

“Como ouvinte e divulgadora”.

Sem dúvida a percepção dos professores quanto à sala de aula como o “ambiente que melhor acomoda a atividade”¹² desenvolvida (citada por 05 respondentes) era esperável, justamente por ser este o local no qual supostamente ocorrem as transferências de

¹² Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 3, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

conhecimento, e tradicionalmente de seu domínio e confiança. A entrada da escola foi o segundo local mais indicado (02 menções), seguida por circulações, biblioteca, acessos, ginásio, sala de ciências, pátio coberto, sala de artes (uma menção cada).

Percebeu-se que aqui se repetiu o fenômeno da citação de ambientes que tinham caráter de convivência social, muitos dos quais na realidade não existem.

A responsabilidade pela manutenção¹³ da escola segundo a maioria dos professores é da administração (05 respondentes), o que demonstra a insatisfação velada já mencionada acima. As respostas dos funcionários, alunos e dos próprios professores ficaram distribuídos em sua responsabilidade equitativamente (02 respondentes cada). Notou-se que nessa mesma questão os alunos também perceberam a administração como a maior responsável.

Quando questionados se a profissão ajuda nas atividades de educação ambiental, inclusão social e educação na cidadania, desenvolvidas na escola, os professores foram unânimes em dizer que sim, justificando:

“Como educador tenho como meta principal contribuir não só na fala didática, como nestas ações”.

“Conscientizando os alunos do seu papel na sociedade e como é fundamental a colaboração dos alunos no processo da educação ambiental”

“Como professora da escola, vivenciando todo o projeto com os amigos no mesmo objetivo de ajudar a nossa escola”.

“Apoiando os projetos, dando exemplo de responsabilidade, levando ao aluno esclarecimento de seus deveres e direitos como cidadão”.

Para 04 dos professores o Plano Político Pedagógico se reflete nos ambientes físicos da escola. Entretanto 03 disseram “não sei”, o que é preocupante por não perceberem nessa relação entre espaço físico e o PPP, uma ferramenta de aprendizado tirando partido até mesmo da interdisciplinaridade através dos espaços arquitetônicos.

Os que acreditam nessa relação disseram:

“Se temos professores informados com relação a um espaço físico limpo, com certeza estes professores passarão estas informações para os alunos”.

¹³ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

“É na proposta pedagógica que é levantado os pontos críticos e positivos da escola, buscando soluções e estimulando novos projetos”

“O plano político pedagógico é o esqueleto da escola, a base, sem ele como trabalhamos?”

“Está em fase de elaboração”

A participação em campanhas ecológicas é uma atividade corriqueira para 06 dos respondentes, que admitiram fazer algum tipo de trabalho, ligado geralmente, às atividades desenvolvidas na escola e não como voluntário ou pessoa efetivamente engajada em algum movimento. Apenas um admitiu não participar desse tipo de atividade.

Dentre os que admitem participar, as principais atividades são: excursões na mata do Buraquinho, no rio Jaguaribe, no mangue; preservação do meio ambiente; passeios ecológicos, palestras, exposições de trabalhos dos alunos sobre meio ambiente.

Finalmente, no espaço destinado para comentários ou considerações importantes, foi possível verificar o quanto os professores anseiam por mudanças não só físicas/arquitetônicas, mas administrativas e comportamentais, para poderem sentir-se valorizados e ativos dentro do papel social que a escola ajuda a desenvolver, como indicam alguns dos textos coletados.

“Nossa escola, que em minha opinião é o meu segundo lar, está se acabando devido ao diretor, que além de ditador, não tem a menor didática de lidar com os funcionários e alunos, não nos dando oportunidade e o direito de expor nossas opiniões, o que acaba ocasionando uma grande catástrofe no ambiente e nos afastando cada vez mais do interesse de contribuirmos com ele”.

“Funcionamento do laboratório, projetos sociais, contratações de funcionários”

“Esta escola já foi modelo. Considerando o momento em que a escola está passando por uma reforma, fica difícil avaliar suas qualidades, tanto física quanto funcional. Estamos fazendo o possível para cumprir com nossas obrigações, criando situações que favoreçam o nosso trabalho. Acredito que em breve poderemos desenvolver nossas atividades com mais satisfação, pois o projeto de reforma dará condições físicas para um melhor desempenho dos professores e alunos”

5.2.3. A vez dos funcionários

Trabalham na escola 13 funcionários distribuídos nos setores de administração, limpeza e pedagógico, nos três períodos (manhã, tarde e noite), sendo 08 a tarde, 05 alocados no setor administrativo e os outros 03 do setor de limpeza.

Das 03 categorias pesquisadas, os funcionários foram os menos receptivos, alegando vários motivos: não quiseram responder, estavam a serviço, manifestaram receio de serem repreendidos (apesar da liberação por parte da administração e de suas respostas serem importantes para o processo de avaliação).

Os 08 funcionários que responderam demonstraram relativo interesse e algum conhecimento em alguns assuntos abordados, talvez por estarem diretamente ligados aos espaços e percebê-los com mais clareza e cuidado, dada sua responsabilidade direta para manutenção.

Dentre eles 06 são do gênero feminino e 02 do gênero masculino com idade variando entre 22 e 49 anos.

A renda familiar declarada pelos funcionários ficou com quase a mesma distribuição da dos alunos, a maioria situando-se entre 01 e 03 salários mínimos.

O item “proximidade com a residência”¹⁴ foi o mais mencionado (07 respondentes - Gráfico 5.9). Na opção “outros”, 01 deles declarou que foi obrigado pela secretaria de educação e outro por causa de transferência de cidade. As respostas dos alunos a este quesito foram semelhantes as dos funcionários. Entretanto os professores se diferenciaram, pois declararam como principal motivo de estarem nesta escola e remanejamento.

¹⁴ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

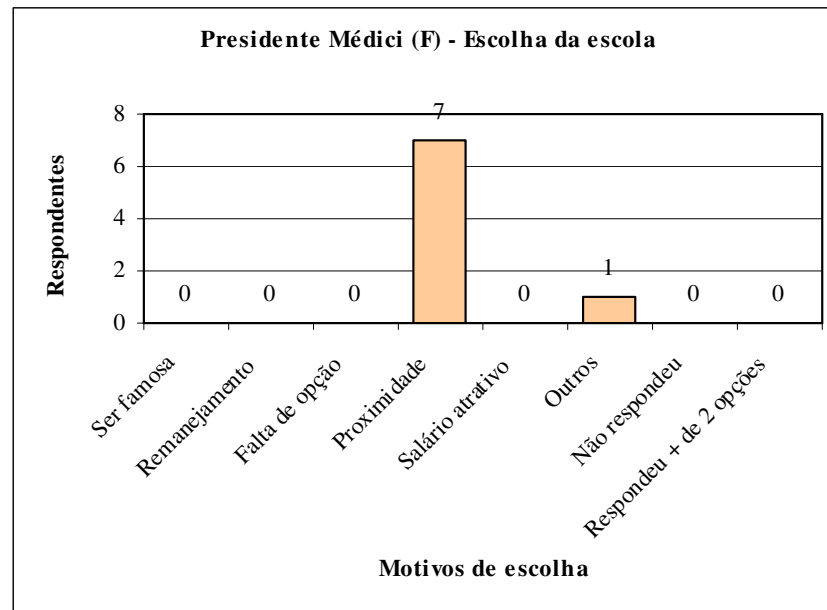


Gráfico 5.9 – Médici – Funcionário: Escolha da escola

Na sua grande maioria os funcionários têm uma avaliação geral da escola muito positiva: 07 a qualificaram como “boa” e somente 01 como “ruim”.

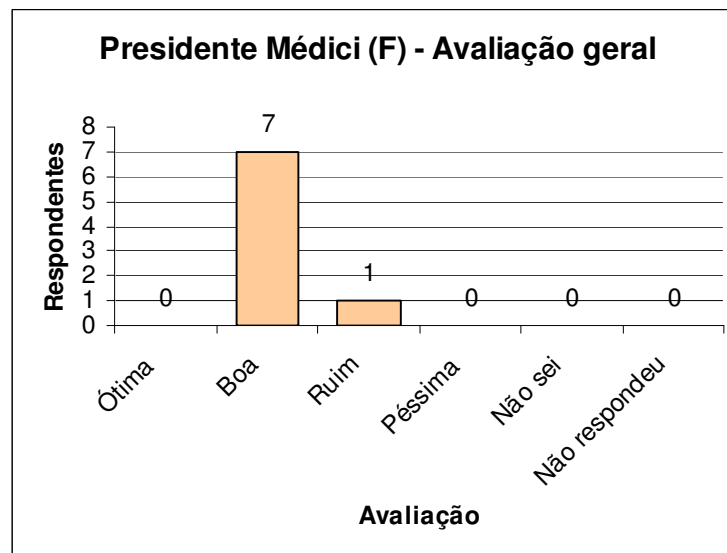


Gráfico 5.10 – Médici – Funcionário: Avaliação geral

Na avaliação geral dos ambientes tiveram médias, com sua maioria, acima de 6,00: quadras de vôlei, muro, pátio coberto, entrada da escola, acessos, sala de aula, circulações, wc's, sala de ciências, sala de artes, vestiários e biblioteca. Abaixo de 6,00 ficaram somente, ginásio, campo de futebol, lanchonete e laboratório de informática (médias 5,94, 5,00, 2,5 e 0,0 respectivamente). O que ratificou a escolha da avaliação geral, feita por eles como “boa”.

Os 03 ambientes com maior média 7,5, quadras de vôlei, muro e pátio coberto tem observações a serem consideradas e que são importantes. As quadras de vôlei não existem espacialmente (como outros ambientes), no local já apenas mato e alguns restos do piso cimentado onde, no projeto original, seria o pátio coberto original e funcionava o refeitório (atualmente desativado). O muro é o único que existe efetivamente (Gráfico 5.11).

Dos respondentes da escola, alunos, professores e funcionários, nesta avaliação, pelo menos um ambiente coincidiu entre eles: muro (funcionários e professores) e circulações por professores e alunos.

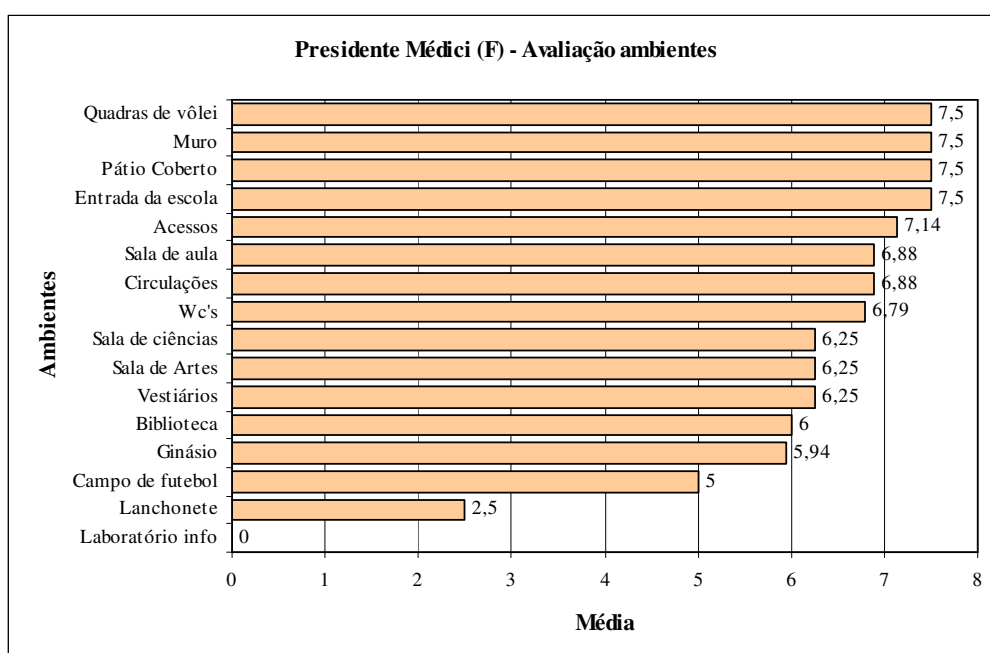


Gráfico 5.11 – Médici – Funcionário: Avaliação dos ambientes

Na avaliação perceptiva do conforto ambiental (Gráfico 5.12) as médias variaram entre 7,19 a 3,57. Metade dos ambientes teve média acima de seis e a outra metade abaixo, o que contradiz de certa forma com a avaliação geral (rever gráfico 5.10). O item “acessibilidade” foi o que teve a melhor média com 7,19, o que condiz com a realidade, pois a escola tem pouco ou quase nenhum desnível e salas amplas, o que não quer dizer que esteja adequada as normas.

Um item coincidiu na escolha dentre os 03 melhores ambientes nas 03 categorias, que foi o “material dos pisos”, “acessibilidade”, somente, pelos funcionários e professores, justificável pelo fato de ser um tema que aparentemente é percebido por adultos, já o

“sombreamento”, pelos funcionários e alunos, o que foi previsível já que eles vivenciam por mais tempo os ambientes exteriores da escola.

Nos itens com as 03 médias mais baixas (menores que 6,00) coincidiram: “aparência estética” (funcionários e alunos), “segurança pessoal” (funcionários e alunos) e “equipamentos” (alunos e professores). Aqui, também, as respostas foram previsíveis, na opção “aparência estética” e “segurança pessoal”, alunos e funcionários permanecem maior tempo na escola, “equipamentos” foi a opção lógica porque são os alunos e professores que fazem maior utilização dos mesmos.

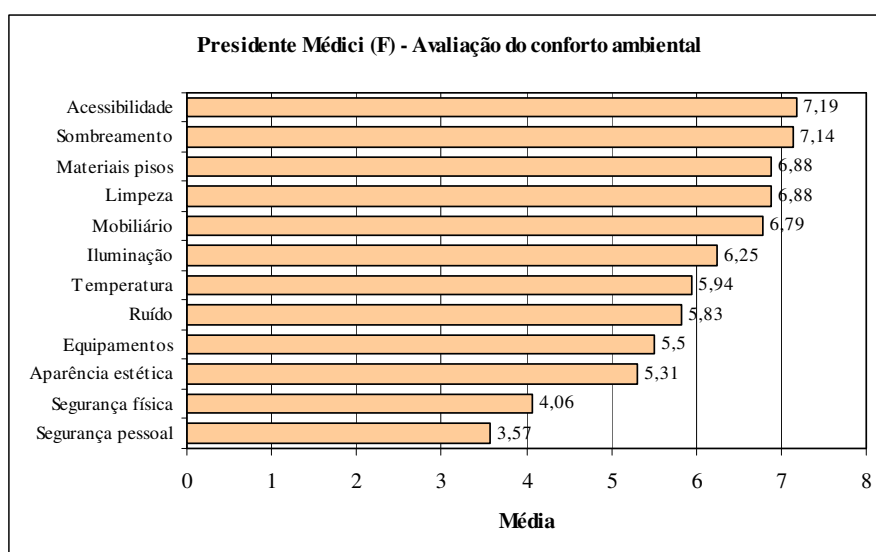


Gráfico 5.12 – Mé dici – Funcionário: Avaliação do conforto ambiental

Podemos dizer que os funcionários ficaram divididos quanto à opinião da “necessidade de mudanças” nos espaços da escola. Três disseram “sim” e 03 disseram “não”. Já nas respostas em aberto só se manifestaram os que consideram as mudanças “mais dedicação e empenho por parte de todos, inclusive os estudantes”.

Os funcionários identificaram entre as atividades desenvolvidas na escola, “inclusão social”, “educação ambiental”, e “educação na cidadania” (05, 03 e 02 respondentes respectivamente). Estas 03 atividades também foram as mais assinaladas pelos alunos (apesar de neste caso a opção “não sei” ter sido a com maior seleção) e dos professores.

Das atividades realizadas na escola ligadas ao “cuidado” com o ambiente identificadas pelos funcionários, destaca-se “inclusão social”, com o apoio e solidariedade, “educação ambiental” participando de debates e sempre transferindo para os alunos como preservar a natureza.

A sala de aula foi o ambiente que os funcionários mais perceberam como adequado¹⁵ (03 respondente para as atividades desenvolvidas na escola, assim como alunos e professores. Depois apareceu entrada da escola e ginásio (02 respondentes) e circulações, biblioteca, wc's, acessos e sala de artes (apenas 01 respondente cada).

Nesta avaliação, como em várias outras, tanto na categoria dos professores, como na dos alunos existiram ambientes que foram selecionados, avaliados e não existiam por falta de manutenção ou foram readaptados para outra atividade.

Os funcionários perceberam a administração (07 menções) como a maior responsável pela manutenção¹⁶, seguidos dos funcionários (04 menções) e estudantes, professores e comunidade (uma menção cada).

O item administração apareceu nas 03 categorias pesquisadas, e notou-se que nenhuma delas se incluiu da responsabilidade pela manutenção, apesar de aparecerem em maior ou menor grau.

Ao analisarmos quanto a profissão ajudar nas atividades desenvolvidas na escola notamos que quatro perceberam que sim, entretanto somando-se os percentuais das opções “não sei”, “não” e “não respondeu”, (02, 01 e 01 respectivamente) chegamos a um número igual a 04 também, ou seja, a categoria estava dividida quanto a sua importância na ajuda nas atividades. Os que acreditam na ajuda com sua profissão disseram:

“Ajudando a manter a disciplina entre os alunos”

“Procurando sempre orientar e ajudar no que for necessário”

“Ensinando aos alunos como manter a escola limpa, coletar o lixo, relacionamento com os demais.”

Os funcionários afirmaram que não participam em campanha ecológica (06 menções).

E finalmente, no espaço destinado para comentários ou considerações importantes, foi possível verificar a insatisfação com a administração e comportamento dos alunos, mas também alguma ansiedade com relação a um ambiente escolar melhor como indicou alguns dos textos coletados:

¹⁵ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 3, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

¹⁶ Entre os itens disponíveis, o respondente poderia escolher no máximo 2, sendo a questão aberta pela existência da opção “outros”.

“A escola precisa mudar para uma boa qualidade de ensino na sala de aula e para que haja essa mudança é preciso muita colaboração e organização dos dirigentes da escola.

Aparentemente aos poucos a escola está com um aspecto de mudança, mas existe ainda muita coisa que infelizmente não foi concertado. A escola tem necessidade de mudança não é só em um setor, é em todos, poderia haver até mesmo mudança na própria direção da escola. Como é uma escola de ensino fundamental e médio poderia até ser criado um curso de relações humanas com a ajuda do conselho escolar, hoje a escola funciona com um numero muito pequeno de funcionários, dificultando a situação dos trabalhos de apoio e segurança dessa unidade de ensino. Para que a escola volte a funcionar bem como era antes e ser bem conceituada precisaria de mais funcionários nos três turnos.”

“Mudança de direção da escola”

“Se houvesse cooperação e empenho da maioria com certeza esta escola estaria com um desempenho ótimo. Porque vontade e coragem a administração tem.”

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De modo geral, as 02 escolas analisadas têm como base projetos nos quais a preocupação com a funcionalidade é evidente, elaborados a partir de eixos paralelos e perpendiculares de blocos de salas de aulas e circulações.

Uma é gerida por um sistema misto cooperativo/público, e a outra unicamente pela Secretaria Estadual de Educação da Paraíba. Essa diferenciação, além de se refletir no fato delas atenderem alunos provenientes de famílias com uma renda média mais elevada pela primeira (Sesqui) também implica em uma visão diferenciada do espaço escolar tanto pelos pais quanto pelos estudantes, e um maior nível de exigência, sobretudo no que se refere às famílias que tiveram acesso anterior a escolas particulares.

De modo geral, em ambas, o nível de ensino e a estrutura pedagógica (nas quais consta a disciplina educação ambiental) são percebidos como bons pelos usuários (ver quadro resumo 6.1), no entanto, elas diferem quanto à procura por vagas, ao atendimento às populações circunvizinhas, ao índice de ocupação do lote e às condições de manutenção.

A Sesqui está situada às margens de grandes vias de acesso ao transporte público. O lote tem um desnível máximo de 3,00 m e ocupa 37% da área existente, excluídas a quadra de vôlei o campo de futebol, de modo que uma possível ampliação exigiria ou construir nesses locais ou partir para a verticalização (mesmo mínima). As condições de manutenção das áreas tanto construídas quanto não-construídas são adequadas, verificando-se alguma preocupação com o tratamento dos espaços livres e intersticiais. A demanda de estudantes provenientes de toda a cidade é bastante elevada e a seleção para o ingresso na instituição acontece através de teste. A percepção dos usuários indica que o local é adequado ao estudo, e eles mostram-se satisfeitos com a escola.

A escola Médici encontra-se em um setor urbano relativamente segregado, cujo acesso ao transporte público é razoável e o acesso por deslocamento a pé desconfortável. O lote é plano e com baixa ocupação (11% da área), ou seja, com possibilidades de ampliação sem comprometer as instalações existentes. As condições de manutenção das áreas construídas e livres não são adequadas, inexistindo tratamento formal dos espaços livres. A demanda por vagas é pequena, atendendo mais especificamente à população do bairro. Nos questionários, a percepção geral dos usuários indica que a escola é de boa qualidade, embora, nas conversas informais (mas nunca oficializada nos questionários) a violência tenha sido várias vezes mencionada por estudantes, professores e funcionários que já sofreram agressões, roubos e ameaças.

ITEM	Escola SESQUI	Escola MÉDICI
Localização	Área central	Área periférica de fácil acesso, mas espacialmente um pouco segregada
Acesso	Transporte público para muitos bairros da capital; deslocamento a pé confortável	Transporte público razoável para alguns bairros; deslocamento a pé desconfortável
Procedência dos estudantes	Recebe alunos de muitos bairros	Recebe alunos dos poucos bairros próximos.
Área do terreno (m2)	13.223,80	22.461,60
Área construída (m2)	4.854,08	2.583,56
Índice de ocupação do lote	37% - Excluídas áreas externas como quadra de vôlei e campo de futebol	11%
Tratamento dos espaços livres e intersticiais	Adequado; sem requinte, mas apresentando quadras esportivas.	Não há tratamento
Condições de manutenção	Adequada	Precária
Salas de aula (unidade)	26 (sendo 06 para as 8as. séries)	15
Procura por vagas	Alta	Muito baixa
Tipo de gestão	Mista (cooperativo-pública)	Pública
Percepção dos usuários (questionários)	Boa, adequada ao estudo.	Boa, adequada ao estudo.
Percepção dos usuários (<i>conversas informais</i>)	Boa, adequada ao estudo	Falta de estímulo e interesse violência

QUADRO 6.1: Comparação entre as escolas Sesqui e Médici

Em termos perceptivos, em resposta às escalas Likert apresentadas, os usuários das duas escolas indicaram estar relativamente satisfeitos com o ambiente construído existente, avaliando positivamente os vários cômodos relacionados (Quadros 6.2 e 6.3). No entanto, nessa avaliação foram constatadas 03 situações paradoxais, foram avaliados: (i) locais que já foram desativados (não estão sendo utilizados há algum tempo); (ii) locais que não existem formalmente; (iii) locais que existem formalmente, mas foram indicados como inexistentes. Além da óbvia valorização do uso de multimétodos que tal tipo de constatação permite (uma vez que apenas comparando informações coletadas a partir de diversos tipos de técnicas é possível chegar a esse tipo de comentário), esse resultado indica que parte da percepção dos respondentes está fundamentada em experiência anterior (algo que já existiu), na necessidade da reativação do espaço, ou na valorização do uso informal instituído pela comunidade, mas não oficializado em termos edilícios.

Assim, por exemplo, a quadra de vôlei da escola Sesqui, embora exista enquanto área construída, não foi identificada pelos respondentes, provavelmente por se tratar de um local pouco usado pela comunidade escolar, como indicam os vestígios de comportamento no local, como o piso esburacado e o crescimento de vegetação em alguns locais. Por outro lado, o campo de futebol e a quadra de vôlei da escola Médici foram identificados pelos usuários,

embora tais ambientes não sejam demarcados de modo oficial, e sim improvisados no espaço da quadra coberta, como também é possível notar pelos vestígios comportamentais observáveis após o horário do recreio, quando pedras e pedaços de madeira marcam, por exemplo, a área do gol.

ESCOLA	AMBIENTE	USUÁRIO	PERCEPÇÃO DO USUÁRIO	COMENTÁRIO DA PESQUISADORA
SESQUI	Entrada da escola, Acessos, Circulações,	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Sala de aula, Biblioteca, Laboratório de informática,	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Pátio coberto, Ginásio, Lanchonete,	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Campo de futebol, Wc's, Vestiários, Muro	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Quadra de vôlei	Professores	Local não percebido	Existente
	Sala de artes	Professores e Funcionários	Local não percebido	Existente
	Sala de ciências	Funcionários	Local não percebido	Existente

QUADRO 6.2: Percepção de alguns ambientes na escola Sesqui

Também na escola Médici, a lanchonete/refeitório tornou-se um caso interessante (Quadro 6.3). Embora exista um local edificado que já funcionou com esse nome e foi identificado pelos respondentes, ele foi desativado há algum tempo, e atualmente esse papel é assumido por um ambulante (chamado localmente de “fiteiro”), que adentra a escola e oferece alimentos e bebidas. Ou seja, existe um local-lanchonete que não funciona, e uma atividade-lanchonete que acontece sem área definida, e parece que as pessoas não estabelecem grandes diferenças entre elas, pois responderam afirmativamente a existência, mas em momento algum se referiram ao fiteiro nos questionários, situação que só foi detectada posteriormente pela pesquisadora em visita à escola.

Nesse sentido, e paradoxalmente, muitos dos espaços valorizados pelos estudantes, e percebidos por eles como positivos e facilitadores de práticas sociais e ambientais, tais como, as circulações da escola, não são adequados para práticas dessa natureza. Interpretando tal resposta, acredita-se que sua indicação deve-se ao seu papel de promover a socialização,

provavelmente em decorrência da função aglutinadora de fluxos que promovem ao unir setores/alas da edificação.

ESCOLA	AMBIENTE	USUÁRIO	PERCEPÇÃO DO USUÁRIO	COMENTÁRIO DA PESQUISADORA
MÉDICI	Entrada da escola, Acessos, Circulações, Muro	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Sala de aula, Biblioteca, Ginásio, Wc's	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Existente
	Laboratório de informática	Funcionários	Local não percebido	Existente
	Pátio coberto	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Não existente
	Lanchonete	Alunos, funcionários	Local percebido	Desativado; um ambulante atua como "lanchonete", entrando freqüentemente na escola
	Campo de futebol	Professores, funcionários	Local percebido	Ambiente informal; não existe demarcação.
	Quadras de vôlei	Alunos, professores, funcionários	Local percebido	Ambiente informal: não existem piso nem demarcação do campo
	Vestiários	Professor	Local não percebido	Existente
	Sala de artes	Professores e Funcionários	Local não percebido	Existente
	Sala de ciências	Professor	Local não percebido	Existente

QUADRO 6.3: Percepção de alguns ambientes na escola Médici

Um fator subjetivo e muito importante na avaliação das escolas, que surgiu a partir das conversas informais e também esteve presente nos grupos focais, foi a auto-estima do grupo e sua auto-percepção como um grupo socialmente valorizado. Assim, de modo geral estudar na Sesqui aparenta ser uma escolha (em função da imagem que a escola tem perante a comunidade) de modo que seus estudantes (e também os professores) se sentem "selecionados", quase membros de um tipo de "elite intelectual"; por outro lado, estudar na Médici geralmente é associado a uma maior comodidade, devida à proximidade da residência e ao deslocar-se em menor tempo e com menos custo. Além disso, (ou, talvez, devido a isso), os alunos, professores e funcionários da Sesqui mostraram-se mais motivados a assumir responsabilidades diárias do que os da Médici. Os primeiros costumam participar de jogos internos, campeonatos esportivos, competições e mostras de ciências municipais e estaduais, e mostram-se mais críticos com relação ao ambiente escolar; enquanto os segundos não teceram

comentários a respeito de atividades externas e mostraram-se pouco crítico com relação à escola.

Os ambientes de pior avaliados pelos alunos variaram em função de cada escola. Para os da escola Médici são: sala de ciências, sala de artes e vestiários, alguns dos quais não existem como espaços construídos, não podem ser usados por falta de manutenção, ou são inacessíveis, sendo que as salas referidas acima existem, mas não são utilizadas como tal, estão fechadas e os vestiários também, já que não há prática de esportes de forma adequada, nas visitas as aulas de educação física foram percebidas jovens sentados, alguns poucos participando de uma recreação e até uma jovem mãe com seu filho, a maioria com roupas inadequadas e/ou descalços, ou seja, sem uniforme. Para os da escola Sesqui os locais pior avaliados são vestiários, campo de futebol e wc's. Os vestiários não são utilizados e os alunos utilizam os wc's para qualquer coisa, o que os tornam ainda mais inadequados pois não tem chuveiros, em contrapartida eles tem uniformes, o que ajuda na auto-estima e na identidade com a escola. O ambiente avaliado positivamente por ambas as escolas foi o ginásio.

Os alunos das duas escolas optaram pelos mesmos itens positivos, “materiais dos pisos”, “iluminação” e “sombreamento”, embora, nos dois casos não exista arborização. Quanto à avaliação negativa na Sesqui destacou-se a “acessibilidade”, (que não existia) e na Médici chamaram a atenção as questões de “segurança pessoal” (sutilmente) e a “falta de equipamentos” (Quadro 6.4).

Quanto às atividades sociais e ambientais mais praticadas, a “educação na cidadania”, “inclusão social” e “ética social” foram identificadas como atividades bem definidas e amplamente difundidas socialmente, embora tenham sido pouco percebidas pelos alunos. Também não foram percebidas atividades como o “cuidado” com o meio ambiente escolar. (Quadro 6.5). Na observação da escola Médici foi notado justamente o inverso, vestígios comportamentais como pixações, mobiliário quebrado, falta de equipamentos e/ou interesse pela escola, por partes dos usuários de um modo geral. Já na escola Sesqui ocorreu com menos intensidade, apesar de em ambas os alunos se excluírem da responsabilidade quanto à manutenção de quaisquer espaços.

Os locais mais indicados como adequados às práticas sócio-ambientais em ambas as escolas são amplos, iluminados, têm alta frequência e neles acontece acentuado convívio social, apesar de nenhuma das atividades sócio-ambientais terem sido observadas pela pesquisadora no *walk-through*.

Ressalte-se, ainda, que embora no Plano Político Pedagógico das escolas estejam incluídas atividades de educação ambiental, nem todos os respondentes percebem essa prática.

ITEM	ALUNOS DA ESCOLA SESQUI (respostas predominantes)	ALUNOS DA ESCOLA MÉDICI (respostas predominantes)
IDADE PREDOMINANTE ENTRE OS ALUNOS	13, 14 e 15 anos – (condizente com as indicações do MEC)	14, 16 e 17 anos – (não condizente com as indicações do MEC)
RENDA FAMILIAR	03 a 05 salários mínimos	Até 01 salário mínimo
ESCOLHA DA ESCOLA	Bom ensino	Proximidade com a escola
AVALIAÇÃO GERAL	Boa	Boa
AVALIAÇÃO DOS AMBIENTES	Melhores ambientes	Melhores ambientes
	Biblioteca, pátio coberto e ginásio	Ginásio, circulações e entrada da escola
	Piores ambientes	Piores ambientes
	Vestiários, campo de futebol e wc's	Sala de ciências, sala de artes e vestiários
AVALIAÇÃO DO CONFORTO AMBIENTAL	Avaliação positiva	Avaliação positiva
	Iluminação, materiais dos pisos e manutenção do sombreamento	Materiais dos pisos, iluminação e manutenção do sombreamento
	Avaliação negativa	Avaliação negativa
	Temperatura, ruído e acessibilidade	Aparência estética, segurança pessoal e equipamentos (bancos, etc.)
NECESSIDADE DE MUDANÇAS NO AMBIENTE DA ESCOLA	Sim	Sim

QUADRO 6.4 - Comparação entre as respostas dos alunos das escolas Sesqui e Médici – dados gerais

ITEM	ALUNOS DA ESCOLA SESQUI (respostas predominantes)	ALUNOS DA ESCOLA MÉDICI (respostas predominantes)
ATIVIDADES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Educação na cidadania, inclusão social e não sei	Educação na cidadania, educação ambiental e ética social
A QUEM ATRIBUEM A RESPONSABILIDADE PELA MANUTENÇÃO DA ESCOLA	Prefeitura	Administração
AMBIENTES QUE MELHOR ACOMODAM AS A.S.A. INDICADAS	Biblioteca, Pátio coberto e Ginásio	Sala de aula, Biblioteca e Ginásio
IMPORTÂNCIA DAS A.S.A. NA FORMAÇÃO DO ALUNO-CIDADÃO	Sim	Sim
IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS INDIVIDUAIS COMO A.S.A.	Não sei	Sim
PARTICIPAÇÃO EM CAMPANHA ECOLÓGICA	Não	Não

QUADRO 6.5 -: Comparação entre as respostas dos alunos das escolas Sesqui e Médici – quanto às A.S.A

Vários professores das duas escolas, (sobretudo da escola Sesqui) lecionam em outras escolas, tendo oportunidade de vivenciar espaços tanto melhores quanto piores, o que dá uma melhor margem de confiança em sua avaliação (Quadro 6.6).

Também nesse caso, ficou evidenciado que a escolha de ensinar na escola Sesqui foi fruto da avaliação que a escola tem perante a comunidade, enquanto na escola Médici indica o cumprimento de ordem da secretaria de educação. Provavelmente essa imposição aliada à situação de abandono em que se encontra a escola e à questão da segurança física e pessoal, desestimule esses docentes.

Os professores perceberam os ambientes melhores de maneira bem diferente. Os da escola Sesqui com características de espaços de convívio social, organização e equipamentos adequados, como biblioteca, laboratório de informática e lanchonete, apesar deste ambiente não estar funcionando; já os de piores avaliações condizem com a realidade da escola, sala de ciências, vestiários e campo de futebol (Quadro 6.7). Na escola Médici os ambientes positivamente avaliados foram circulações, muro (para surpresa da pesquisadora) e sala de aula (o que era esperado, já que é onde o professor tem o controle e domínio do espaço e atividades).

ITEM	PROFESSORES - ESCOLA SESQUI (respostas predominantes)	PROFESSORES - ESCOLA MÉDICI (respostas predominantes)
IDADE PREDOMINANTE ENTRE OS PROFESSORES	Entre 26 e 50 anos	Entre 36 e 55 anos
RENDA FAMILIAR	Mais de 05 salários mínimos	Entre 03 e 05 salários mínimos
ESCOLHA DA ESCOLA	Bom ensino	Remanejamento
AVALIAÇÃO GERAL	Boa	Boa
AVALIAÇÃO DOS AMBIENTES	Melhores ambientes	Melhores ambientes
	Biblioteca, lanchonete e laboratório de informática	Circulações, muro e sala de aula
	Piores ambientes	Piores ambientes
	Sala de ciências, vestiários e campo de futebol	Sala de ciências, vestiários e lanchonete
AVALIAÇÃO DO CONFORTO AMBIENTAL	Avaliação positiva	Avaliação positiva
	Limpeza, segurança física e segurança pessoal	Acessibilidade, temperatura e materiais do piso
	Avaliação negativa	Avaliação negativa
	Acessibilidade, ruído e manutenção do sombreamento	Ruído, equipamentos (bancos, etc.) e limpeza
NECESSIDADE DE MUDANÇAS NO AMBIENTE DA ESCOLA	Sim	Não

QUADRO 6.6 - Comparação entre os professores das escolas Sesqui e Médici – dados gerais

ITEM	PROFESSORES DA ESCOLA SESQUI (respostas predominantes)	PROFESSORES DA ESCOLA MÉDICI (respostas predominantes)
ATIVIDADES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Inclusão social, educação na cidadania e educação ambiental	Inclusão social, educação na cidadania e educação ambiental
AMBIENTES QUE ACOMODAM AS ATIVIDADES (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Sala de aula, biblioteca e circulações	Sala de aula, entrada da escola
A QUEM ATRIBUEM A RESPONSABILIDADE PELA MANUTENÇÃO DA ESCOLA	Funcionários e administração	Administração
PROFISSÃO CONTRIBUI NAS ATIVIDADES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Sim	Sim
PPP X AMBIENTE FÍSICO	Sim	Sim
PARTICIPAÇÃO EM CAMPANHA ECOLÓGICA	Não	Sim

QUADRO 6.7 - Comparação entre os professores das escolas Sesqui e Médici – quanto à A.S.A

Nesta avaliação os professores das 02 escolas tiveram a percepção do conforto dos ambientes condizente com a realidade, principalmente os de avaliação negativa. Na escola Sesqui ficou evidente tanto para os alunos quanto para os professores a falta total de “acessibilidade”, dificultando os deslocamentos não só para os portadores de necessidades especiais, mas para todos. Na escola Médici “ruído”, “equipamentos” e “limpeza” foram os itens avaliados como piores, pois não existem bancos e/ou ambiente adequado para a recreação, somente a sala dos professores. Quanto ao “ruído” a escola tem recuos grandes e poucos alunos, não justificando a inclusão entre os piores itens, entretanto os ventiladores dentro das salas de aula são velhos e bastante barulhentos, apesar de alguns estarem quebrados, o que justifica o resultado.

Os professores da escola Médici apesar de terem reclamações veladas da administração, organização de espaços, equipamentos, segurança etc., no questionário indicaram que não precisam de “mudanças”.

Os docentes de ambas as escolas perceberam que as atividades sociais e ambientais são “inclusão social”, “educação na cidadania” e “educação ambiental”, entretanto não identificam quais tipos e/ou projetos, o que surpreendeu, pois eles deveriam ser um dos vetores dessa realização. Nas 02 escolas os espaços mais assinalados como os que acomodam as atividades sócio-ambientais são amplos, iluminados, freqüentados constantemente e geradores de convívio social, onde o professor tem o “controle”, quais sejam na escola Sesqui, “sala de aula”, “biblioteca” e “circulações”, e na escola Médici, “sala de aula” e “entrada da escola”.

Percebeu-se que os professores das duas escolas, assim como os alunos, se excluem da responsabilidade por qualquer tipo de manutenção, ou seja, não se sentem parte integrante da escola nesse sentido, cabendo essa tarefa à administração. Embora nas respostas seja culturalmente justificável “deixar esse serviço aos funcionários da limpeza”, não é coerente com um discurso indicativo de que se desenvolvem atividades sócio-ambientais e afirmativas ligada ao reconhecimento de que suas profissões contribuem nessas mesmas atividades e com a participação em campanhas ecológicas (principalmente os professores da escola Médici)

Finalmente, quanto aos funcionários, a escolha em trabalhar nas escolas decorre mais da proximidade da residência, devido a questão econômica e a facilidade no deslocamento a pé.

Os funcionários da escola Sesqui perceberam os melhores ambientes de maneira diferente dos da escola Médici. Com características de espaços de convívio social e organização os do Médici perceberam negativamente alguns ambientes que na realidade não existem, como campo de futebol e lanchonete; já os com piores avaliações na percepção dos funcionários da escola Sesqui foram: a sala de ciências, campo de futebol e o wc’s, condizentes com a realidade da escola. Indicados como os melhores ambientes da escola Médici foram, as quadras de vôlei e o pátio coberto e o outro não se caracteriza como um ambiente, mas como uma demarcação de limites que foi o muro (Quadro 6.8), entretanto foi proposto pelo questionário.

ITEM	FUNCIONÁRIOS - ESCOLA SESQUI (respostas predominantes)	FUNCIONÁRIOS - ESCOLA MÉDICI (respostas predominantes)
IDADE PREDOMINANTE ENTRE OS FUNCIONÁRIOS	Entre 38 e 59 anos	Entre 22 e 49 anos
RENDA FAMILIAR	Até 01 salário mínimo	Entre 01 e 05 salários mínimos
ESCOLHA DA ESCOLA	Bom ensino	Proximidade com a residência
AVALIAÇÃO GERAL	Boa	Boa
AVALIAÇÃO DOS AMBIENTES	Melhores ambientes	Melhores ambientes
	Biblioteca, lanchonete e pátio coberto	Quadras de vôlei, muro e pátio coberto
	Piores ambientes	Piores ambientes
	Sala de ciências, campo de futebol e wc’s	Campo de futebol, lanchonete e laboratório de informática
AVALIAÇÃO DO CONFORTO AMBIENTAL	Avaliação positiva	Avaliação positiva
	Iluminação, mobiliário e materiais dos pisos	Acessibilidade, sombreamento e materiais dos pisos
	Avaliação negativa	Avaliação negativa
	Aparência estética, ruído e acessibilidade	Aparência estética, segurança física e segurança pessoal
NECESSIDADE DE MUDANÇAS NO AMBIENTE DA ESCOLA	Sim e não	Sim e não

QUADRO 6.8 - Comparação entre os funcionários das escolas Sesqui e Médici – dados gerais

Na avaliação quanto ao conforto ambiental os funcionários da escola Sesqui tiveram a percepção positiva dos ambientes condizentes com a realidade. A “iluminação” das salas de aula, circulações e pátio coberto são eficientes. Já os funcionários da escola Médici perceberam quanto à avaliação do conforto, que o “sombreamento”, que não existe, e a “acessibilidade” são positivos.

Observou-se que os funcionários das 02 escolas ficaram em dúvida quanto à necessidade ou não de mudanças nas escolas. Os da escola Sesqui perceberam que acontecem atividades como “educação ambiental”, “inclusão social” e “educação na cidadania”, os mesmos que os professores, já na escola Médici só a “inclusão social”, mas em ambas eles afirmaram que suas profissões contribuem nas atividades. Porém essa afirmativa estava mais ligada à manutenção dos espaços limpos do que efetivamente na realização do mesmo, pôde-se perceber isso na negativa da participação em campanhas ecológicas (Quadro 6.9).

ITEM	FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA SESQUI	FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA MÉDICI
ATIVIDADES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Educação ambiental, inclusão social e educação na cidadania	Inclusão social
A QUEM ATRIBUEM A RESPONSABILIDADE PELA MANUTENÇÃO DA ESCOLA	Administração	Administração
AMBIENTES QUE ACOMODAM AS ATIVIDADES (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Sala de aula, biblioteca	Sala de aula, entrada da escola/ginásio
PROFISSÃO CONTRIBUI NAS ATIVIDADES SOCIAIS E AMBIENTAIS (A.S.A.) QUE ACONTECEM NA ESCOLA	Sim	Sim
PARTICIPAÇÃO EM CAMPANHA ECOLÓGICA	Não	Não

QUADRO 6.9 - Comparação entre os funcionários das escolas Sesqui e Médici – quanto às A.S.A.

Frente a esses resultados, sentiu-se necessidade de retornar às escolas para esclarecer algumas situações, e para tanto, optou-se pela realização do grupo focal para poder aprofundar a compreensão dos usuários (MORGAN, 1998). Foram propostos às direções que os grupos focais fossem realizados com os mesmos usuários que responderam aos questionários, realizados através da apresentação da pesquisa, de forma sucinta através dos pressupostos, conceitos básicos (espaço escolar, prática sócio-ambiental e cuidado ambiental), quais os ambientes avaliados e avaliados sobre a ótica do conforto ambiental, os quadros resumos e algumas fotos.

Na escola Sesqui os 40 alunos compareceram (Fotos 7.1 a 7.4); os professores e funcionários não se interessaram pela atividade e/ou não puderam comparecer por causa do trabalho. A diretoria propôs que o trabalho acontecesse numa sala de aula, usando retro projetor, apesar da iluminação. Os alunos não aceitaram a modificação das cadeiras para um semicírculo alegando que iria demorar e atrasar para as aulas subseqüentes.

Durante a explanação dos resultados obtidos, os alunos mantiveram-se atentos, após o que foram interagindo e se empolgando com o assunto e passaram a se manifestar. Foi lançada uma pergunta sobre o que é sustentabilidade, e uma das alunas respondeu que: “sustentabilidade ambiental é um modo que as pessoas têm de encontrar, produzir, sobreviver e obter o que se necessita sem prejudicar a natureza, o meio ambiente”, a partir daí foi perguntado o que é o meio ambiente e resposta foi “animais, plantas, planeta...”. Mas o que chamou a atenção deles foi quando falaram sobre o que trás à memória os sons, as cores, os sabores, etc da vivencia na escola, todos começaram a contar histórias e nomes de professores, espaços de recreação dentre outros.

Os alunos ratificaram as opções quanto às avaliações de melhores e piores ambientes, ao bom ensino, mas disseram que a lanchonete existe sim, funciona de vez em quando com merenda escolar. Quanto aos ambientes que acomodam as atividades, que continuaram dizendo que não participavam, apesar de realizarem dentro das salas de aula junto com os professores trabalhos de inclusão social que identificam como ajuda às pessoas portadoras de deficiência física, eles alegaram que o pátio coberto e o ginásio são espaços onde os professores interferem menos, que não ficam vigiando. Os wc’s são apertados e sujos e que os funcionários deveriam limpar mais vezes.

Quanto ao sombreamento, concordaram que não tem arborização, mas que isso não faz falta, pois existem as árvores nas calçadas por fora da escola e ainda que as mudanças mais urgentes sejam as no bloco das oitavas séries, nos quadros e cadeiras, apesar de saberem que são alguns dos próprios estudantes que os danificam, pois não dão valor aos objetos.

De modo geral, o grupo focal ajudou concluir, na escola Sesqui, que:

1. Existe espaço físico para a realização de atividades sócio-ambientais que possibilitem uma troca de experiências;
2. Equipe técnica – professores que trabalham na escola pelo bom ensino e trabalho em equipe, o que facilita uma possível estruturação pedagógica diferenciada, funcionários – administrativos e da limpeza que são comprometidos e discursam a favor de uma educação na cidadania e ambiental;

3. Uma gestão mista onde os pais dos alunos – cooperativa tem voz ativa na resolução dos problemas e soluções da escola junto com o poder público;



Foto 6.1



Foto 6.2



Foto 6.3



Foto 6.4

Fotos 6.1 a 6.4 – Grupo focal na escola Sesqui

Na escola Médici também ocorreram imprevistos com a questão da escolha do local da apresentação da pesquisa, e estavam presentes à apresentação somente 15 estudantes, pois os professores e funcionários disseram que estavam ocupados, embora, no final, alguns deles tenham resolvido ouvir a explanação.

Na ante-sala dos professores, que a direção definiu como ambiente a ser utilizado, foi necessário bloquear a janela com um pedaço de isopor e trazer um ventilador portátil para refrescar o ambiente apertado (Foto 7.7).

Pode-se perceber de imediato que dos primeiros contatos com a escola, durante a pesquisa e na realização do grupo focal a única modificação foi a obrigatoriedade do uso do

uniforme (antes inexistente). Durante a explanação todos prestaram atenção, interagindo pouco mesmo quando provocados a responder. Foi lançada uma pergunta sobre a existência das práticas sócio-ambientais na escola que os estudantes negaram o que gerou desconforto entre os professores e funcionários, sendo que um se pronunciou dizendo que sim.

Na escola Sesqui foram ratificadas as opções quanto às avaliações de melhores e piores ambientes, e ao bom ensino. Quanto ao sombreamento disseram que há arborização nas calçadas, e, ainda, que a responsabilidade da manutenção da escola é de todos.

Entretanto o que mais chamou a atenção na discussão da pesquisa foram os relatos sobre violência, que nos questionários apareceram sutilmente sem nenhum comentário por parte dos usuários e só haviam surgido em conversas informais. No grupo focal foi ressaltado que apesar da escola ser limpa, bem iluminada, não ter pátio coberto e as atividades de recreação acontecerem nas circulações e/ou ginásio (acesso “ruim” e “longe”) o que é mais contundente para a modificação é a “violência” e “falta de incentivo de todos uns com os outros”. Uma das alunas enfatizou que a escola “parece um presídio” com tantas grades e chaves, mas que o uso de drogas ainda é grande entre os alunos, constringendo a todos. Outro comentou que as armas diminuíram dentro da escola, mas que os assaltos acontecem fora da escola, próximo à saída causando medo. Um funcionário antigo disse que na época dele não era assim, pois os alunos respeitavam os professores e a ele como autoridade, e que ele mantinha a disciplina. Depois desses depoimentos cheios de incertezas, alguém comentou que tinha vontade de estudar em outro colégio, mas os demais reagiram e o grupo dividiu-se entre as respostas sim e não.

Diante do grupo focal realizado na escola Médici, pode-se concluir que:

1. Existe espaço físico para a realização de atividades sócio-ambientais que possibilitem uma troca de experiências;
2. Equipe técnica (professores) têm pouco sentimento de trabalho em equipe, por falta de segurança e estímulo, o que dificulta a possível estruturação pedagógica, enquanto, pelos mesmos motivos, os funcionários (administrativos e da limpeza) cumprem com as suas obrigações procurando pouco envolvimento com a comunidade escolar;
3. A gestão não presencia as dificuldades reais da escola quanto as necessidades não só de materiais didáticos e/ou equipamentos, mas, e principalmente valorização do ser humano.

Especificamente no que se refere à percepção de elementos de territorialidade no ambiente escolar, de modo geral não foram encontrados muitos indícios nesse sentido, o que, por si, já reflete um menor apego dos usuários com relação ao local. Apesar dessa ressalva,

na escola Sesqui a separação dos blocos das salas de aula por séries possibilita maior consolidação da territorialidade entre os estudantes em função das turmas, o que se verificou, sobretudo no “bloco das oitavas séries”, provavelmente devido à sua relativa segregação espacial. Por outro lado, para os docentes o espaço da sala dos professores é o alvo preferencial das manifestações de territorialidade, pois embora eles permaneçam no local por um tempo limitado (nos intervalos das aulas e/ou recreio), este é um lugar que consideram privativo da categoria. “A sala dos professores é o único local que temos para descansar e trocar informações. Não é justo que fique cheio de alunos pedindo informações” (depoimento de professora). Não foi percebido esse tipo de comportamento quanto aos funcionários.

Por sua vez, na escola Médici a percepção de elementos ligados à territorialidade dos usuários foi ainda mais difícil, o que pode se dever à pequena quantidade de alunos, professores e funcionários, bem como a não-existência do uniforme.

Em nome da “limpeza”, nas duas instituições a prática de colocar/colar trabalhos de estudantes nas paredes das salas de aula e corredores não é incentivado, prática que também dificulta a delimitação de territórios e o desenvolvimento de sentimentos de apropriação do espaço pelos estudantes, essencial para sua transformação em lugar. Ou seja, as preocupações e limitações institucionais dificultam o desenvolvimento de relações pessoa-ambiente saudáveis, de modo que muitas vezes os usuários parecem sentir-se inibidos com relação ao ambiente, o qual, assim, perde sua condição de facilitador do processo educacional para tornarem-se mais um empecilho ao mesmo. “Não tem muita coisa pra gente ver por aqui. Seria legal chegar e ter uma exposição de trabalhos no pátio ou um *brother* tocando violão e a galera cantando. Isso pode? Não! Se alguém pregar um desenho na parede, leva logo um fora. Vão dizer que ta sujando a parede. É proibido.” (depoimento de estudante da Médici)

Nesse sentido, para os estudantes a presença de professores e funcionários parece ser fonte de sentimento de aglomeração, pois, embora não represente aumento significativo da densidade física, aparenta inibir comportamentos espontâneos e dificultar a apropriação do espaço pelos alunos. “Às vezes a gente ta numa boa, todo mundo trocando idéia, essas coisas, e ai chega a professora K (nome omitido). Ela chega bem maneira, sem fazer barulho. Só pra meter o nariz nas coisas da gente. Pra que? Pra proibir. Se ela pega alguém com um giz, riscando um gol no chão pra bater uma bolinha, é como um crime. Qual o problema de riscar o chão com giz? Depois é só jogar água e apaga.” (depoimento de estudante)

Os professores e funcionários, por sua vez, justificam seu comportamento em nome da ordem e da facilidade de manutenção, pois, segundo a diretoria, permitir tais tipos de atividades iria “dificultar o controle das turmas e exigir um grande número de ações de limpeza”, o que implicaria numa maior quantidade de funcionários, situação especialmente conflitante na escola Médici.

As discussões ocorridas nos grupos focais também mostraram que, de modo geral os usuários das escolas se adaptaram às condições do ambiente, mesmo aquelas relativamente inóspitas. Assim, por exemplo, muitos deles afirmaram não sentirem falta de vegetação e sombreamento natural na área interna, situação claramente indicada em uma afirmativa como “existem árvores nas calçadas e isso basta” (depoimento de estudante). Nesse mesmo sentido, a dificuldade em lidar com a diversidade física dos usuários e as exigências de acessibilidade, torna-se evidente no discurso de um professor que comentou: “Aqui não tem muita rampa, mas também não temos muitos alunos com deficiência. Então não é problema, né?” (depoimento de docente).

Especificamente no que se refere ao cuidado com o ambiente escolar, nas duas escolas o discurso teórico dos estudantes é relativamente coerente com o conteúdo discutido em disciplinas ligadas à educação ambiental. No entanto, em termos práticos e em seu reflexo no ambiente da escola, os usuários da Sesqui, aparentam estar mais preocupados com as condições de uso da escola, procurando envolver-se mais diretamente com sua manutenção/zelo, e evitando atividades degradadoras, talvez não de modo ideal, mas minimamente adequada. Acredita-se que parte dessa postura reflita o próprio modo de gestão da instituição, já que os pais estão mais envolvidos com a escola, e, como arcam com uma parcela de seus custos, alertam os filhos para evitarem gastos desnecessários e estarem mais atentos a esse tipo de comportamento entre os colegas. “A escola também é da gente. Tudo aqui tem preço, não é de graça. Se alguém quebrar uma carteira, isso vai custar dinheiro. E o pior. Até consertar vai ficar faltando uma carteira. Aqui não tem muita carteira sobrando.” (depoimento de estudante da Sesqui) “Eu gosto das coisas arrumadas, organizadas. Não vou querer ficar num lugar quebrado, feio. Então eu também tenho que cuidar. Todo mundo tem.” (estudante da Sesqui)

Já na Médici, verificou-se que os usuários tiveram pouco interesse em discutir o tema, e são menos estimulados a participarem em atividades de cuidado e manutenção, às quais se referiram como algo que é “obrigação do governo”, ou seja, que não está ao seu alcance nem é de sua responsabilidade. Alimentando um ciclo vicioso (algo não é bom; ninguém

tenta modificar isso; a circunstância inicial fica ainda pior), tal postura agrava a situação já precária da instituição, uma vez que a ausência de compromisso aparenta ser coletiva e atingir todas as categorias de usuários.

De modo geral, embora essas considerações relativas ao comportamento sócio-espacial humano ainda exijam pesquisa adicional para seu maior aprofundamento, o que pode vir a ser uma nova etapa dessa pesquisa, elas são um forte indicativo do modo como os usuários das duas escolas se identificam com as mesmas, apontando para uma condição de identificação mais positiva no caso da Sesqui, e mais negativa no caso da Médici.



Foto 6.5



Foto 6.6



Foto 6.7



Foto 6.8

Fotos 6.5 a 6.8 – Grupo focal na escola Médici

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação estudou duas escolas na cidade de João Pessoa, Paraíba, tendo como **objetivo geral** analisar como de professores, estudantes (alunos da 8ª série do ensino fundamental) e funcionários percebem o espaço físico da escola e agem sobre ele, investigando as práticas sócio-ambientais que lá acontecem e o cuidado com a instituição. Além disso, foram definidos três **objetivos específicos**: (i) analisar o projeto arquitetônico das escolas; (ii) conhecer o pensamento desses usuários sobre o espaço escolar e as práticas sócio-ambientais vigentes; (iii) identificar os espaços das escolas mais utilizados e as práticas sócio-ambientais que neles ocorrem.

De modo geral, quanto à análise dos projetos arquitetônicos pode-se dizer que ambas as escolas têm estrutura arquitetônica semelhante, tendo como base projetos nos quais a preocupação com a funcionalidade é evidente, diferenciando-se quanto ao posicionamento na malha urbana e a taxa de ocupação final do lote, o que se reflete em suas possibilidades de ampliação sem comprometer as instalações existentes.

Além dos resultados analíticos previstos, ao avaliar o ambiente construído das escolas verificou-se a ocorrência de 04 situações paradoxais: (i) locais que já foram desativados (não estão sendo utilizados há algum tempo) mas foram avaliados como ainda em uso; (ii) locais que não existem formalmente (imaginados) porém foram avaliados como existentes; (iii) locais que existem formalmente, mas foram indicados como inexistentes; e (iv) pouca percepção das atividades de educação ambiental, apesar das mesmas estarem incluídas no plano político pedagógico das duas escolas.

Nas duas escolas notou-se que existe espaço físico para a realização de atividades sócio-ambientais que possibilitem uma troca de experiências. No entanto, na escola Sesqui a equipe de professores se envolvem mais ativamente na busca por bom ensino e trabalho em equipe, o que facilita uma possível estruturação pedagógica diferenciada; os funcionários (administrativos e da limpeza) mostram-se mais comprometidos e falam a favor de uma educação na cidadania e ambiental; a gestão mista facilita que os pais dos alunos (cooperativa) tenham voz ativa na resolução dos problemas, em conjunto com o poder público. Por sua vez, na escola Médici os professores não demonstram ter sentimento de trabalho em equipe, o que dificulta a estruturação pedagógica; os funcionários, embora cumpram com as suas obrigações, pouco ou nada se envolvem com a estrutura escolar; a gestão pública é mais das dificuldades reais da escola, não apenas quanto às necessidades de materiais didáticos e/ou equipamentos, mas, principalmente, quanto à valorização do ser

humano. Os usuários da escola Sesqui perceberam os ambientes melhores avaliados, biblioteca, lanchonete e pátio coberto, já os usuários da escola Médici perceberam de uma maneira geral o muro e circulações como ambientes positivos, mostrando claramente que não existe apropriação dos espaços da escola, apenas territorialidade.

De modo geral, a avaliação mais negativa relacionou-se ao conforto ambiental e às condições de acessibilidade, que realmente deixam muito a desejar. Na escola Médici verifica-se, ainda preocupação quanto à falta de cuidado estético com a edificação e à segurança pessoal (comentada muito sutilmente nos questionários, mas bastante enfatizada em momentos informais e nos grupos focais).

Ao investigar o que os usuários (professores, funcionários e alunos da 8ª série do ensino fundamental) pensam sobre o espaço escolar e as práticas sócio-ambientais percebeu-se que de modo geral os usuários das escolas escolheram-nas de acordo com a avaliação que a escola tem perante a comunidade, principalmente em relação à escola Sesqui que é bem conhecida e disputada por uma classe social economicamente mais favorecida e notando na escola Médici que prevalece a proximidade da residência evitando o deslocamento através do transporte público e o curso que isso representa no orçamento familiar.

Na pesquisa realizada para essa dissertação, voltada para a compreensão das atividades sócio-ambientais da comunidade escolar, os usuários das duas escolas analisadas perceberam como principais práticas nessa área: inclusão social, educação ambiental e educação na cidadania, atividades amplamente difundidas socialmente, entretanto, houve diferenças entre as escolas no que concerne à prática diária desses ensinamentos. Em uma foram verificadas poucas atividades práticas relacionadas ao cuidado com o ambiente escolar, e na outra nenhuma prática nesse sentido.

Os ambientes das escolas mais utilizados e as práticas sócio-ambientais que neles ocorrem são para os usuários da escola Sesqui: sala de aula e biblioteca e para os da escola Médici: sala de aula, ginásio e entrada da escola, todos com características de espaços de convívio social e organização, controle e disciplina.

Além disso, de modo geral verifica-se que os usuários não se incluem como responsáveis por qualquer tipo de manutenção, ou seja, não se sentem parte integrante da escola nesse sentido. O sentido é de cumprimento do dever: o estudante deve estudar, o professor deve ensinar, e funcionário deve trabalhar.

Corroborando Pinheiro e Pinheiro (2007), tal situação mostra que a grande maioria os respondentes, especialmente os estudantes, não identificaram claramente o que sejam práticas sócio-ambientais e como elas poderiam acontecer na escola em que estudam, apesar de no

discurso de alguns professores e funcionários concordarem com a existência tanto no PPP quanto no dia a dia da sala de aula. De modo geral, embora não unânime, nota-se que a comunidade escolar relaciona ecologia e meio ambiente majoritariamente aos conhecimentos acadêmicos, e às práticas eventualmente realizadas em ambientes naturais especiais ou áreas urbanas específicas, como praias, rios, parques, ou mesmo favelas. A própria dificuldade dos estudantes em identificarem uma disciplina ligada à educação ambiental é um sério reflexo dessa questão.

Essa relativa distância entre a noção de práticas sócio-ambientais e cotidiano escolar (traduzida pelo não-cuidado com os espaços do dia a dia, pelo descaso com eles, pelo seu uso equivocado e pelos usuários praticamente não assumirem responsabilidades com relação aos mesmos), indicou claramente sua dificuldade de cristalização de conhecimentos e não superação da dicotomia teoria/prática, bem como a falta de sensibilização e consciência em relação aos seus próprios problemas. E ainda, evidenciada na escola Médici, o não despertar do sentimento de pertencer ao lugar, ao território e a falta de projetos educativos alicerçados na realidade local sendo utilizado um modelo existente, sem consideração de que o ambiente construído ou natural são espaços educativos e de aprendizagem.

Educadores, pesquisadores, pedagogos, arquitetos e outras pessoas que sejam comprometidas com a cidadania, educação e o meio ambiente podem e devem discutir, planejar e vivenciar sobre como a arquitetura escolar pode transformar-se em programa educativo (símbolos culturais, ideológicos, pedagógicos e estéticos), aliado à educação ambiental, e que exige a participação e o compromisso de todos, e o apoio de instituições, sociedades organizadas, movimentos sócias e etc.

Corroborando Comnes (2006) e Orr, (2006) os dados coletados mostram claramente a dissociação entre conhecimento científico e prática na área ambiental, de modo que facilmente verifica-se um deslocamento entre as informações às quais os estudantes têm acesso e o modo como agem em relação ao ambiente escolar que freqüentam. No entanto, para modificar tal situação seriam necessárias que se efetivassem mudanças radicais de valores, que costumam levar séculos para se realizarem. Assim, é necessário acreditar na revolução da educação, que lentamente tem se insinuado, não em universidades, mas em escolas de ensino fundamental e médio, através de educadores inovadores oriundos de diversas áreas de atuação, que têm entre seus objetivos valorizar/restabelecer a ligação dos jovens com os lugares onde vivem e estudam, e com a comunidade. Ou seja, não apenas uma mudança curricular, mas de postura e práxis diárias.

Parafrazeando Brandão (2005) numa estrutura educacional que aprende, por um lado, meio ambiente como vida e vida biodiversa, por outras palavras e propostas regidas por palavras como sustentabilidade, pluriculturas, transdisciplinaridade, integração e complexidade, fica faltando buscar respostas para uma pergunta que exige a reflexão de todos: Como fazer interagir num mesmo trabalho de educação ambiental a pesquisa científica, a artística, a psicológica, entre outras, a elaboração do material pedagógico, mas não só escolar, e a formação do pessoal envolvido, de diferentes níveis, formas de trabalho e ação ambiental?

Nesse sentido, ao buscar respostas a perguntas ligadas à sensibilização das comunidades escolares, como as duas escolas avaliadas, para realidades muitas vezes difíceis de serem enfrentadas (ligadas à violência, aos recursos reduzidos, à alienação social, entre outros), são essenciais que se continue a investir em trabalhos na área da percepção ambiental, e a valorizar a educação ambiental como prática diária, que nos induza a pensar globalmente e agir localmente.

O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito (global). Para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura (BOFF, 199, p 135).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. H. **Educação: quantidade e qualidade.** Disponível em: http://www.inep.gov.br/imprensa/artigos/quantidade_qualidade_imp.htm. Acesso em: 29 nov. 2004.
- AZEVEDO, G.A.N.; RHEINGANTZ, P.A.B.; LEOPOLDO, E.G.. O espaço da escola como o “lugar” do conhecimento: um estudo de avaliação de desempenho com abordagem interacionista. 2004, SP. In: **Anais do NUTAU´2004.** São Paulo: FUPAM/FAU.USP, 2004.
- BENCINI, R.; BORDAS, M. A. **Uma relação e amor e ódio.** In: Revista Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril. Ed. 200. Março 2007. pp. 28 a 47.
- BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.
- BOFF, L.. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BOTO, C.. **A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito.** Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 29 nov. 2006.
- BRANDÃO, C.R., **As flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental.** São Paulo: Autores Associados Ltda, 2005.
- BRASIL. Lei nº 4.173 de 1998. **Plano Nacional de Educação (PCE).** Brasília, DF: MEC, 1998.
- BRASIL. FNDE. **Resolução/CD/FNDE/Nº52** de 25 de outubro de 2004. Disponível em: http://www.fnde.gov.br/home/legislacao_manuais/escola_aberta/.pdf Acesso em: 07 jan. 2005.
- CATUNDA, M. Educar e cultivar ambientes. In: NEAL, F. O.; BARCELOS, V.H.L. (Org.). **Educação ambiental e cidadania: Cenários Brasileiros.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. pp. 231-254.
- CAPRA, F. A idéia da slow school: é hora de desacelerar a educação?. In: STONE, M.K.; BALOW, (org.) **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2006

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

COMNES, L. A idéia da slow school: é hora de desacelerar a educação?. IN: STONE, M.K.; BALOW, (orgs) **Alfabetização ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006

COSTA, M.E.B. Grupo Focal. In: DUARTE, J. e BARROS, A (Orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. pp. 180-192.

DELORS, J. **Educação** : Um Tesouro a Descobrir. ONU / UNESCO: Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 1999. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Pilares_da_Educa%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 25 jan. 2007.

ELALI, G. A. **Ambientes para educação infantil, um quebra-cabeças?** Contribuição metodológica na avaliação pós-ocupação de edificações e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). FAU-USP, São Paulo, 2002.

_____. O ambiente da escola, o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**, V. 8, n. 2. Natal, RN: UFRN, 2003, p. 309-319.

_____. Psicologia e Arquitetura: em busca do *lócus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, V. 2, n. 2. Natal, RN: UFRN, 1997. p. 349-362.

ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. Relacionando os espaços e comportamentos para definir o programa do projeto arquitetônico. In: **Anais do Projetar 2003**, Natal: UFRN, 2003.

FERNANDES, O. S. **Crianças no pátio escolar**: utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFRN, Natal.

FERNANDES, F.; LUFT, C.P.; GUIMARÃES, F.M. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 2003.

FERREIRA, A B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRAGO, A V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

- FRANCO, D. **O homem integral**. 14. ed. Salvador: Leal, 2001.
- FRANÇA, L. C. M. **Caos – Espaço – Educação**. São Paulo: ANNABLUME, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Educação como Prática de Liberdade**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. Introdução À Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. **Revista de Administração de empresas – RAE**, São Paulo: mar./abr, 1995.
- GUNTHER, H.; ELALI, A. E.; PINHEIRO, J.Q., A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, definições e implicações. In GUNTHER, H.; PINHEIRO, J.Q. (Orgs.) **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente** Florianópolis: Casa do Psicólogo, 2008 (no prelo).
- HOLT, M. A idéia da slow school: é hora de desacelerar a educação?. In: STONE, M.K.; BALOW.(org). **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006
- ITTELSON, H.; PROSHANSKI, H.; RIVLIN, L.; WINCKEL, G. **An Introduction to Environmental Psychology**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1974.
- KULESZA, W.A. Para uma história econômica da educação brasileira (1930 – 1964). In: MEDEIROS. M. D. de, KULESZA, W.A. (org.). **Educação básica: da teoria à metodologia**. João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 2000.
- KREUGER, R.A. **Focus Group: a practical guide for applied research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- LAYRARGUES.P.P. A resolução dos problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA M. (org.). **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LEFF, E. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA M. (org.). **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LOUREIRO, C. Paradigmas do prédio escolar. 1998, SP. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: FUPAM/FAU.USP, 1998.

- MACEDO. L.S. et al. **Proposta para Implantação da Cultura da Paz nos Currículos Escolares**. João Pessoa: UFPB, 2003. I Colóquio de Currículos.
- MARCONI. M.A ; LAKATOS, E.M.. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTUCCI, R.; BASSO, A. **Uma visão integrada da análise e avaliação de conjuntos habitacionais**: aspectos metodológicos da pós-ocupação e do desempenho tecnológico. Disponível em: <http://habitare.infohab.org.br/pdf/publicacoes/LIVROS/01/cap10.pdf>. Acesso em: 14 out. 2003.
- MEDEIROS, M.G.L.; BENINI, L. M. **Educação ambiental como educação científica**. Londrina: Educ, 2001.
- MEIRA, G. R.; SANTOS, J. Y. R. Avaliação pós-ocupação em um conjunto habitacional: um estudo de caso. In: **Anais do Encontro de Tecnologia do Ambiente Construído (ANTAC) - 1998**. Florianópolis: U F S C, 1998.
- MORGAN, D.L.; KUEGER, R.A. **The focus group kit**. Thousand Oaks: Sage, 1998
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MUSSEN, P. H. et al. **Desenvolvimento e Personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1995.
- ORNSTEIN, S. W.; ROMÉRO, M. **Avaliação pós-ocupação do ambiente construído**. São Paulo: EdUSP, 1992.
- ORNSTEIN, S. W.; B. NETO, J. **O desempenho dos edifícios da rede estadual de ensino: O caso da Grande São Paulo**. São Paulo: EdUSP, 1995.
- ORR, D.W. A idéia da slow school: é hora de desacelerar a educação?. IN: STONE, M.K.; BALOW, (orgs) **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006
- PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. **Comportamento sócio-espacial humano**. Texto didático não publicado. Natal: UFRN, 1998
- PINHEIRO, J.Q.; PINHEIRO T. F. Cuidado ambiental: ponte entre Psicologia e Educação Ambiental? **Psico**, Porto Alegre: PUCRS, v 38, n. 1, p. 25-34, Jan/Abril, 2007
- POL, E. *La apropiacion del espacio*. In: INIGUEZ , L.; POL. E. **Cognicion, representacion y apropiacion del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-62.

_____ *Seis reflexiones sobre los procesos psicologicos en el uso, organizacion y evaluacion del espacio.* In: AMÉRIGO, M.; ARAGONÉS, J.I.; CORRALIZA, J. (Orgs.). **El comportamiento en el medio natural y construido.** Badajoz, Orellana: Junta de Extremadura, 1992. p. 121-133.

PERRENOUD, P. **Escola e cidadania:** o papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2005

RIVLIN, L. G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, V. 8, n. 2. Natal, RN: UFRN, 2003.

ROHDEN, H. **Educação do homem integral.** São Paulo: Martim Claret, 1998.

SAITO, C.H. As dimensões e os desafios da Educação Ambiental na sociedade do Conhecimento. In: RUSCHEINSKY, A. et al. **Educação Ambiental:** Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002

SALES, L.C. **O valor simbólico do prédio escolar.** Teresina: EDUFPI, 2000.

SOMMER, R. **O papel do arquiteto:** a conscientização do design. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979.

_____ **Espaço Pessoal:** as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo: EPU – Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973

SOMMER, B., & SOMMER, RA **practical guide to behavioral research:** Tools and techniques (5th ed.). Nova York: Oxford University Press, 2002.

SANTOS, E.P. Educação ambiental: uma visão ideológica e pedagógica. - pp. 285- 306
NEAL, F. O.; BARCELOS, V.H.L. (Org.). **Educação ambiental e cidadania:** Cenários Brasileiros. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SOUZA, H. M. B. **O pátio escolar do ensino fundamental como ambiente de brincar segundo as crianças usuárias.** 2005. Dissertação (mestrado em Psicologia). UFRN, Natal.

SOUZA, R. et al. **Sistema de gestão da qualidade para empresas construtoras.** São Paulo: Pini, 1999.

STOKOLS, D. **Perspectives on environment and behavior:** theory research and applications. New York: Plenum Press, 1977.

TEIXEIRA, J. R. **Desafios da Educação.** Rio de Janeiro: Fráter, 1995.

TRISTÃO, M. As dimensões e os desafios da Educação Ambiental na sociedade do Conhecimento. In: RUSCHEINSKY A. et al. **Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

APÊNDICE S

Apêndices	Nº	
	Pg.	
Apêndice 1	Questionário dos alunos	04
Apêndice 2	Questionários do professores	04
Apêndice 3	Questionário dos funcionários	04
Apêndice 4	Gráficos da escola Sesqui	09
Apêndice 5	Gráficos da escola Médici	08

APENDICE 1. Questionário dos Alunos



Este questionário faz parte da pesquisa do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pretendemos conhecer um pouco mais sobre esta escola e precisamos de sua colaboração respondendo algumas questões.

Questionário – Alunos N.

Nome da escola: Data Horário:

1. Idade:..... Gênero: () F () M

Renda familiar: () até 1 SM () entre 1 SM a 3 SM

() entre 3 SM a 5 SM () + de 5 SM

Bairro onde mora:

2. Você escolheu estudar nesta escola devido a: (marque no máximo 2 opções)

() bom ensino

() ser famosa

() ser pública

() falta de opção

() proximidade com minha casa

() meus pais decidiram

() outros Quais?

3. De um modo geral você avalia a escola como:

() Ótima

() Boa

() Ruim

() Péssima

() Não sei

4. Avalie os ambientes listados abaixo?

AMBIENTES	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Entrada da escola				
Circulações				
Sala de aula				
Biblioteca				

Wcs				
Laboratório de informática				
Ginásio				
Acessos				
Pátio coberto				
Muro				
Lanchonete				
Campo de futebol				
Quadras de vôlei				
Vestiários				
Sala de artes				
Sala de ciências				

5. Em sua opinião quais os maiores responsáveis pela manutenção da escola? (marque no máximo 2 itens)

- estudantes funcionários prefeitura administração
 professores comunidade não sei

6. Avalie a escola quanto à:

	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Limpeza e conservação				
Manutenção sombreamento natural				
Materiais dos pisos				
Aparência estética				
Equipamentos (bancos, brinquedos)				
Mobiliário (carteiras, armários, etc.)				
Acesso de pessoa deficiente				
Temperatura nos cômodos				
Controle do ruído nos cômodos				
Iluminação nos cômodos				
Segurança (física)				
Segurança (pessoal)				

7. Quais das atividades a seguir acontecem na escola?

- coleta de lixo seletiva educação ambiental ética social
 inclusão social educação na cidadania
 não sei outros Quais?

.....

8. De quais ações citadas na questão 7 você participa? Como?

.....
.....
.....

9. Quais os ambientes conseguem acomodar as ações acima citadas? (marque no máximo 3)

- Entrada da escola Circulações Sala de aula
 Biblioteca Wcs Acessos
 Laboratório de informática Lanchonete Ginásio
 Sala de ciências Pátio coberto Muro
 Sala de artes Campo de futebol Vestiários
 Quadras de vôlei

10. Em sua opinião, as ações citadas na questão 7 são importantes para sua formação como aluno-cidadão?

- Não Não sei Sim Explique

.....
.....
.....

11. Em sua opinião, para facilitar essas ações a escola precisa de mudanças nos seus espaços?

- Não Não sei Sim Quais?

.....
.....
.....

12. Em sua opinião seu comportamento pode ajudar nas ações citadas na questão 7
() Não () Não sei () Sim Quais?

.....
.....
.....

13. Você já participou de alguma campanha ecológica na escola ou na rua?
() Não () Não sei () Sim Quais?

.....
.....
.....

Use o espaço abaixo para comentários ou considerações importantes.

Nosso contato para outros esclarecimentos:

FLAVIA GIANGIULIO TAVEIRA

CELULAR: 88058164

FONE: 3245 65 52

APENDICE 2. Questionário dos Professores



Este questionário faz parte da pesquisa do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pretendemos conhecer um pouco mais sobre esta escola e precisamos de sua colaboração respondendo algumas questões.

Questionário – Professores N.

Nome da escola: Data Horário:

1. Idade:..... Gênero: () F () M

Renda familiar: () até 1 SM () entre 1 SM a 3 SM
() entre 3 SM a 5 SM () + de 5 SM

Bairro onde mora:

2. Você escolheu trabalhar nesta escola devido a: (marque no máximo 2 opções)

() Bom ensino e queria fazer parte da equipe () Ser famosa
() remanejamento da Secretaria da Educação () Falta de opção
() Proximidade com minha casa () Salário atrativo
() Outros Quais?

3. De um modo geral você avalia a escola como:

() Ótima () Boa () Ruim () Péssima () Não sei

4. Avalie os ambientes listados abaixo?

AMBIENTES	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Entrada da escola				
Circulações				
Sala de aula				
Biblioteca				

Wcs				
Laboratório de informática				
Ginásio				
Acessos				
Pátio coberto				
Muro				
Lanchonete				
Campo de futebol				
Quadras de vôlei				
Vestiários				
Sala de artes				
Sala de ciências				

5. Em sua opinião quais os maiores responsáveis pela manutenção da escola? (marque no máximo 2 itens)

- Estudantes Funcionários Prefeitura Administração
 Professores Comunidade Não sei

6. Avalie a escola quanto à:

	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Limpeza e conservação				
Manutenção sombreamento natural				
Materiais dos pisos				
Aparência estética				
Equipamentos (bancos, brinquedos)				
Mobiliário (carteiras, armários, etc.)				
Acesso de pessoa deficiente				
Temperatura nos cômodos				
Controle do ruído nos cômodos				
Iluminação nos cômodos				
Segurança (física)				
Segurança (pessoal)				

7. Quais das atividades a seguir acontecem na escola?

- Coleta de lixo seletiva Educação ambiental Ética social
 Inclusão social Educação na cidadania
 Não sei Outros Quais?

.....

8. De quais ações citadas na questão 7 você participa? Como?

.....
.....
.....

9. Quais os ambientes conseguem acomodar as ações acima citadas? (marque no máximo 3)

- Entrada da escola Circulações Sala de aula
 Biblioteca Wcs Acessos
 Laboratório de informática Lanchonete Ginásio
 Sala de ciências Pátio coberto Muro
 Sala de artes Campo de futebol Vestiários
 Quadras de vôlei

10. Em sua opinião, sua profissão pode ajudar nessas ações?

- Não Não sei Sim Explique

.....
.....
.....

11. Em sua opinião, para facilitar essas ações a escola precisa de mudanças nos seus espaços?

- Não Não sei Sim Quais?

.....
.....
.....

12. Em sua opinião o Plano Político Pedagógico da escola reflete no ambiente físico?
() Não () Não sei () Sim Explique.

.....
.....
.....

13. Você já participou de alguma campanha ecológica na escola ou na rua?
() Não () Não sei () Sim Quais?

.....
.....
.....

Use o espaço abaixo para comentários ou considerações importantes.

Nosso contato para outros esclarecimentos:

FLAVIA GIANGIULIO TAVEIRA

CELULAR: 88058164

FONE: 3245 65 52

APÊNDICE 3. Questionário dos Funcionários



Este questionário faz parte da pesquisa do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pretendemos conhecer um pouco mais sobre esta escola e precisamos de sua colaboração respondendo algumas questões.

Questionário – Funcionários N.

Nome da escola: Data Horário:

1. Idade:..... Gênero: () F () M

Renda familiar: () até 1 SM () entre 1 SM a 3 SM
() entre 3 SM a 5 SM () + de 5 SM

Bairro onde mora:

2. Você escolheu trabalhar nesta escola devido a: (marque no máximo 2 opções)

() Bom ensino e queria fazer parte da equipe () Ser famosa
() remanejamento da Secretaria da Educação () Falta de opção
() Proximidade com minha casa () Salário atrativo
() Outros Quais?

3. De um modo geral você avalia a escola como:

() Ótima () Boa () Ruim () Péssima () Não sei

4. Avalie os ambientes listados abaixo?

AMBIENTES	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Entrada da escola				
Circulações				
Sala de aula				
Biblioteca				

Wcs				
Laboratório de informática				
Ginásio				
Acessos				
Pátio coberto				
Muro				
Lanchonete				
Campo de futebol				
Quadras de vôlei				
Vestiários				
Sala de artes				
Sala de ciências				

5. Em sua opinião quais os maiores responsáveis pela manutenção da escola? (marque no máximo 2 itens)

- Estudantes Funcionários Prefeitura Administração
 Professores Comunidade Não sei

6. Avalie a escola quanto à:

	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
Limpeza e conservação				
Manutenção sombreamento natural				
Materiais dos pisos				
Aparência estética				
Equipamentos (bancos, brinquedos)				
Mobiliário (carteiras, armários, etc.)				
Acesso de pessoa deficiente				
Temperatura nos cômodos				
Controle do ruído nos cômodos				
Iluminação nos cômodos				
Segurança (física)				
Segurança (pessoal)				

7. Quais das atividades a seguir acontecem na escola?

- Coleta de lixo seletiva Educação ambiental Ética social
 Inclusão social Educação na cidadania
 Não sei Outros Quais?

.....

8. De quais ações citadas na questão 7 você participa? Como?

.....
.....
.....

9. Quais os ambientes conseguem acomodar as ações acima citadas? (marque no máximo 3)

- Entrada da escola Circulações Sala de aula
 Biblioteca Wcs Acessos
 Laboratório de informática Lanchonete Ginásio
 Sala de ciências Pátio coberto Muro
 Sala de artes Campo de futebol Vestiários
 Quadras de vôlei

10. Em sua opinião, sua profissão pode ajudar nessas ações?

- Não Não sei Sim Explique

.....
.....
.....

11. Em sua opinião, para facilitar essas ações a escola precisa de mudanças nos seus espaços?

- Não Não sei Sim Quais?

.....
.....
.....

12. Você já participou de alguma campanha ecológica na escola ou na rua?

Não

Não sei

Sim Quais?

.....

.....

.....

Use o espaço abaixo para comentários ou considerações importantes.

Nosso contato para outros esclarecimentos:

FLAVIA GIANGIULIO TAVEIRA

CELULAR: 88058164

FONE: 3245 65 52

APÊNDICE 4. Gráficos da Escola Sesqui

Gráfico – Sesqui – Aluno: Idade

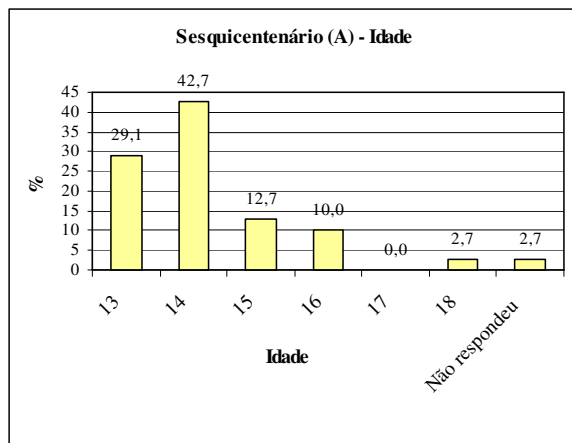


Gráfico – Sesqui – Aluno: Renda familiar

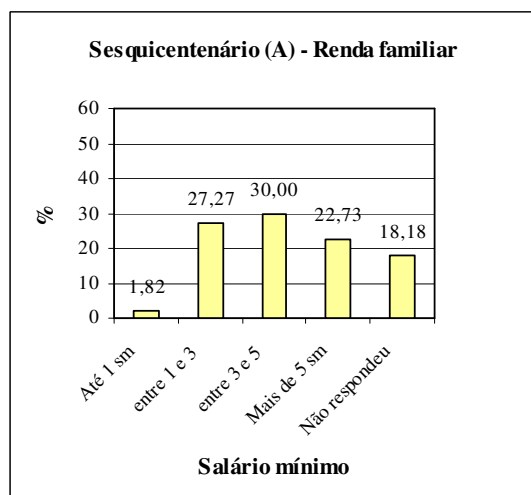


Gráfico – Sesqui – Aluno: Necessidade de mudanças

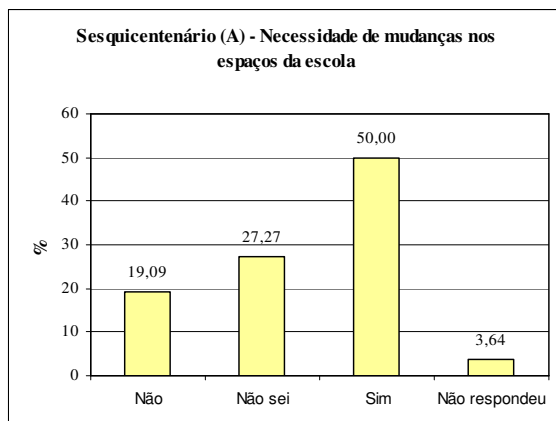


Gráfico – Sesqui - Aluno: Atividades que acontecem

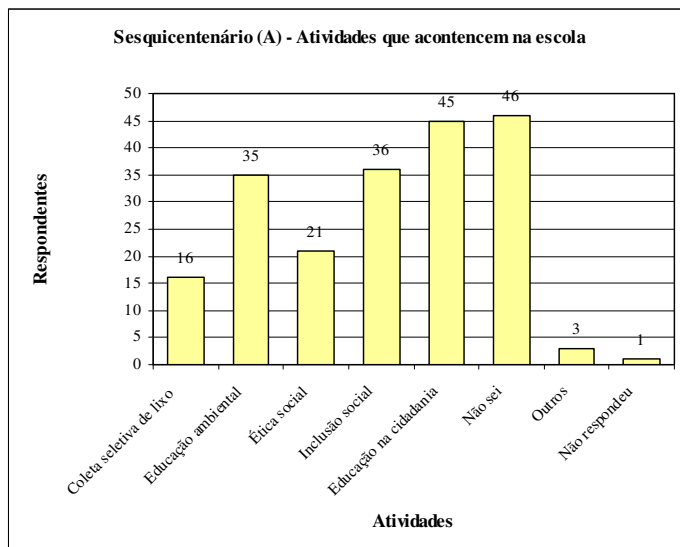


Gráfico – Sesqui – Aluno: Ambientes que acomodam as atividades

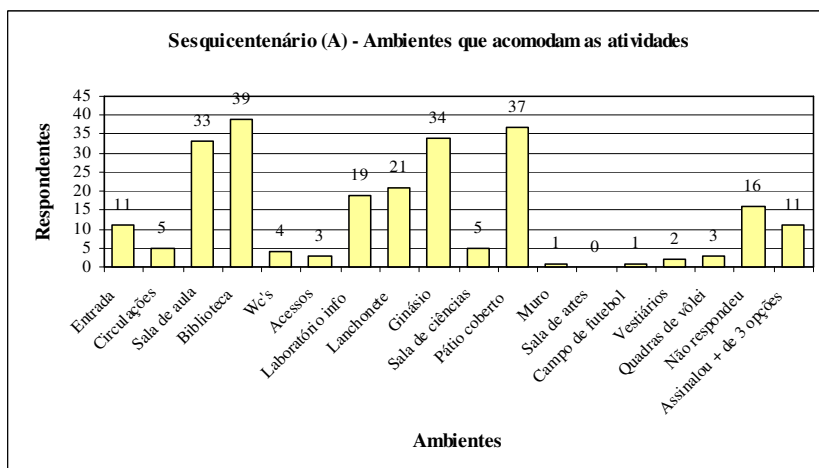


Gráfico – Sesqui – Aluno: Responsabilidade pela manutenção

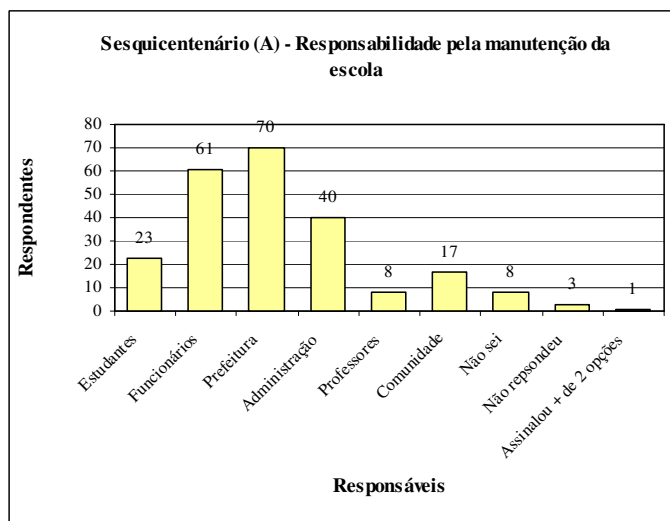


Gráfico – Sesqui – Aluno: Importância na formação

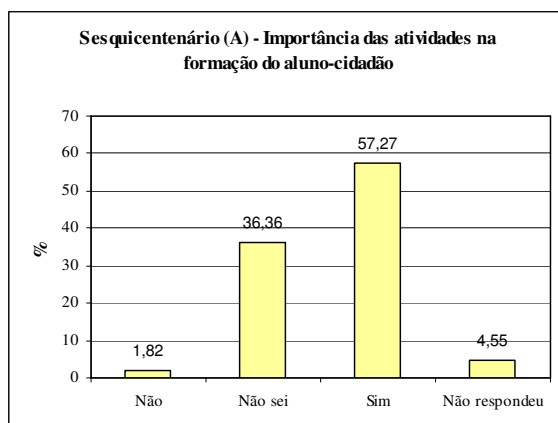


Gráfico – Sesqui – Aluno: Comportamento auxilia nas atividades

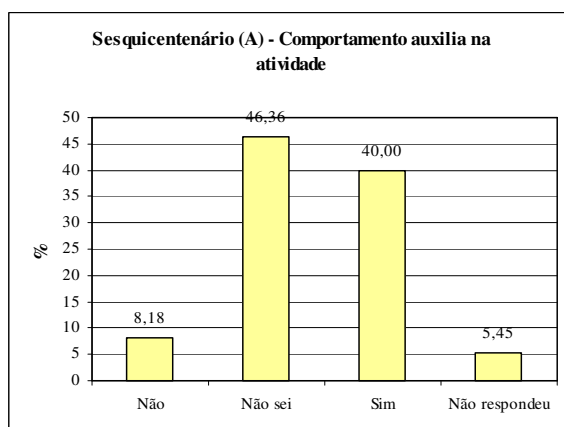


Gráfico – Sesqui – Aluno: Participação em campanha ecológica

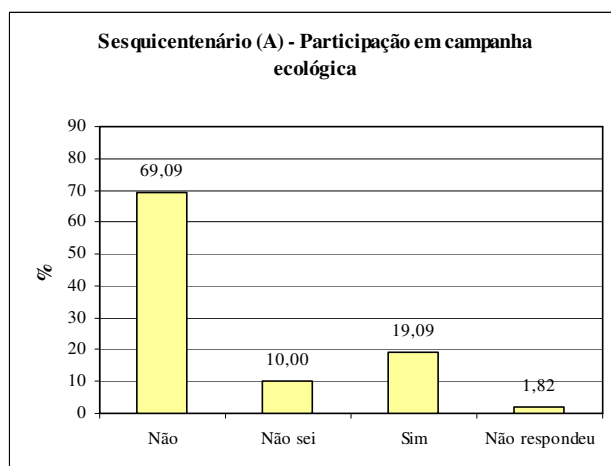


Gráfico – Sesqui – Professor: Idade

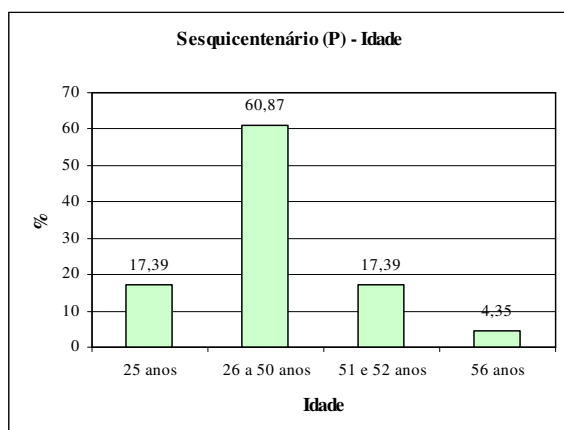


Gráfico – Sesqui – Professor: Renda familiar

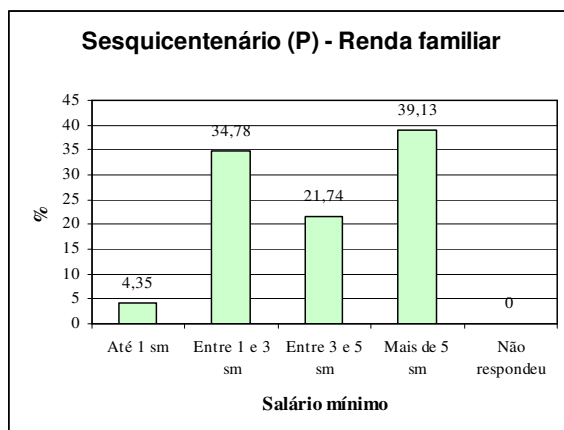


Gráfico – Sesqui – Professor: Necessidade de mudanças

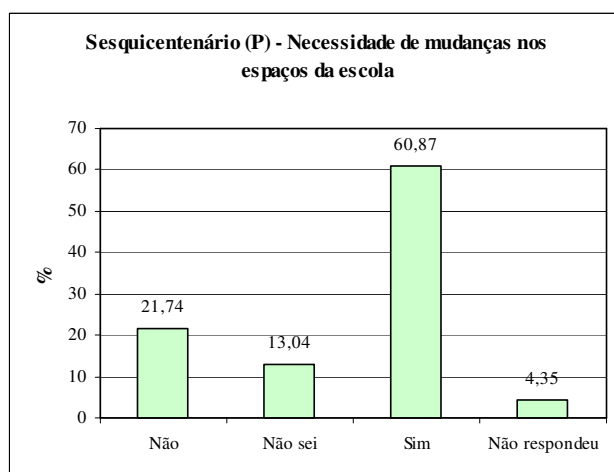


Gráfico – Sesqui – Professor: Atividades que acontecem na escola

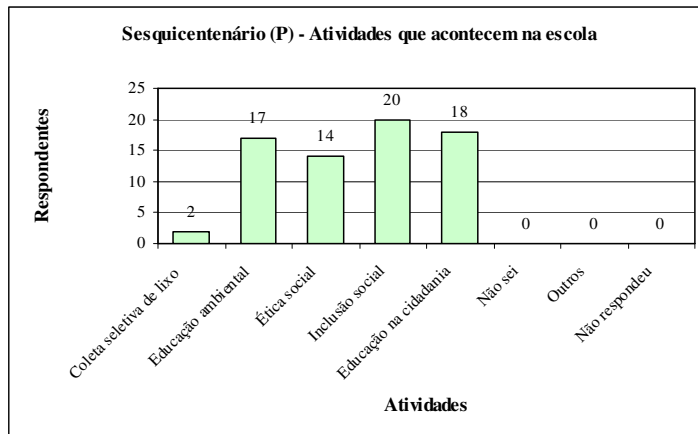


Gráfico – Sesqui – Professor: Ambientes que acomodam as atividades

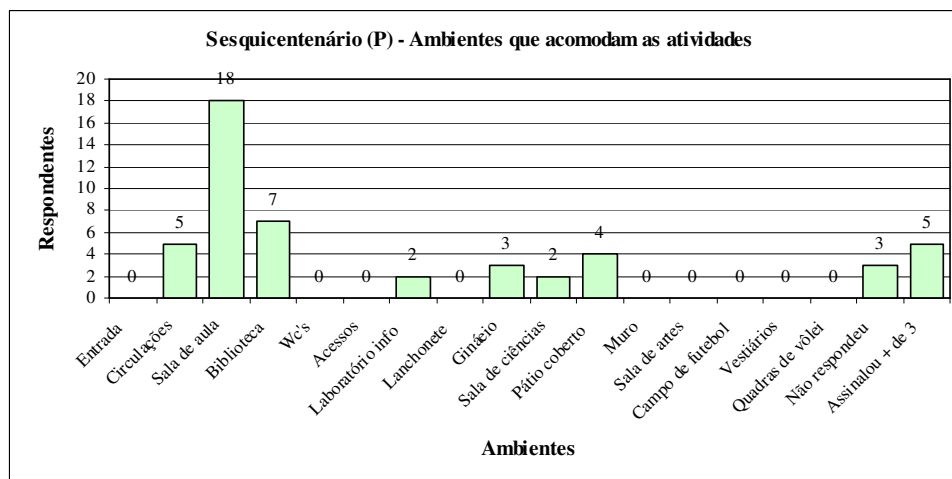


Gráfico – Sesqui – Professor: Responsabilidade pela manutenção

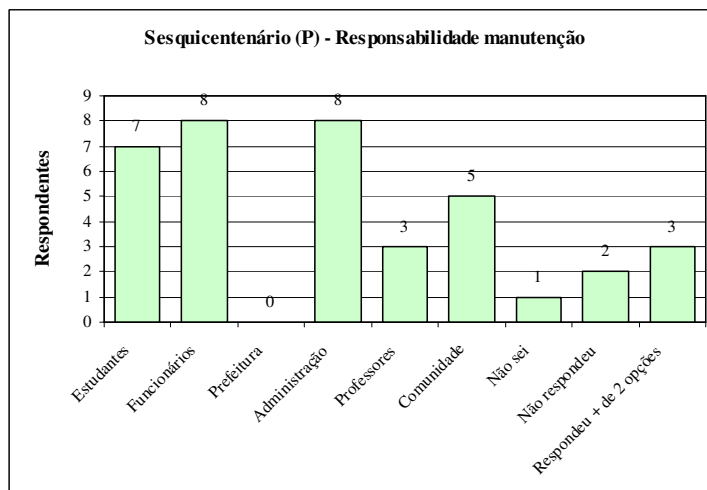


Gráfico – Sesqui – Professor: Profissão ajuda nas atividades

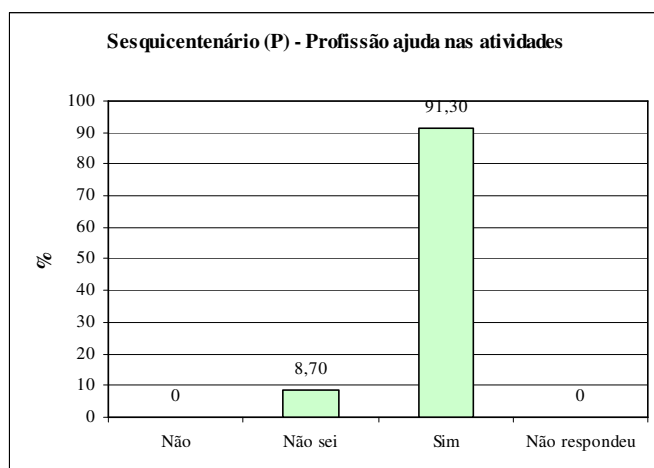


Gráfico – Sesqui – Professor: PPP x Ambiente Físico

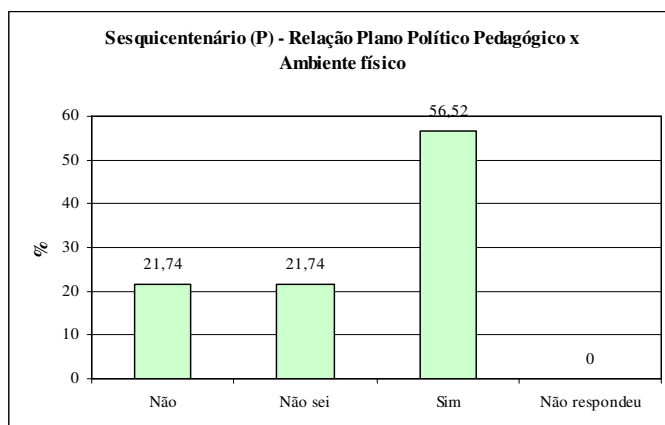


Gráfico – Sesqui – Professor: Participação em campanha ecológica

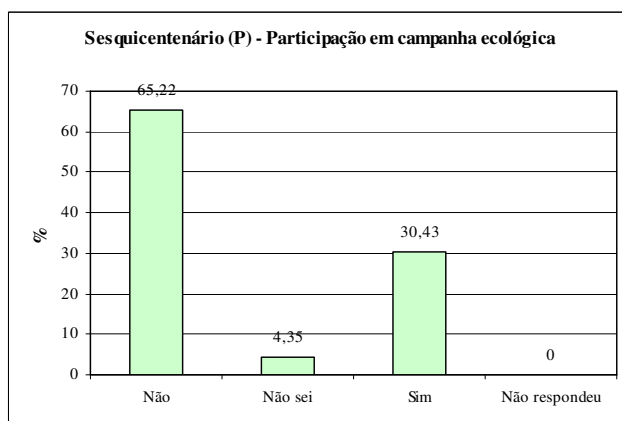


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Renda familiar

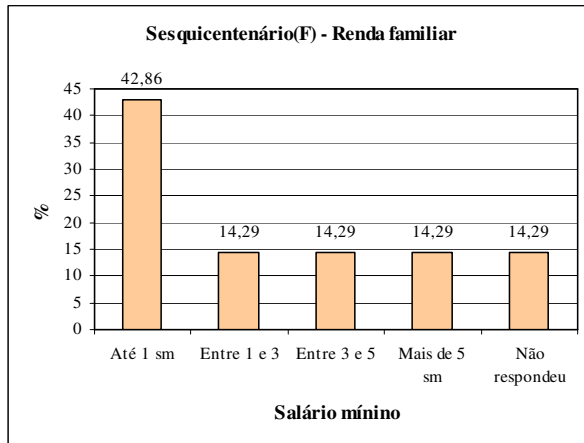


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Necessidade de mudanças

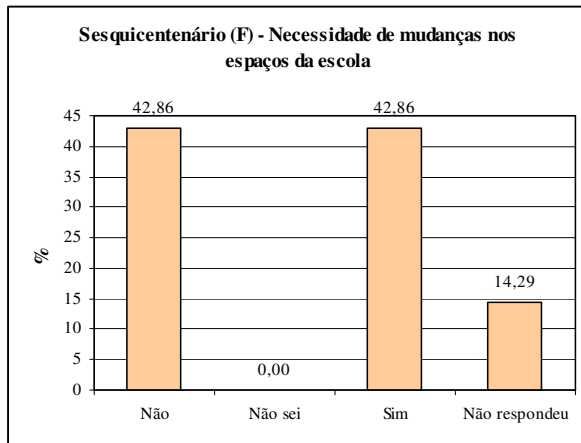


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Atividades que acontecem na escola

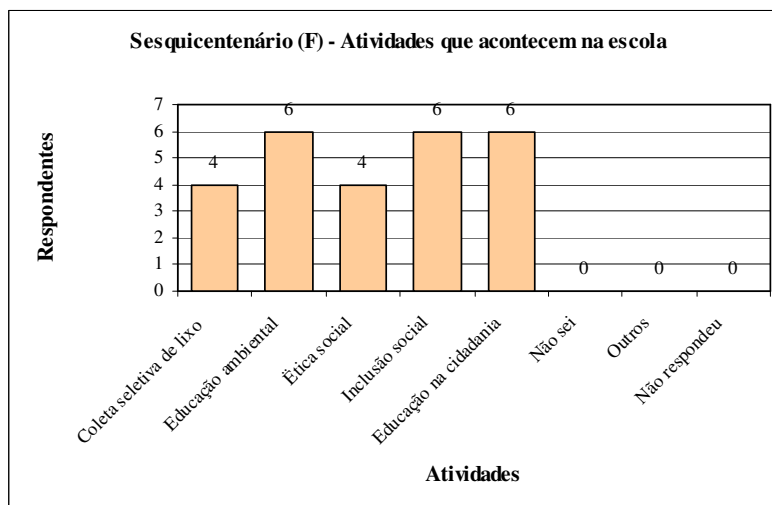


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Ambientes que acomodam as atividades

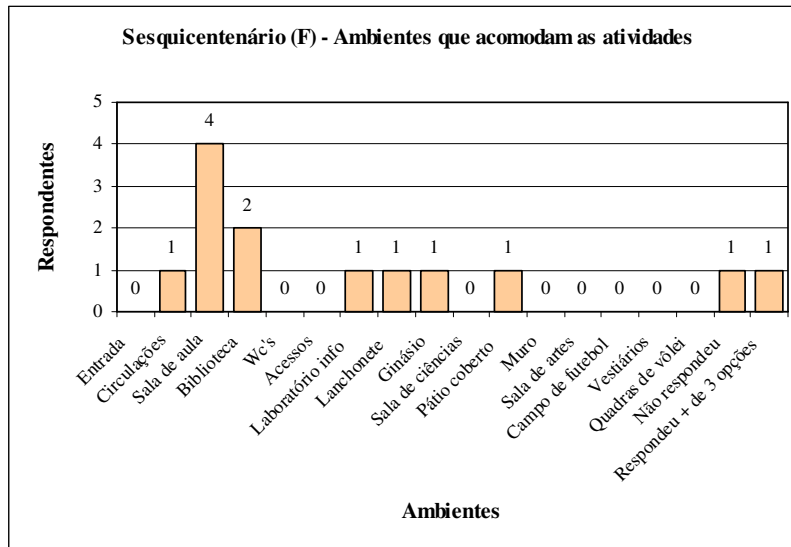


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Responsabilidade pela manutenção

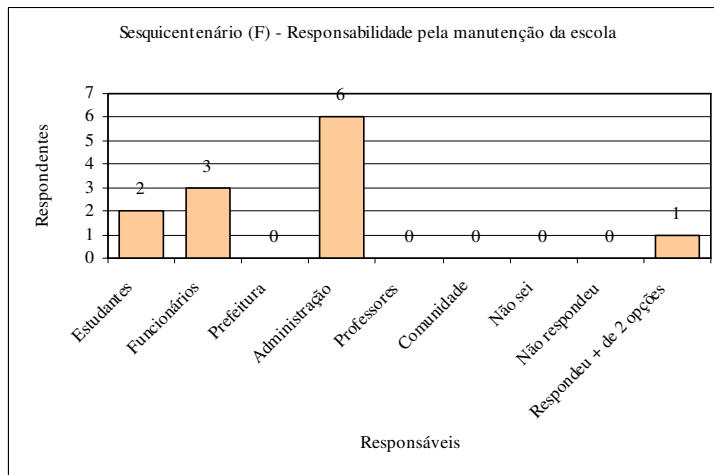


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Profissão ajuda nas atividades

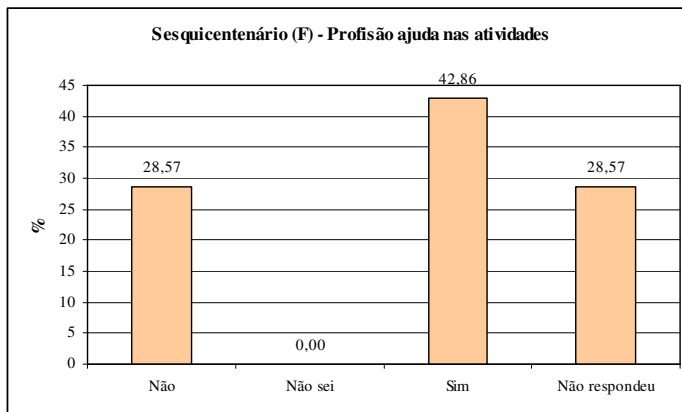
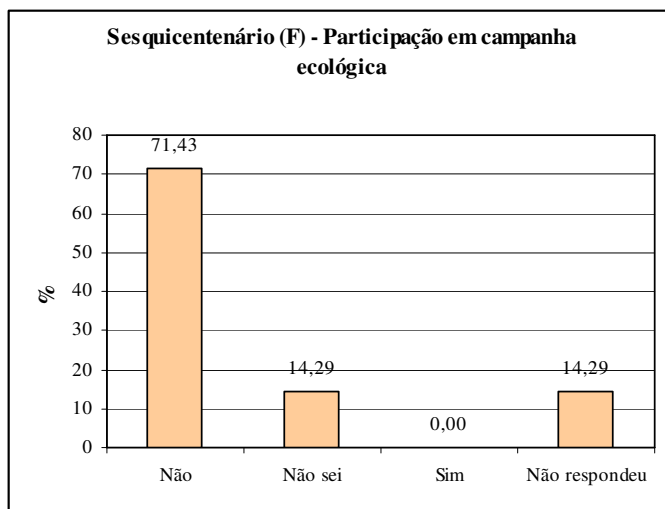


Gráfico – Sesqui – Funcionário: Participação em campanha ecológica



APÊNDICE 5. Gráficos da Escola Médici

Gráfico – Médici – Aluno: Idade

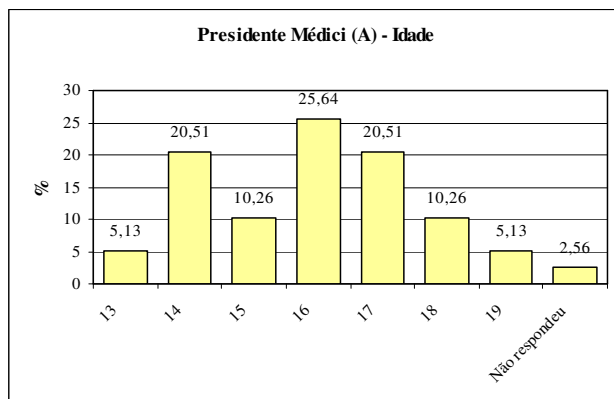


Gráfico – Médici – Aluno: Renda Familiar

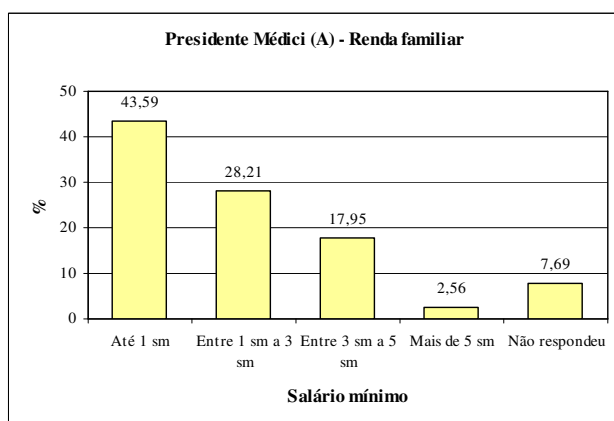


Gráfico – Médici – Aluno: Necessidade de mudanças

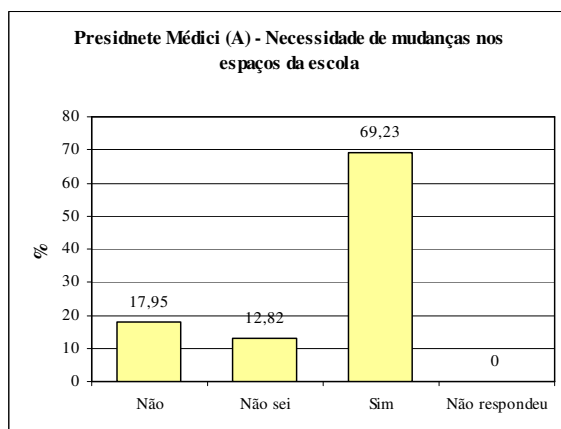


Gráfico – Médico – Aluno: Atividades que acontecem na escola

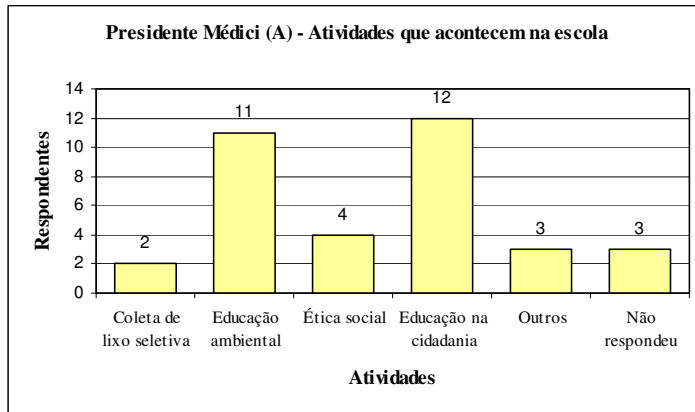


Gráfico – Médico – Aluno: Ambientes que acomodam as atividades

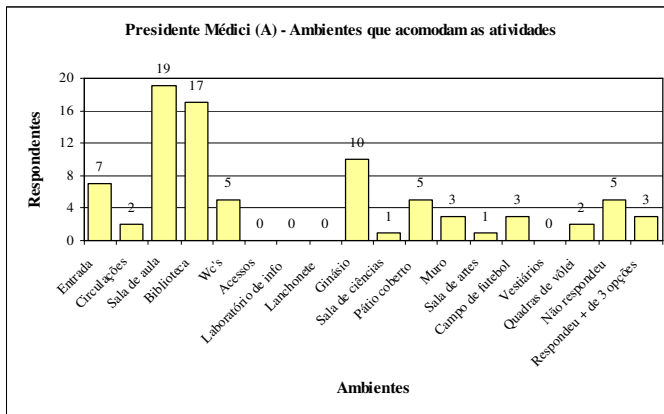


Gráfico – Médico – Aluno: Responsabilidade pela manutenção

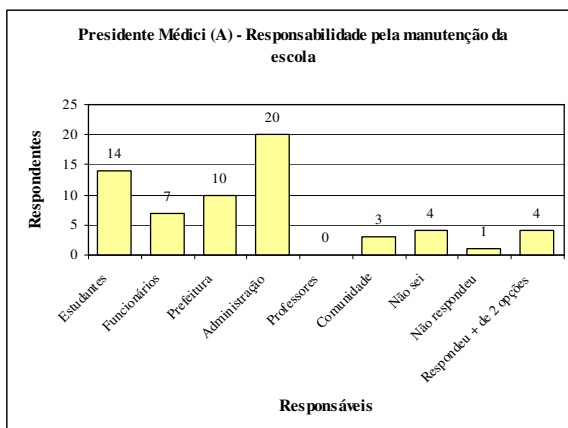


Gráfico – Médico – Aluno: Importância na formação

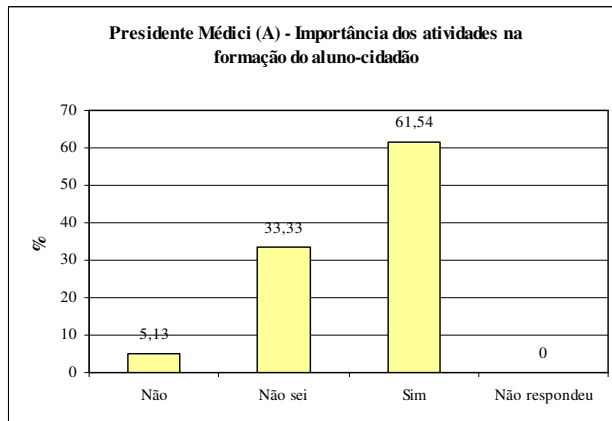


Gráfico – Médico – Aluno: Comportamento auxilia na atividade

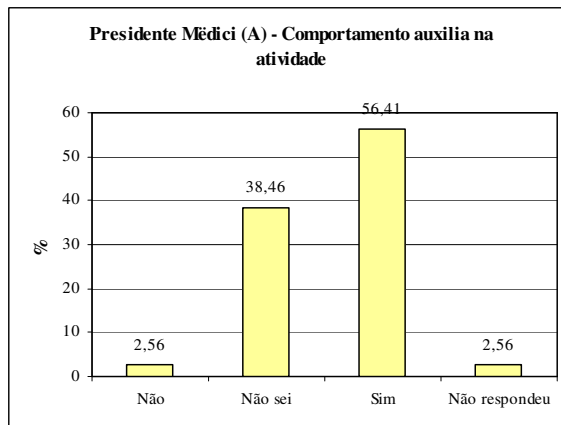


Gráfico – Médico – Aluno: Participação ecológica em campanha

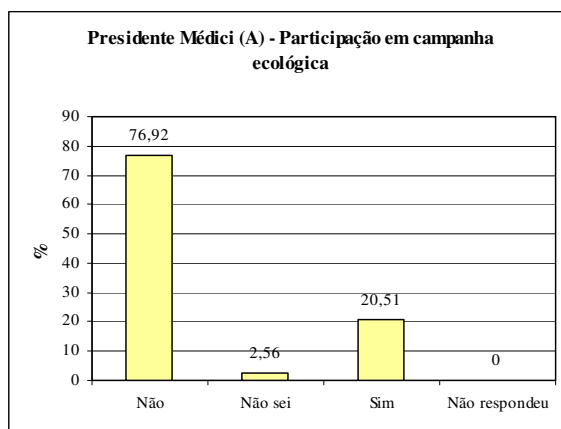


Gráfico – Médici – Professor: Gênero

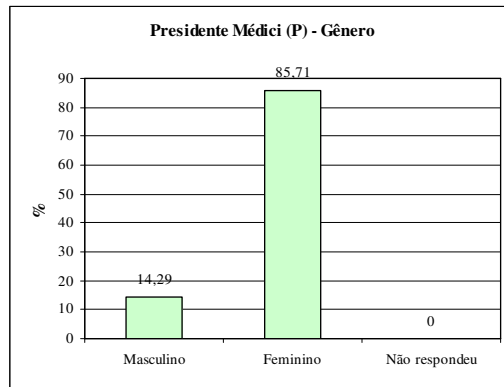


Gráfico – Médici – Professor : Renda familiar

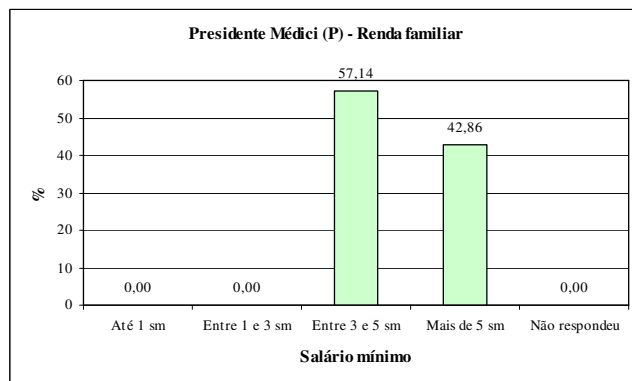


Gráfico – Médici – Professor: Necessidade de mudanças

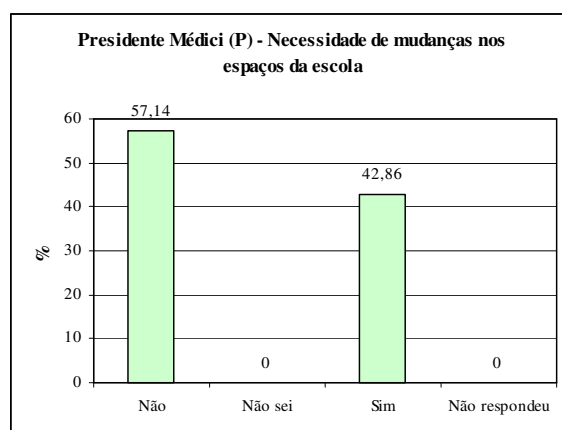


Gráfico – Médici – Professor: Atividades que acontecem na escola

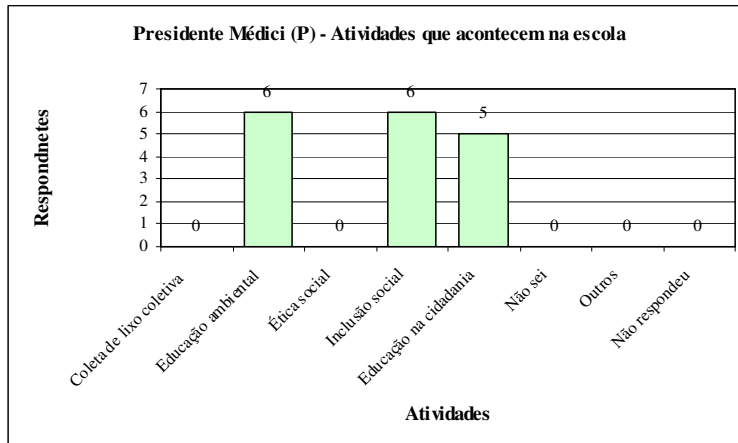


Gráfico – Médici – Professor: Ambientes que acomodam as atividades

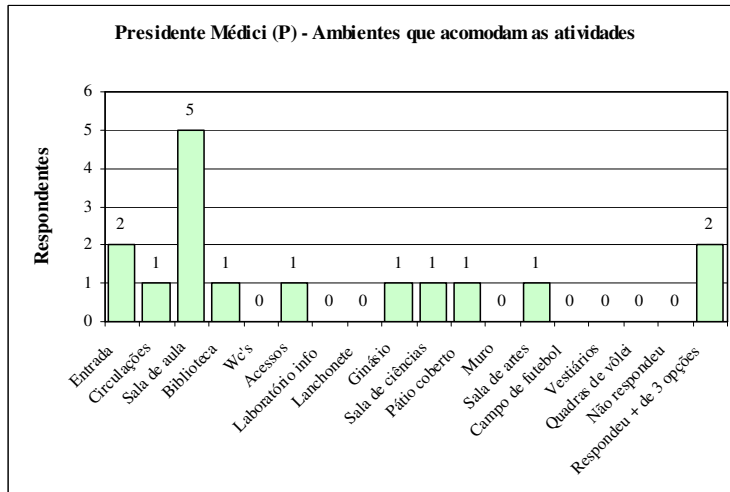


Gráfico – Médici – Professor: Responsabilidade pela manutenção

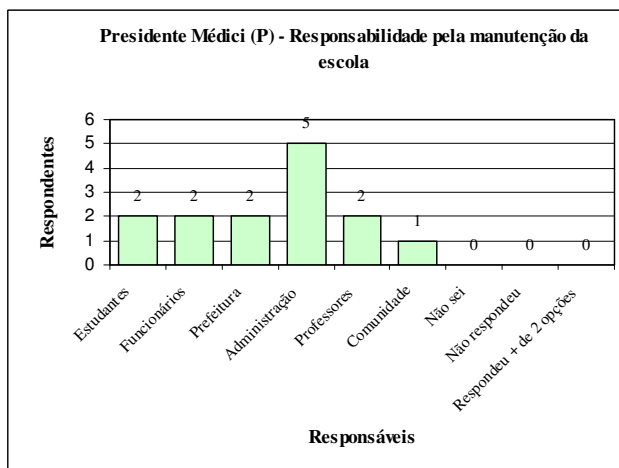


Gráfico – Médici – Professor: PPP x Ambiente Físico

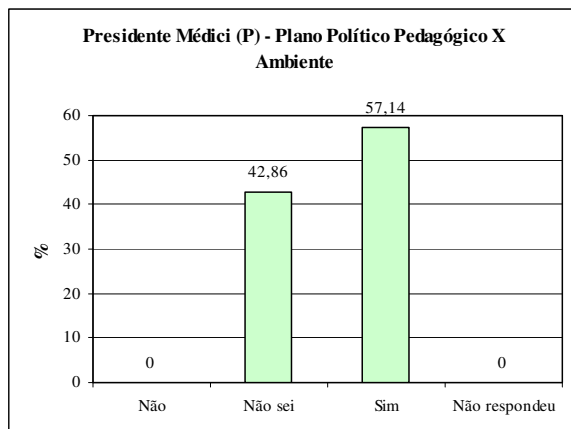


Gráfico – Médici – Professor: Participação em campanha ecológica

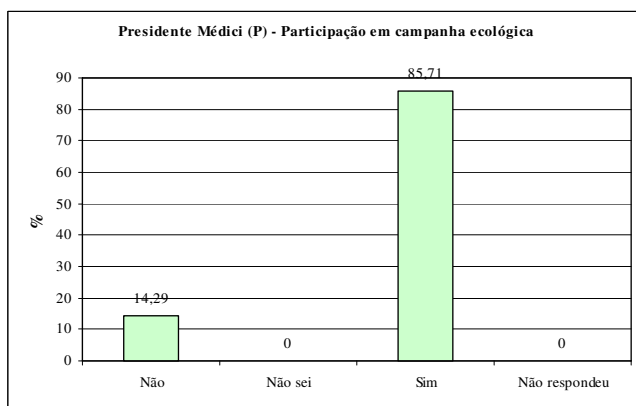


Gráfico – Médici – Funcionário: Renda familiar

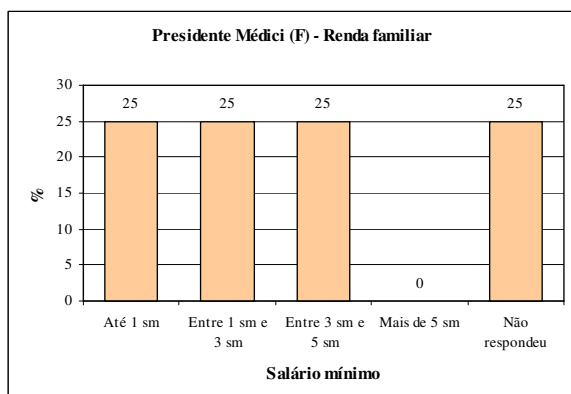


Gráfico – Médico – Funcionário: Necessidade de mudanças

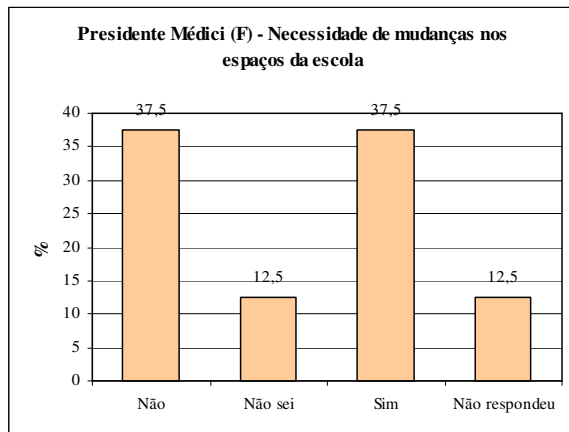


Gráfico – Médico – Funcionário: Atividades que acontecem na escola

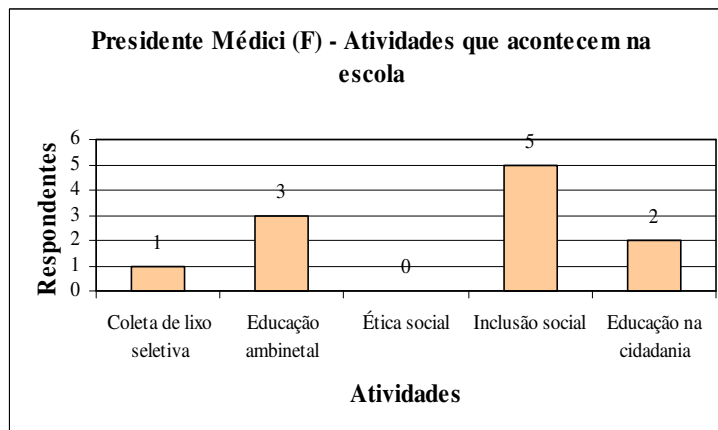


Gráfico – Médico – Funcionário: Ambientes que acomodam as atividades

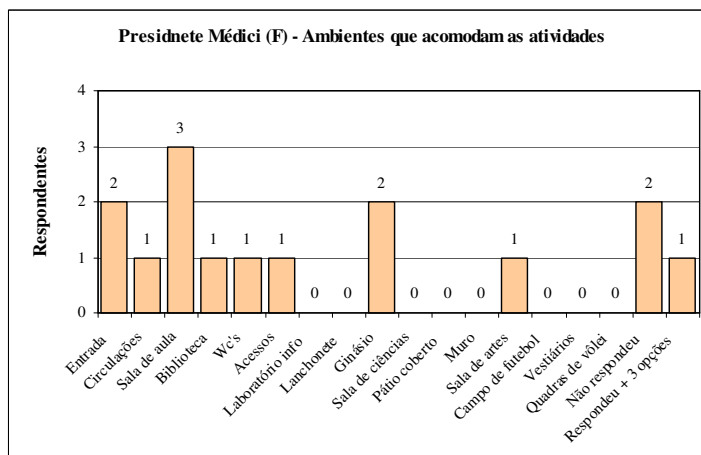


Gráfico – Médici – Funcionário: Responsabilidade pela manutenção

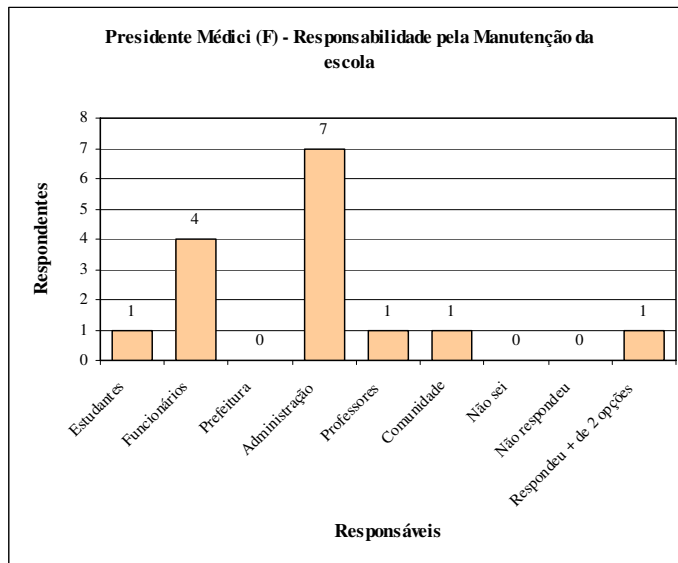


Gráfico – Médici – Funcionário: Profissão ajuda nas atividades

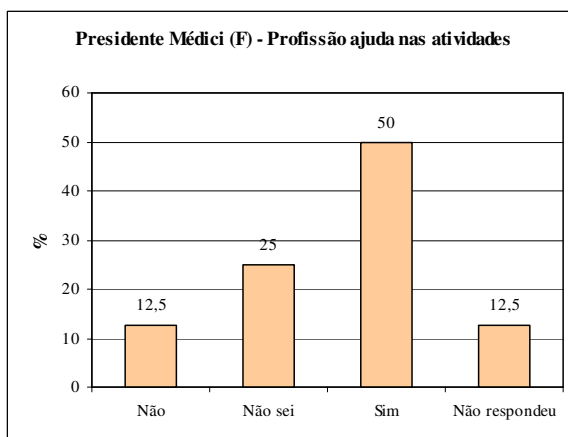
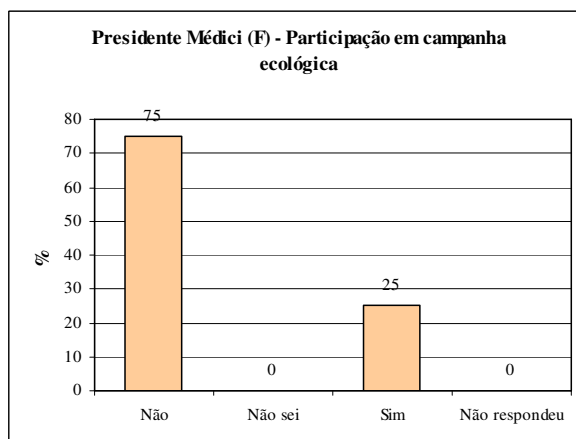


Gráfico – Médici – Funcionário: Participação em campanha ecológica



ANEXO

Anexos		Nº
		Pg.
Anexo 1	Folder da escola Sequi	04

ANEXO 1 – Folder da escola Sesqui

Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem

Sesquicentenário

ENDEREÇO:

Rua Orestes Lisboa, S/N • Bairro dos Estados
João Pessoa • 1996

1. HISTÓRICO

Em 1992 foi criada a COOPERATIVA DE ENSINO DE JOÃO PESSOA LTDA., oriunda da preocupação de alguns pais com a situação caótica do ensino público no país e da conscientização de que a responsabilidade de "fazer alguma coisa" não é só do poder público.

Sendo assim, professores da UFPB, profissionais liberais, funcionários de estatais e outros uniram-se e resolveram matricular seus filhos numa escola estadual e participar efetivamente do seu funcionamento.

Para que isso ocorresse foi necessário a mudança das metodologias e posturas em vigor, responsáveis pela pouca credibilidade do ensino público, a ponto dos próprios profissionais que nele trabalham (professores e funcionários) ou os que são responsáveis por ele (governantes e políticos) não ousarem colocar seus filhos nas escolas estaduais.

No ano letivo de 1992, cento e seis (106) pais cooperativados matricularam seus filhos na EEPSEG Sesquicentenário. Vale salientar, que em 1991, essa escola contou com apenas 417 (quatrocentos e dezessete) alunos matriculados e com uma frequência de pouco mais de 50%. E que, com a nova proposta apresentada pela Cooperativa, que contava com o envolvimento de pesquisadores/educadores da UFPB, o número de alunos matriculados passou dos 417 para 1.562.

Para suprir a reconhecida falta de diretriz e metodologia pedagógica dos professores do Estado, a Cooperativa colocou sob seus encargos financeiros um grupo de assessores de reconhecida competência na comunidade científica, que alicerçaram as mudanças e as inovações metodológicas necessárias, principalmente, a reciclagem contínua a serviço dos professores da Escola.

Por se tratar de um Projeto inovador, o seu raio de ação, em 1992, atingiu inicialmente a primeira fase do 1º Grau (do pré-escolar à quarta série). Mas os resultados alcançados naquele ano referendaram a credibilidade do grupo responsável por ele tanto junto aos pais, como também, junto a outras comunidades que passaram a procurar a Cooperativa para conhecer o trabalho ali desenvolvido.

Com a certeza de que este é um dos caminhos para o soerguimento da Escola Pública, foi que surgiu a idéia de transformar a escola em CENTRO ESTADUAL EXPERIMENTAL DE ENSINO-APRENDIZAGEM SESQUICENTENÁRIO, para que se pudesse ampliar, dentro dele, as metodologias e diretrizes da primeira fase e, também, a seguir, assessorar outras unidades de ensino.

2. O PROGRAMA DE QUALIDADE

Em termos globais, o Programa de Qualidade em desenvolvimento neste Centro tem as seguintes diretrizes:

Meta 01

Quebrar o paradigma de que existe referenciais diferentes para escolas públicas e particulares, uma escola precisa ser boa (ou mesmo ótima) seja ela pública ou particular. (Referência usual na população "...para uma escola pública ela é boa", ou seja, já se classifica tendo por base parâmetros bem mais condescendentes).

Meta 02

Acabar com a referência de que o que é público não é de ninguém, o público é nosso e para tanto temos responsabilidades sobre ele. Buscamos que a comunidade trate a escola como a "sua escola", cuidando, propondo ações que a deixe como todos gostariam que fosse.

Meta 03

Uma gestão participativa, toda a comunidade é co-responsável por todas as ações inerentes ao funcionamento da escola.

Meta 04

Valorização de seu quadro de pessoal, a nível docente mantendo um programa de assessoria pedagógica permanente e buscando que o docente/técnico tenha condições de desenvolver suas atividades; a nível de pessoal médio e de apoio procurando as potencialidades de cada um e valorizando os trabalhos desenvolvidos.

Meta 06

Trazer a comunidade científica para discutir a realidade do processo ensino-aprendizagem fora dos muros das Universidades, aliando o saber científico com o saber do cotidiano das pessoas que estão na linha de frente do processo de ensino: do ensino fundamental ao segundo grau.

Meta 07

Discutir com os que fazem a política educacional do Estado/País sobre as necessidades reais do ensino público - dáyoz à escola pública.

3. AS AÇÕES

Dentre outras, ressaltam-se as principais ações a serem desenvolvidas para operacionalização das diretrizes:

01. Programa de Qualificação Permanente para o corpo docente nas seguintes áreas: Matemática, Língua Portuguesa, Estudos Sociais, Ciências, Inglês, História, Geografia e Educação Artística. Este programa é desenvolvido através de assessorias (semanais para a primeira fase do primeiro grau e quinzenal para os outros) com duração de três horas em média, cursos de aperfeiçoamento em conteúdos específicos, definidos em função das necessidades reais do professor, do conhecimento em si e do desenvolvimento cognitivo.
02. Estruturação de Laboratórios de Ensino nas áreas de Matemática, Ciências, Geociências, Inglês, Arte-educação e Oficina de Papel Reciclado.
03. Programa de leitura: "Quem conta um conto, ganha um ponto". Acima do hábito de ler, busca-se o prazer da leitura.
04. Implementação do acervo e uso da biblioteca e criação de uma biblioteca para o professor abrangendo não só uma bibliografia complementar de livros científicos, mas também literários.
05. Uso de multimeios nas aulas, principalmente o vídeo, projetor de slides e retroprojetor.
06. Programa de Incentivo à Prática Desportiva com ênfase na valorização da criança e do adolescente, fazendo da escola um "lugar de encontro". Incremento de modalidades esportivas através da criação de Escolinhas e formação de equipes.
07. Redimensionamento das funções físicas da escola colocando o aluno como o "cliente preferencial" no uso dos seus espaços.
08. Redistribuição dos funcionários administrativos segundo seus interesses e formação profissional, favorecendo o seu envolvimento com um trabalho de qualidade, junção do prazer - saber fazer - fazer.
09. Informatização da escola, iniciamos com um micro para as atividades administrativas (a Coordenação de Informática da SEC/PB está desenvolvendo um programa de acompanhamento dos alunos). Para 96, com a ajuda da Cooperativa e empresários locais, instalamos um micro para uso dos professores. Para 97 pretendemos ter máquinas para nossos alunos.
10. Política de Moralidade Autônoma - a partir da democratização dos espaços - Conselho de Centro, Conse-

lho de Classe, Assembléia de Pais – e descentralização das decisões, colocando cada membro da escola no pleno exercício do poder emanado de suas funções.

11. Realização de Estudos de revisão de conteúdos com vistas ao vestibular "SESQUIBULAR" atendendo 300 alunos de outras unidades da rede pública de ensino, aos sábados.

4. OUTRAS INFORMAÇÕES

- De acordo com convênio firmado entre a Cooperativa de Ensino de João Pessoa Ltda e a Secretaria da Educação e Cultura, em contrapartida ao apoio pedagógico oferecido pela Cooperativa, 40% das vagas do Centro são da Cooperativa;
- O ingresso no Sesquicentenário é feito através de exame de seleção;
- As inscrições para o exame de seleção ocorrem anualmente, no mês de novembro, e a seleção em dezembro.

CONCLUSÃO

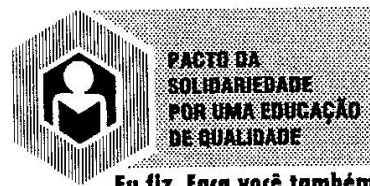
O projeto tem hoje a credibilidade da população, visto a grande procura pelas poucas vagas existentes – ressaltamos o nosso índice de evasão: zero na primeira fase, 2% na segunda fase diurna, porém, no turno da noite, ainda estamos com uma taxa de evasão em torno de 30% – tem exigido a realização de prova de seleção onde a média chega a 30 alunos para cada vaga.

Os índices de aproveitamento: em 1996 tivemos uma média de 97% na primeira fase do primeiro grau, 75% na segunda fase e 70% no segundo grau.

Tem sido significativo o número de alunos que passam nos testes de seleção seja da Escola Técnica ou Universidade.

Como apoio ao desenvolvimento do projeto, dois anos depois – em janeiro de 1994 – o Governador do Estado concedeu uma gratificação de um salário mínimo para docentes e técnicos e meio para o pessoal de apoio envolvidos neste trabalho, gratificação esta que é renovada anualmente e que até o momento não teve problemas.

Fatos relevantes para 1996: – duas escolas da rede iniciaram, por iniciativa própria, um programa de qualidade estando participado das nossas assessorias pedagógicas; o representante da UNICEF tem difundido o nosso trabalho incluindo-o nos eventos sobre educação que tem apoiado.



Eu fiz. Faça você também.

O QUE É

Pacto quer dizer "convenção", "acordo", "ajuste", "contrato" e "constituição". É uma palavra de origem nobre – do latim **pactu** – e usada na adoção de causas igualmente nobres. Vive constantemente associada a outra palavra de significado abrangente: **parceria** ou "reunião de indivíduos para certo fim de interesse comum".

O **Pacto da Solidariedade por uma Educação de Qualidade** é uma proposta de parceria, do Governo do Estado, às prefeituras e à sociedade em geral visando a minimizar índices negativos do setor educacional paraibano, afetado por números assustadores de repetência nos 1º e 2º Graus, de analfabetismo entre jovens e adultos, escolas deterioradas e outros graves problemas.

É, como explica o secretário da Educação e Cultura, Iveraldo Lucena da Costa, um importante programa em que os técnicos da SEC irão procurar implementar, envolvendo diretores de escolas públicas, professores e estudantes. "É a única maneira de a Paraíba melhorar a qualidade do ensino".

Através desse **pacto** também se procura o comprometimento dos prefeitos e suas comunidades, mobilizando os diversos segmentos da sociedade paraibana, especialmente os seus dirigentes, para reverter uma situação preocupante vivida pela área educacional, que vem se arrastando ao longo dos anos.

A escola brasileira está ruim, nos aspectos espiritual e material, pois também seus equipamentos encontram-se em péssimas condições – acrescenta o secretário. "A educação é uma das obrigações governamentais que mais requer a ação solidária do Poder Público e o atendimento ao direito à Educação, frente às demandas e aos limitados meios existentes, exige, cada vez mais, a parceria entre os responsáveis pela sua oferta, inclusive a Constituição Federal já prescreve que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem organizar seus respectivos sistemas de ensino em **regime de colaboração** (Artigo 210)".



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)